

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARCOS FERNANDES LIMA

**“SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: O MST E O PAPEL DA
FAMÍLIA NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ
(1989-1996)**

TERESINA-PI
ABRIL/2007

MARCOS FERNANDES LIMA

**“SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: O MST E O PAPEL DA
FAMÍLIA NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ
(1989-1996)**

Monografia exigida como trabalho final
de conclusão do Curso de Licenciatura
Plena em História, da Universidade
Federal do Piauí, sob orientação da Prof^a.
Ms. Maria do Socorro Rangel

TERESINA-PI
ABRIL/2007

MARCOS FERNANDES LIMA

**“SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: O MST E O PAPEL DA
FAMÍLIA NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ
(1989-1996)**

Aprovado em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profª. MSc. Maria do Socorro Rangel
Orientadora

Prof. MSc: Antônio Melo Filho
Membro

Prof. MSc. Antônio Fonseca Neto
Membro

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho começou quando em 2001 decido abandonar o curso de Geografia e passo a me dedicar apenas ao curso de História. De lá para cá se passaram intensos seis anos onde procurei viver, cada dia dessa experiência acadêmica, como um aprendizado para toda minha vida. Como em toda experiência de vida tive dias felizes e tristes, mas consegui superá-los! No entanto, devo esta vitória a muitos companheiros e companheiras que me fortaleceram e, portanto, contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, a todos, sem exceção. Mas gostaria de agradecer especialmente àqueles que me ajudaram mais de perto a ser a pessoa que sou hoje. Aos meus avós paternos, Maria das Mercês Lima – “Florzinha” – e Manuel Fernandes Lima – “Iôio” –, que tanto sonharam em me ver formado, mas que infelizmente não puderam realizar este sonho. A eles eu devo muito do que eu sou a final de contas, eles foram meus “primeiros” pais onde vivi os primeiros doze anos de minha vida. “Obrigado pai! Obrigado mamãe!” Às minhas tias-mães, que também convive durante o período em que morei com meus avós paternos, só tenho que agradecer-las, pois elas e meus avós me proporcionaram a infância mais “bela” e “doce” que uma criança pode ter. São elas: tia Teresinha, Lúcia, Aparecida, “Mundinha”, “Lenir”, “Geninha”, Guadalupe.

Depois de ter vivido essa infância perfeita e logo após ter perdido a mulher que mais amei até hoje: minha avó “florzinha” fui morar com meus pais: Horácio Fernandes Lima Neto e Júlia Fernandes Lima; e com meus irmãos: Marconis Fernandes Lima e Morgana Fernandes Lima. Iniciamos juntos uma nova fase e como todo recomeço: algumas dificuldades se impõem! Nossa convivência muitas vezes conflituosa, aos poucos foi se consolidando, e com eles pude aprender coisas maravilhosas. Com meu pai, aprendi a ser honesto e a batalhar em busca de meus sonhos; com minha mãe aprendi, essencialmente, a amar as pessoas sem distinções de cor, raça, credo ou qualquer outro tipo de preconceito; com minha irmã aprendi a ser uma pessoa paciente, pois nossa relação muitas vezes foi bastante tensa, mas felizmente conseguimos superar essas diferenças e tenho certeza que ela sabe que quando necessitar de minha ajuda estarei sempre aqui para ajudar. Finalmente, agradeço a meu irmão Marconis que me inspirou a trilhar o caminho da indignação política frente às

injustiças e mazelas sociais enfrentadas pelos milhões de trabalhadores e trabalhadoras de nosso país e do mundo. A você devo muito do que sou hoje, principalmente, por você é que eu pude experimentar este novo convívio familiar. E ao meu querido e amado sobrinho João Victor agradeço pela suas gargalhadas e as suas travessuras que me ajudaram a tornar à acreditar que enquanto “houver vida, há esperança”. A todos, muito obrigado e saibam que os amo.

Aos demais familiares, avós maternos, tios e tias, primos e primas que, de uma forma ou de outra contribuíram e/ou ainda contribuem para minha formação humana. Mas ainda gostaria de destacar duas pessoas em especial, Paulo Henrique, mas que um primo, um amigo que sei que posso contar nos momentos difíceis e que inclusive contribuiu diretamente para que esse trabalho fosse concretizado, realizando o trabalho de digitalização das fotos do Jornal “O Dia”; e a Taianni Rocha, minha cunhada, que tanto me apoiou e torceu para que este trabalho fosse realizado.

Aos meus queridos e “imprescindíveis” amigos, cuja amizade, superou muitas vezes momentos difíceis ou tristes. Agradeço a cada um de vocês por terem compartilhado comigo momentos importantes de suas vidas. Dentre esses, gostaria de destacar aqueles que me ajudaram a pensar esta pesquisa: Ricardo Magno, Tatiane Soares, Fernando Barbosa e Marcones Herbert, a todos muito obrigado.

A todos os professores da UFPI, aos bons e aos ruins, que tive a oportunidade de cursar disciplinas e/ou conviver mais de perto no dia-a-dia acadêmico. Aos primeiros, agradeço aos ensinamentos que muito contribuíram para minha formação acadêmica e humana; aos últimos, por terem me servido de “exemplo” de como não devo agir enquanto educador. Destacadamente agradeço aqueles com os quais convivi mais intensamente ao longo desses últimos seis anos, e que também me incentivaram a desenvolver as pesquisas sobre este tema monográfico. São eles: Paulo Ângelo de Meneses, João Kennedy Eugênio, Antonio Melo Filho e Antonio Fonseca dos Santos Neto. Hoje, posso dizer que estes são mais que mestres, são também meus amigos.

Contudo, agradeço as pessoas que mais contribuíram e vivenciaram de perto cada instante desta difícil empreitada.

Aos companheiros e companheiras Sem Terra que me deram a oportunidade de me tornar um amigo, não apenas no Movimento, mas também – mesmo que por alguns instantes – membro de suas valorosas famílias.

Ao amigo Sérgio Luis Simeão Silva, por todo seu companheirismo, atenção e paciência de ter-me “suportado” por todos esses anos. Saiba que a maior vitória conquistada por mim na realização desta pesquisa, não se materializou nesse texto, mas sim no fato de que hoje posso contar com mais um “amigo-irmão”.

À minha querida e insubstituível orientadora Maria do Socorro Rangel. Saiba que eu só não desisti do curso por sua causa, pois sua “dedicação exclusiva” – a mim e ao Sérgio – e sua paciência e sabedoria inesgotável foram “meu chão e meu céu” nesta empreitada acadêmica. A você devo muito não apenas ao historiador que me tornei, mas também a pessoa que hoje sou. “Obrigado Margarida!”

Finalmente, quero agradecer a minha amada Taiane Soares. Você surgiu em minha vida justamente no momento em que eu procurava definir os rumos dessa pesquisa, e hoje, ao olhar para trás, tenho certeza de que sem você eu não teria conseguido chegar até aqui. Seu amor representa para mim o mais profundo e intenso sentimento que já pude compartilhar com alguém, e por isso, transformou-se naquele “nosso” *Relicário*, poetizado por Nando Reis. E claro, como fruto do “nosso amor”, eu não poderia esquecer-me de agradecer ao companheirismo de “nosso filho”, “Marx”, o gato (animal) mais inteligente e “revolucionário do mundo”.

Dedico este trabalho,

A todos os trabalhadores e trabalhadoras – do campo e da cidade – do Brasil e do mundo. Mas em especial aos companheiros e companheiras do Movimento Sem Terra do Piauí, que tanto lutaram – e ainda lutam – para construir um futuro melhor onde não haja exploradores e nem explorados. “De uma forma muito especial, aos assentados-amigos do Assentamento Marrecas que me confiaram um pouco das suas histórias de vida”;

À minha família, minha mais importante experiência de vida;

À Taiane Soares Vieira, minha amada;

À Maria do Socorro Rangel, minha fonte de inspiração intelectual.

Elogio da Dialética

A injustiça passeia pelas ruas
Com passos seguros.
Os dominadores se
Estabelecem por dez mil anos.
Só a força os garante.
Tudo ficará como está.
Nenhuma voz se levanta além
Da voz dos dominadores.
No mercado da exploração se
Diz em voz alta:
Agora acaba de começar!
E entre os oprimidos muitos dizem:
Não se realizará jamais o que queremos!
O que ainda vive não diga: jamais!
O seguro não é seguro.
Como está não ficará.
Quando os dominadores falarem
Falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a
Continuação desse domínio?
De quem depende a sua destruição?
Igualmente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!
Quem reconhece a situação
Como pode calar-se?
Os vencidos de agora serão os
Vencedores de amanhã.
E o "hoje" nascerá do "jamais".

Bertold Brecht

RESUMO

A constituição política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Piauí é articulada a partir de várias experiências acumuladas ao longo da vida dos sujeitos sociais que o constituem. Durante esta caminhada de luta por terra, Reforma Agrária e dignidade, vários fatores contribuíram para que o MST tornar-se o que ele representa hoje, para o país, e principalmente, para seus militantes. Destes inúmeros e distintos aspectos que forjam sua história, um destaca-se nessa difícil trajetória, o papel exercido pela família dos trabalhadores rurais para a consolidação do mesmo (STÉDILE, 1999). Também aqui, no Piauí, o Movimento Sem Terra, é alicerçado a partir das vivências, da organização e estruturação das famílias de trabalhadores rurais que, antes de ingressarem em suas “fileiras” já militavam junto à CPT-PI (Comissão Pastoral da Terra-PI). Desde e, neste, momento de ebulição Política e Social surge o MST em terras piauienses, e então, realizasse a primeira ocupação de latifúndios improdutivos no Estado (Assentamento Marrecas em São João do Piauí, em junho de 1989). O objetivo é contar o desenrolar desta “trama histórica” no intuito de mostrarmos o valor simbólico desta primeira ocupação, bem como a família se incorporou a este projeto político, constituindo-se também em um símbolo da luta e resistência não apenas destes trabalhadores, mas também para os que se incorporaram – e ainda hoje se incorporam – a esta lenta e infinda caminhada.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos Sociais. Reforma Agrária. Memória. Trajetórias Familiares.

ABSTRACT

The political constitution of the Movement of the Sem Terra do Piauí is articulated starting from several accumulated experiences along the life of the social subjects that constituting. During this fight for earth, the Agrarian Reforms and dignity, several factors contributed so that MST is turned that he represents today, to the country, and mainly, for your militants. Of these countless and different aspects that forge your history, one stands out in that difficult path, the paper exercised by the rural workers' family for the consolidation of the same (STÉDILE, 1999). Also here, in Piauí, the Movement Without Earth, it is found starting from the existences, of the organization and structuring of the rural workers' families that, before they entering in your " arrays " they already militated close to CPT-PI (Pastoral Commission of the Earth-pi). om and, in this, moment of Political and Social ebullition MST appears in lands piauienses, and then, it accomplished the first occupation of latifundia of unproductive in the State (Assentamento Marrecas in São João from Piauí, in June of 1989). THE objective is to count uncoiling of this " historical " plot in the intention of we show the symbolic value of this first occupation and as the family he/she incorporated to this political project, being also constituted not just in a symbol of the fight and resistance of these workers, but also for the ones that they incorporated - and still today incorporate - the this slow one and walked infinda.

KEY- WORDS: Movements.Social. Reforms Agrarian. Memory. Paths Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - TRAJETÓRIAS FAMILIARES E A GÊNESE DO MST NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ	24
1.1 O início de uma longa caminhada... à “Terra nossa, Liberdade.”	25
1.2 A CPT e o surgimento do MST no Piauí.....	47
CAPÍTULO II - ROMPENDO AS CERCAS: “OCUPAR, RESISTIR E PRODUZIR”	65
2.1 Ocupar	72
2.2 Resistir	87
2.3 Produzir	102
CAPÍTULO III - A LUTA CONTINUA: PAIS E FILHOS SEM TERRA ENFRENTANDO NOVOS E VELHOS DESAFIOS	115
3.1. Re-nascer	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

“SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: O MST E O PAPEL DA FAMÍLIA NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ.

Levantados do chão¹

Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão.

Como em sonho correr uma estrada?
Deslizando no mesmo lugar?
Como em sonho perder a passada
E no oco da terra tombar?

Como então? Desgarrados da terra?
Como assim levantados do chão?
Ou na planta dos pés uma terra
Como a água na palma da mão?

Habilitar uma lama sem fundo?
Como em cama de pó se deitar?
Num balanço de rede sem rede?
Ver o mundo de pernas pro ar?

Como assim? Levitante colono?
Pasto aéreo? Celeste curral?
Um rebanho nas nuvens? Mas como?
Boi alado? Alazão sideral?

Que esquisita lavoura! Mas como?
Um arado no espaço? Será?
Choverá que laranja? Que pomo?
Gomo? Sumo? Granizo? Maná?

¹ Música de Chico Buarque, CD – Terra, lançado em 1997 junto com o livro “**Terra**” de Sebastião Salgado. O lucro da venda do livro e do CD foi doado para o MST e viabilizou a construção da Escola Nacional Florestan Fernandes.

UMA HISTÓRIA DESSA HISTÓRIA²

Há alguns anos atrás, quando iniciei o curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Federal do Piauí, tive a oportunidade de trabalhar em um Projeto de Educação de Jovens e Adultos do PRONERA (Programa Nacional de Educação Agrária). A partir daquele momento, eu percebi que iniciaria ali uma experiência única, e como tal, marcante para o resto da minha vida.

Iniciei no projeto com muitos desejos, ansioso pelas descobertas, e elas foram tantas que muitas vezes me atropelaram. Hoje, olhando para trás para fabricar esta memória ainda sinto o impacto daquele encontro inesquecível: “Como então? Desgarrados da terra?// como assim? Levantados do chão?// Como embaixo dos pés uma terra// Como água escorrendo da mão.”³

Cheguei ao assentamento rural em Altos, na garupa da moto do companheiro Fernando Barbosa, assentado e, então, uma das lideranças da Federação dos trabalhadores na Agricultura – FETAG-PI. Eram 19h30min, e fomos direto para a escola onde a comunidade já nos esperava para as apresentações de praxe. Já naquele primeiro encontro, enquanto nos apresentávamos, eu me perguntava como aquelas pessoas tinham força para estarem ali, depois de um dia intenso de trabalho pesado sob o sol escaldante da nossa terra. “Como em sonho correr uma estrada?// Deslizando no mesmo lugar?// Como em sonho perder a passada// E no oco da terra tombar?”⁴ Eu, do meu lugar de futuro professor, me perguntava com o que sonhavam meus futuros alunos. O que esperavam de mim depois de uma vida inteira sem acesso a escola formal? Como enfrentaríamos esta herança de exclusão, e mais, como enfrentaríamos o cansaço e todas as outras dificuldades que ainda hoje eles têm que enfrentar? A sala improvisada era de terra batida e cheia de goteiras. Cadeiras, só algumas e o quadro minúsculo logo se tornou um problema que não tivemos como solucionar, pois ao cansaço do trabalho se somava o “cansaço das vistas”. Já tinha mais de cinquenta anos a maioria dos meus alunos.

² Aproprio-me aqui do Título da apresentação da Tese de Mestrado da professora Maria do Socorro Rangel, “**Medo da morte; esperança de vida**. A história das ligas camponesas na Paraíba”, defendida em agosto de 2000. Unicamp, São Paulo, p.: 08.

³ Trecho da música “Levantados do chão”. Ibidem.

⁴ Idem. Ibidem.

Mas ao longo de nossa conversa, fui observando muito mais do que sofrimento e impossibilidades, que por sinal não eram poucos. Eles eram alegres e fortes. Sua experiência constituída de tantos momentos difíceis e violentos abarcava também o amor e a esperança, que eram transformados em combustível para a luta de todo dia. Amor pela vida, amor pela família e amor pela terra. Terra que não pode ser vista como separada de suas vidas, nem de seus corpos, pois eles foram forjados, desde os primeiros instantes, pelo cheiro e calor do nosso chão quente e fértil. Assim, misturados à terra eles se construíram e constroem sua história. Suas falas risonhas e cheias de esperança fizeram-me despertar para a necessidade de contar sua história. Uma história que a maioria de nós, piauienses, só conhece pelas lentes desfocadas da imprensa sensacionalista: “Sem terra invadem mais uma propriedade!”, “Baderna e confusão em mais uma ação dos sem-terra”. Onde a alegria? Onde o sonho? Onde a luta de uma vida inteira, na verdade, de muitas e muitas vidas? “Como então desgarrados da terra? // Como assim? Levantados do chão?// Ou na planta dos pés uma terra//Como água na palma da mão?// Habitar uma lama sem fundo?// Como em cama de pó se deitar?// Num balanço de rede sem rede?// Ver o mundo de pernas pro ar?”⁵

No entanto, os vínculos estavam criados, e mesmo após o fim daquela etapa do projeto, nos reunimos para discutir a viabilização para continuidade do processo de educação que apenas se iniciava.

Particularmente, eu atravessava uma fase de muitas dúvidas com relação a minha experiência acadêmica, principalmente no que dizia respeito à Monografia de fim de curso. Em meio às dúvidas, uma única certeza: eu devo e vou contar um pouco da história de vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais no estado do Piauí! Apesar de não ter ainda muito claro como trabalhar este tema, eu tinha a certeza que era ele, como se ele tivesse me escolhido.⁶

Passado um ano e meio do término do projeto, tive a oportunidade de participar novamente de uma experiência como aquela. Iniciava-se mais uma etapa no longo, e infindo, caminho da educação nas áreas de Reforma Agrária no Piauí.

⁵ Trecho da música “Levantados do chão”. Ibidem.

⁶ Refiro-me aqui a idéia apresentada por Sidney Mintz no texto “Encontrando Taso, me descobrindo”, onde o autor descreve a relação dele enquanto pesquisador com o seu entrevistado, discutindo as várias interpretações para com Taso, seu entrevistado, inclusive a percepção de que não fora ele Mintz que escolheu o seu “objeto de estudo”, mas sim o contrário. Esta percepção, talvez tenha ocorrido devido à afinidade com o tema desde o primeiro contato, proporcionando uma sensação de que este o escolheu para desvendar seus “mistérios”. Uma sensação descrita não só por Mintz, mas também por vários outros pesquisadores. MINTZ, Sidney W. “**Encontrando Tasso me descobrindo**”. In: Revista Dados. Vol. 27, nº. 01, 1984. p. 45-58.

Iniciei o projeto decidido, e logo fui atuar como aluno-pesquisador nas áreas de assentamentos do MST, mais especificamente na região sul do Piauí, São João do Piauí, no assentamento Marrecas.⁷ Marrecas é o berço da luta e da conquista da terra em nosso estado. Marco simbólico de um povo, de nosso guerreiro e humilde povo piauiense. Lá encontrei, de novo, histórias de luta e de esperanças. Sorrisos, coragem e força. Encontrei também uma memória construída e preservada como exemplo: eles haviam conseguido!

Eu, que com eles aprendi a sonhar, podia contar suas histórias feitas de mortes, de sofrimentos, de desafios, mas também de conquistas, de alegrias e de novos desafios.

Minha identificação com o MST tem pressupostos que gostaria de explicitar. Primeiro, por sua história de resistência num momento de reflexo das lutas sociais no Brasil; segundo pela impressionante longevidade de sua trajetória. O que constitui sua força? Como explicar esta unidade que atravessou décadas? Que incorpora várias gerações? Que se mantém apesar da diversidade de condições e interesses de seus próprios membros (assentados, acampados; militantes jovens, velhos militantes; militantes, simpatizantes; particularidades locais, projeto nacional)?

Eu um militante estudantil me identificava, e até hoje me identifico, com o movimento – MST –, principalmente quando este era atacado pela “grande” imprensa, pelas elites políticas de nosso país, mas acima de tudo, o que mais me incomodava eram os ataques que surgiam dentro da própria universidade. Alguns eram frutos da ignorância, muitos da prepotência. A oportunidade de conhecer o Movimento mais de perto e, posso até dizer, por dentro, me ajudou a entender seu projeto.

Eu já tinha, então, um tema embora ainda não tivessem claras as questões, as fontes e as metodologias de pesquisa. A angústia crescia na medida em que eu assumia a “missão” de tornar públicas as histórias daquelas vidas. Como definir e diferenciar o meu lugar de militante do meu lugar de historiador? A leitura da autobiografia do Hobsbawm⁸ me ajudou a resolver este impasse, pois segundo ele:

⁷ O Assentamento Marrecas foi a primeira área de ocupação de terras no estado do Piauí. Marco fundante das manifestações políticas do Movimento Sem Terra no Piauí. Ocupação realizada em 10 de Junho de 1989.

⁸ Eric J. Hobsbawm nasceu em 1917 em Alexandria no Egito. Atualmente leciona na New School for Social Research em Nova York. Publicou vários livros sobre o século XX, entre eles, sua autobiografia.

...A história necessita de distanciamento, não apenas das paixões, emoções, ideologias e temores de nossas próprias guerras religiosas, mas também das tentações ainda mais perigosas da “identidade”. A história exige mobilidade e capacidade de avaliar e explorar um vasto território, isto é, a capacidade de ir além das próprias raízes.⁹

No meio do ano de 2004 iniciamos uma nova etapa do Projeto de educação na Reforma Agrária (PRONERA), e junto com ela veio à esperança de dias melhores. Afinal de contas, vivenciamos o primeiro governo liderado por um partido que tinha sido idealizado pelos mais variados e amplos setores da esquerda brasileira, inclusive o MST. O partido em questão era o PT.¹⁰ Também no Piauí, a “onda vermelha” tinha sido “arrasadora”, pois a vitória do PT para o governo do Estado desbancou a elite política que há décadas se revezava no poder. O cenário político que se desenhava era animador, a realidade que nos esperava, não.

O projeto, emperrado por tramites burocráticos, incompetência e, a meu ver, má vontade política, não andava, ou melhor, se arrastava. As dificuldades foram aumentando, e com elas cresceram as dúvidas de como viabilizar a construção de minha monografia. Pensei em desistir, e quase me dei por vencido. Mas toda vez que eu realizava os acompanhamentos pedagógicos nos assentamentos, principalmente no Marrecas, e que escutava suas marcantes histórias de vida, eu me questionava se tinha o direito de desistir tão fácil, ainda mais por conta de tão pequenas dificuldades, frente aquelas enfrentadas pelos assentados no seu passado de trabalhadores sem terra e ainda agora quando a posse da terra é estímulo para novas lutas, suas e daqueles que ainda não tem terra. Neste momento ecoava em mim relatos como o de Dona Anisia, que gravei algum tempo depois:

(...) sou do município de Paulista, Piauí. Nós somos de uma região de Picos e nós lá, trabalhava a terra. Era pouca, era pequena, não dava pra gente trabalhar. (...) que a família da gente tava crescendo e não dava mais pra gente ficar lá. (...) a situação onde a gente morava né, era muito sofrida né. Muitas vezes também a gente trabalhava pro patrão né. A gente não trabalhava direto só pra gente, tinha que trabalhar pro patrão.¹¹

Então, numa das inúmeras viagens para Marrecas, em meados de janeiro de 2006, consegui clarear melhor o tema que já há alguns anos me inquietava. Viajou junto comigo um

⁹ HOBBSAWM, Eric j. “**Tempos interessantes**: uma vida no século XX”. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p: 451.

¹⁰ Partido dos Trabalhadores, fundado em 10 de fevereiro de 1980.

¹¹ ENTREVISTA. São João do Piauí, Agosto de 2006. Dona Anisia.

dos coordenadores pedagógicos do PRONERA, o amigo e companheiro Gerson Pereira. Íamos realizar um encontro de capacitação pedagógica e aproveitamos para levar o material didático-pedagógico da região sul, que já tinha se esgotado. Transportávamos em torno de umas doze caixas, por sinal muito pesadas.

Chegamos à estrada que dava acesso ao assentamento, às duas da madrugada. Descemos do ônibus com nossas bagagens e o pesado material pedagógico. O carro que deveria estar nos esperando para que fizéssemos o deslocamento até o assentamento, que ficava há uns seis quilômetros de distância, não estava lá. Então sentamos e esperamos cerca de trinta minutos. Depois disso, resolvemos ir a pé até o assentamento, deixamos as caixas e nossas mochilas escondidas no mato e caminhamos até o Marrecas.

Lembro, claramente, que durante toda a caminhada me vinham à memória as falas de alguns assentados, que tinham me relatado suas vidas, principalmente suas vidas após a ida para o assentamento. Não sei se foi a caminhada na madrugada; não sei se a conversa com meu companheiro de viagem, mas na verdade, naquele dia consegui vislumbrar um roteiro para este trabalho. Era um esboço, mas eu já sabia que o fio condutor desta monografia seria as histórias de vida daquela gente. Esta foi a primeira decisão que orientou todas as outras. Muitas histórias de vida foram documentadas nas entrevistas que aqui apresento. Trajetórias pessoais que na construção de uma memória social incorpora a experiência de luta e de sonhos vivida em comum:

(...) voltando aquele assunto lá do interior, porque é diferente a vida daqui da vida lá de onde a gente veio. Por que aqui a gente luta por todos, não luta só por mim, né, num luta só por uma pessoa. Luta por todo mundo que não tem. Por isso que é uma luta muito importante, eu acho muito importante que desde o dia que eu conheci pra mim não tem outra coisa. A saída é a gente ocupar terra e se organizar...¹²

¹² ENTREVISTA. Idem. Ibidem. Ver como a narrativa de Dona Anisia vai incorporando seus companheiros de luta, onde o discurso marcado pelas dificuldades enfrentadas pela família, vai aos poucos se alargando e constituindo uma memória coletiva. Neste momento suas dificuldades não são mais apenas suas, mas de todos os seus companheiros que como ela, resolveram entrar na luta por reforma agrária. Percebemos, portanto, como o MST vai articulando o seu projeto político, assim como podemos notar, como a experiência de militância, que ali se inicia, vai constituindo a militante Sem-Terra. A respeito da relação existente entre memória individual, memória coletiva e memória histórica ver HALBWACHS e sua definição de memória, principalmente seu conceito de memória individual, que segundo ele, depende do seu relacionamento com o grupo ao qual cada indivíduo pertence, como por exemplo, com sua família, sua classe, sua escola, igreja, profissão... Portanto, a Memória individual está amarrada à memória coletiva do grupo, mas esta interferência coletiva tem suas limitações. HALBWACHS, Maurice. “**A memória coletiva**”. São Paulo: Vértice, 1990. 189p.

Quando consegui transformar estas conversas pontuais, em histórias de vida eu entendi porque elas soavam como música aos meus ouvidos. Eu tinha em minhas mãos a possibilidade, consentida, de tomar público um pouco daquilo que a “grande” história havia silenciado. Mais do que ouvinte daquelas histórias, eu era parte deste empreendimento de construção da memória do grupo, e foi assim que o historiador foi aprendendo a incorporar ao seu repertório, “contos” contados e cantados como aquele que embalou os sonhos de Dona Antônia:

Moisés mandou alguns portadores,
 Ir visitar a terra prometida,
 Eles disseram que a terra é boa
 E tem muitas condições de vida.
 Mas não é fácil para conquistá-la,
 Porque os “grande” é quem manda lá,
 Eles oprimem o povo humilde
 E fica com tudo que a terra dá.¹³

Na “grande” história estes personagens cheios de vida e de esperança eram apenas “criaturas” que sofriam diante da seca. Como se esta especificidade climática do nosso semi-árido piauiense fosse a única marca que eles carregassem. Todas sempre iguais: “Seca Seculorum”.¹⁴ Tal discurso se renova claramente no final da década de 80 em matérias do jornal “O Dia”, cujos títulos explicitam a forma como eram vistas estas pessoas: “Seca mata 95 crianças na região sul do estado”¹⁵, “Seca ainda castiga os lavradores”¹⁶. Nenhuma palavra sobre exploração, desigualdade social, concentração de terras: “Como assim? Levitante colono?// Pasto aéreo? Celeste curral?// Um rebanho nas nuvens? Mas como?// Boi alado? Alazão sideral?// Que esquisita lavoura! Mas como?// Um arado no espaço? Será?//choverá que laranja? Que pomo?// Gomo? Sumo? Granizo? Maná?”¹⁷

O forte estranhamento diante da relação criada por Dona Antônio entre a fé e o discurso político, me exigiu discernimento para definir o meu lugar na construção desta memória. Eu não era, e não precisava ser igual a eles. Eu era solidário à sua luta e até me dispunha a participar dela, mas não poderia confundir meu lugar de militante com o meu lugar de historiador.

¹³ ENTREVISTA. São João do Piauí. Agosto de 2006. Dona Antonia.

¹⁴ Trabalho realizado por DOMINGOS NETO, Manoel e BORGES, Geraldo Almeida. “**Seca seculorum**: flagelo e mito na economia rural piauiense.” 2.ed. Teresina: Fundação Cepró, 1987.

¹⁵ Jornal O Dia. 03 e 04 de Setembro de 1989, p. 03.

¹⁶ Idem. 04 de Abril de 1989, p. 03 e 07.

¹⁷ Trecho da música “Levantados do chão”. Ibidem.

Uma das estratégias para alargar minha leitura destas histórias de vida, foi ampliar a pesquisa incorporando outras fontes, como os cadernos de formação de militantes, atas de reuniões, informativos, dossiês sobre a seca, histórias de vida escritas nos cursos de formação (memoriais), trabalhos produzidos nas salas de aula do assentamento Marrecas, músicas que retratam suas histórias de vida. Mas, a coleção mais regular pela periodicidade e pela uniformidade, foram os jornais.¹⁸

Encerramos nossa série documental com o cruzamento das fontes citadas acima, com textos e artigos cuja temática discutem, direta ou indiretamente, o problema vivenciado por aquelas famílias e que me permitiram clarear a proposta de escrever algo sobre elas. Todo este trabalho foi realizado em parceria e ao lado de meu companheiro de curso, de PRONERA, e a partir dali, companheiro também de tema monográfico, Sérgio Luis Simeão Silva.

Após encerrado este longo período de coleta e análise das fontes, quando começamos a problematizar as questões iniciais que tínhamos elencado, percebemos de maneira mais clara e objetiva quais as motivações que tinham tornado possível que homens, mulheres, idosos e crianças, enfim, famílias inteiras, decidissem enfrentar a secura que a vida camponesa no sertão do Piauí lhes impunha. A partir daí, pude compreender melhor a importância daquelas trajetórias marcantes onde tinham sido forjados sonhos, pesadelos, alegrias e sofrimentos. Eles não eram apenas seres humanos que viviam a mercê das dificuldades impostas pelo problema da seca, como nos queriam fazer crer os jornais. De que matéria se faz uma rebelde, neste caso, uma família rebelde?¹⁹

De experiências que foram se acumulando ao longo da vida, algumas como o sonho do acesso à terra, velhas de muitas gerações; outras únicas, apesar de comuns, como a morte dos filhos famintos ou o abandono do pai que foi embora para nunca mais. Todas elas, velhas e novas, coletivas e individuais, partilhadas ainda que não de forma verbal.

¹⁸ Inicialmente, foi feita uma coleta de dados no Arquivo Público do Piauí, onde o Jornal “O Dia” foi escolhido como acervo documental da imprensa piauiense a ser analisado. Para tanto, pesquisamos o período compreendido entre os anos de 1988 a 1996, recorte temporal que abarcava tanto o período em que o MST tinha sido gestado, como também a sua posterior construção e fortalecimento, em terras piauienses.

¹⁹ Refiro-me aqui a discussão apresentada por Elisabeth Lobo na biografia de Emma Goldman, e guardadas as devidas proporções, me fez compreender uma questão fundamental para a compreensão das escolhas feitas por aquelas famílias. Neste texto, a autora nos esclarece a relação tensa entre a vida pública e a vida privada, e que assume o seu papel político como elemento fundador de sua própria identidade. LOBO, Elisabeth Souza. “**Emma Goldman**”. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Uma mulher: Dona Antonia, um homem: De Deus, uma história comum marcada por uma memória feita de dor e de sonhos. Uma mulher, um homem e seu filho Arlindo: novos sonhos? Velhas dores? Velhos sonhos? Novas dores?

Aos poucos fui entendendo que a história de Dona Antônia era também a do Senhor De Deus – velhos militantes do MST, e era também a do menino Arlindo – Jovem militante do MST. Que particularidades diferencia cada um destes militantes? Que continuidades atravessa suas trajetórias? Como a memória de cada um é marcada pelas experiências dos outros? Como a memória da família é resignificada por cada um? Como eles juntos, e como cada um deles viveu a experiência de ser camponeses sem terra para serem Sem Terra camponeses?²⁰

Depois da luta, longa e árdua, quais os sonhos de uma família de assentados? O que desejam para o futuro? Como esta memória partilhada é hoje resignificada?

Este trabalho tem como tema a história do Movimento Sem Terra no Piauí, tal como ela foi vivida pelos camponeses do assentamento Marrecas, em São João do Piauí, e como problema, a relação militância política e experiência familiar.

Discuto esta relação (militância política e experiência familiar) a partir da análise feita por Marco Aurélio Garcia ²¹ sobre as possibilidades de o historiador construir uma outra história da ação política dos grupos de esquerda. Sua abordagem constitui em estabelecer uma relação entre a “especificidade da militância feminina” e os “papéis e tarefas que tanto homens quanto mulheres assumem na construção de um Projeto político”, onde, em seu texto, o autor utiliza a história oral não apenas para “reconstituir a história do tempo presente devido a certas dificuldades surgidas com outros tipos de fontes”, mas sua utilização (da história oral) se deve principalmente:

Tendo em vista a adequação desse método a certos objetivos perseguidos, na medida em que os depoimentos autobiográficos têm a possibilidade de reconstruir de forma mais consistente a dimensão subjetiva dos processos históricos e com isso instituir sujeitos históricos concretos, antes subsumidos

²⁰ Sobre esta questão ver Roseli Salette Caldart, pois a autora discute o processo de constituição de um novo sujeito social que possui suas singularidades, como sua própria identidade e seu próprio nome, pois ainda segundo Caldart: “Neste sentido, Sem Terra é mais do que sem terra, exatamente porque é mais do que uma categoria social de trabalhadores que não tem terra.” CALDART, Roseli Salette. “O MST e a formação dos sem Terra: O Movimento Social como princípio educativo.” In: “**Dossiê desenvolvimento rural.**” São Paulo: IEA, 1987. p. 207-224.

²¹ Professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

nos grandes mecanismos explicativos próprios de uma historiografia política onde os militantes aparecem apenas como integrantes de um sistema impessoal²².

No entanto, o autor nos alerta para a dificuldade de se conectar histórias de vidas que são permeadas por referências subjetivas relacionando-as com “o contexto dentro do qual essas pessoas se moveram”. Ao discutir este problema Garcia recorre a Passerini²³, e nos afirma que “Um dos principais problemas para toda narrativa autobiografia, permanece hoje o de como conjugar subjetivo e objetivo, ou melhor, dito, como mover-se entre psicologia e história”²⁴. Portanto, ainda segundo Garcia:

Essa passagem ocorre na medida em que a esfera privada, reconstituída pela história oral, é capaz de inserir trajetórias individuais no contexto social, político e cultural mais amplo do período analisado. Mas esse contexto não pode ser, no entanto, apenas um cenário no interior do qual as personagens se movem (...) é necessário ver como esse contexto/cenário é interiorizado nos/ nas militantes e como esse processo de interiorização acaba por incidir na constituição do que se chamou de micro-cosmos da militância²⁵.

Portanto ao discutir esta relação minha intenção é ressaltar uma particularidade pouco trabalhada pela historiografia sobre o tema, qual seja, o papel da família na constituição do movimento social, e explorar as tensões, os conflitos e os projetos que constituem, ao longo do tempo, esta experiência.

Dos vários núcleos familiares que migraram para o assentamento Marrecas, selecionei três para compreender melhor como se constitui uma parte importante da história da luta pela terra no Piauí. Foram elas: a família de Dona Antônia, já citada; a família do senhor Francisco Juliano de Carvalho, Dona Anisia e “Tico”; e a família de Dona Joana, a mais velha assentada do Marrecas, hoje com noventa anos, e de seus filhos Socorro e Domingos.

Convém ressaltar que as três famílias participaram desde o início do processo de ocupação da fazenda “Zebulândia”, hoje assentamento Marrecas, e que embora suas histórias

²² GARCIA, Marco Aurélio. “O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política”. Campinas, Cadernos Pagu, 1997, p. 334.

²³ Ver texto utilizado pelo autor: PASSERINI, Luisa. *Storia e Soggettività*. Firenze, La Nuova, Itália, 1988.

²⁴ GARCIA, Marco Aurélio. Op. cit. p. 335.

²⁵ Idem. *Ibidem*.

tenham convergido para uma caminhada em comum, cada uma teve, e continuam tendo, sonhos, expectativas e lembranças particulares.

Foram entrevistados ainda, outros assentados, além de pessoas da cidade de São João do Piauí. Sua memória nos conta sobre as impressões provocadas pela chegada daquelas pessoas desconhecidas a sua cidade, primeiro de espanto, depois de curiosidade e quase sempre pelo estranhamento. Para alguns, poucos, este sentimento foi aos poucos sendo superado pela convivência e pela solidariedade. Para a maioria o estranhamento só se aprofundou e se traduz ainda hoje na recusa em falar ou no distanciamento com aqueles que passaram a apoiar o Movimento. Durante este exercício de construção destas memórias me apoiou principalmente em Eclea Bosi e em sua discussão sobre a “Substância social da memória”, pois:

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo... (...) Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento.²⁶

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado **Trajetórias familiares e a gênese do MST na história da luta pela terra no Piauí**, tento explicitar como as histórias de inúmeras famílias de trabalhadores rurais sem terra convergem para o projeto político e constituição do próprio MST. No segundo capítulo: **Rompendo as cercas: “Ocupar, resistir, Produzir”**, analisamos como o Movimento Sem Terra constrói sua história no estado do Piauí a partir da palavra de ordem apresentada no próprio subtítulo do capítulo e, como esta – palavra de ordem –, assume um papel fundamental na construção do militante Sem-Terra. Já no terceiro capítulo: **A luta contínua: Pais e filhos Sem-Terra enfrentando velhos e novos desafios**, tem a intenção de mostrar a relação entre a memória dos pais e a memória dos filhos na tradição deles enquanto militantes sociais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Portanto, as escolhas que assumi e que me possibilitaram pesquisar sobre a história de vida destas pessoas, fizeram com que eu me encontrasse não apenas como historiador, mas antes de tudo, me encontrei como pessoa, como piauiense, como ser humano. Afinal de contas, o que seria meus pais, meus irmãos e eu senão uma família de migrantes,

²⁶ BOSI, Eclea. “O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.” São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 16-18.

que de certa forma, buscaram superar as dificuldades impostas pela “vida” a mais uma família do interior do Piauí. Meu pai, ex-trabalhador rural, trabalhou nas terras de meu avô desde criança. Em seguida aprendeu a profissão de vaqueiro, da qual tem muito orgulho, é à qual sonha um dia em retornar quando se aposentar.

Apesar de não termos trilhado o mesmo caminho daquelas famílias de trabalhadores rurais, suas narrativas me instigavam a querer conhecê-las, pois eu tinha a sensação de que terminaria me conhecendo melhor, da mesma forma como Sidney Mintz definiu a sensação de ter trabalhado com Taso: “Ele me escolheu. Trabalhando com ele, eu descobri mais sobre mim mesmo. Se alguém quiser imaginar que em nossa amizade havia, além de tudo isso, alguma ‘química’ de almas irmãs, sou inclinado a concordar com isso.”²⁷ Procurando entender o que motivou os sonhos daquelas famílias de partirem em busca de uma vida melhor, compreendi o que motivou meus pais a deixarem para trás a vida que levávamos lá no longínquo interior de nosso Estado, na cidade de Guadalupe, localizada a 348 km de Teresina. Eu sou filho desta história, ou melhor, destas histórias.

²⁷ MINTZ, Sidney W. *Ibidem*. P. 57.

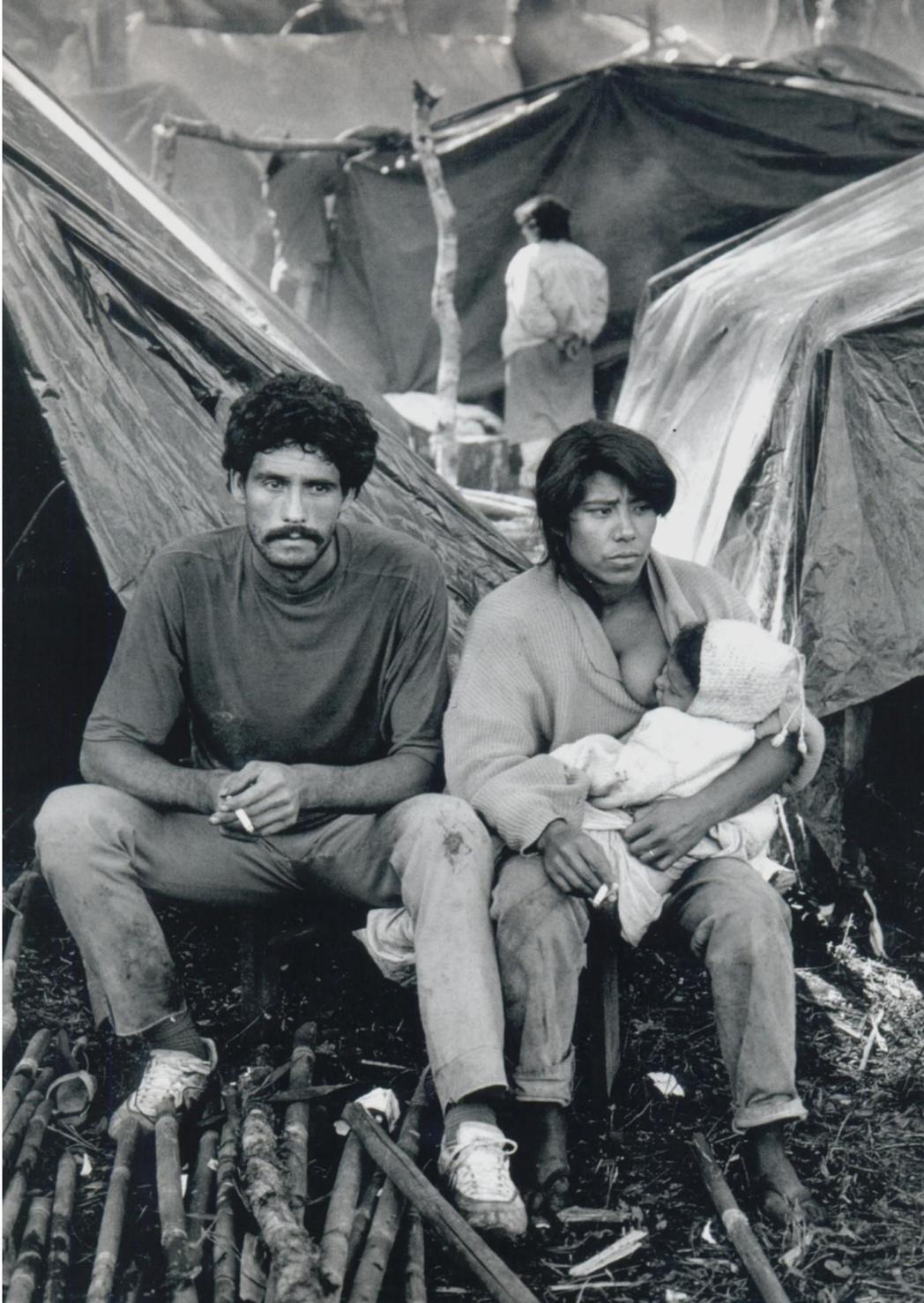
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARCOS FERNANDES LIMA



**“SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: O MST E O PAPEL DA
FAMÍLIA NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ
(1989-1996)**

TERESINA-PI
ABRIL/2007



Ocupação da Fazenda Giacometi, latifúndio de 83 mil hectares em áreas contínuas, o maior do Paraná.

Fonte: SALGADO, 1997.

CAPÍTULO I

TRAJETÓRIAS FAMILIARES E A GÊNESE DO MST NA HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA NO PIAUÍ

Terra nossa, liberdade²⁸

Esta é a Terra nossa:
a liberdade,
humanos!

Esta é a terra nossa:
a de todos,
irmãos!

A Terra dos Homens
que caminham por ela,
pé descalço e pobre
Que nela nascem, dela,
para crescer com ela,
como troncos de Espírito e
de Carne.

Que se enterram nela
como sementeira
de Cinzas e de Espírito,
para fazê-la fecunda como
uma esposa mãe.
Que se entregam a ela,
cada dia,
e a entregam a Deus
e ao universo,
em pensamento e suor,
em sua alegria,
e em sua dor,
com o olhar
e com a enxada
e com o verso...

Prostitutos cridos
da mãe comum,
seus malnascidos!
Malditas sejam

as cercas vossas,
as que vos cercam
por dentro,
gordos
sós,
como porcos cervados;
fechando,
com seu arame e seus títulos,
fora de vosso amor,
aos irmãos!

(Fora de seus direitos,
seus filhos
e seus prantos
e seus mortos,
seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
fora dos irmãos
e de Deus!

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravo os humanos!

Outra é a Terra nossa,
homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos!

²⁸ Poema que deu o título a primeira edição de um livro publicado originalmente em espanhol e que conta um pouco das experiências, lutas e andanças de Dom Pedro Casaldáliga: “Tierra nuestra, libertad”, veio a ser publicado no Brasil em 1978 com o nome de “**Antologia retirante**”.

1.1 O início de uma longa caminhada... à “Terra nossa, Liberdade.”

O seu nome é Antônia Maria da Conceição Silva. Aos sessenta e seis anos, “dentro dos sessenta e sete”, ela é mãe de nove filhos – teve doze – e avó de vinte e um netos. Há 17 anos “trabalhando na comunidade”, seu lugar de identidade primeiro, tão importante quanto o de mãe e avó, é ser do grupo de remédios caseiros, “que já tá bem conhecido no mundo aqui por o redor, e tem a horta de remédios caseiros que eu também ajudo”.

Trabalhar na comunidade é mais que morar, é mais que produzir, é partilhar lutas e sonhos que parecem não ter fim. Dona Antônia, é pioneira na história de luta que constitui o assentamento Marrecas. Pioneira e líder que se destacou por sua força, por sua determinação e por sua fé. Traços que a comunidade reconhece fazendo do presente um lugar de valorização do passado e de garantia para a continuidade da luta, afinal mesmo “dentro dos setenta e sete”, ela continua trabalhando:

E eu sou da liturgia, e sou do conselho fiscal da APAM²⁹, e agora me escolheram pra eu ser ministra da igreja, e comecei uns quatro anos trabalhando pra começar a fazer essa igreja aí, chega lá mais pra perto eu conto essa história mais certa lá.³⁰

Dona Antonia é assim: dona do seu destino e da sua memória. Assim, sem que fosse preciso minha interferência, ela define e organiza o roteiro de sua fala, deixando claro seu entendimento da memória como um recurso político que dá “liga” ao que ela foi e o que ela hoje é:

Nós morava no Recreio, na fazenda chamada Recreio, distante da cidade de Pio IX, duas léguas e meia, e nós trabaiava nas terras alheia, dos patrão num sabe. Aí agente, minha família nasceu toda lá, todos os nove filhos nasceu lá, eu tive doze, mas só se criou nove, e aí a gente trabalhava pra criar a nossa família todinha com os milagres de Deus e os braços, eu e ele – [seu marido, de Deus] – trabalhamos pra ter essa família, não tinha ajuda de governo de nada, graças a Deus tá tudo criado aí, tão estudando, ainda hoje estudando, por que não puderam estudar na época porque não tinham condições né, estudava, mas eles, eu matriculava, mas eles não estudava porque eu era obrigada a ir pro trabalho mais ele – [De Deus] – pra poder sobreviver.³¹

²⁹ Associação de Produtores do Assentamento Marrecas, localizada na cidade de São João do Piauí, região sul do Estado.

³⁰ Entrevista. São João do Piauí, Agosto de 2006. Dona Antônia Maria da Conceição Silva, moradora do assentamento Marrecas desde o dia 10 de junho de 1989, data de sua ocupação.

³¹ Idem, Ibidem.

O Orgulho de ter criado os filhos com a força dos seus braços e em parceria com o marido, só se equivale ao orgulho de vê-los todos estudando, ainda que fora do tempo regular. Mas a ressalva não parece dar um maior significado a esta conquista que, por um segundo, iguala Dona Antônia a todas as outras mães do mundo? Não importa que eles estejam “atrasados”, importa que agora, neste tempo conquistado depois de muita dor e muita luta, seus “meninos” e de todas as outras mães da comunidade, têm o direito de estudar. “Esta é a terra nossa: // a liberdade, // Humanos!// Esta é a terra nossa:// a de todos,//irmãos”.³²

Ao ressaltar esta conquista, frente a muitas outras, Dona Antônia nos dá uma pista das restrições que ela mesmo experimentou, primeiro como filha, depois como mãe e, por contraste, das suas motivações para mudar o seu destino e o destino dos seus filhos:

Era terra do patrão, trabalhava um ano, dois, num lugar, aí passava e ia trabalhar já noutra lugar. Viver lá na fazenda nesse tempo era assim mesmo, só trabalhando pros outros, quando, trabalhando pros patrão pra sobreviver e naquelas vaga entrava pra fazer uma rocinha pra gente plantar no inverno e assim a gente ia levando o tempo, e aí moremo lá cinqüenta anos de vida lá. Eu casei com vinte e dois anos, e ele com vinte e dois anos – [De Deus] -, e saímos de lá, pra nós sair de lá não, em 83 quando eu tive a Cícera, a derradeira filha, foi com quarenta e dois anos.³³

Uma luta que contou com aliados muito especiais:

Aí eu vou começar do começo da luta, eu comecei a lutar não foi ninguém da terra que me chamou, foi uma voz, e essa voz eu acho que foi Nossa Senhora ou Jesus que me chamou a trabalhar num dia de sexta-feira, assim umas nove pra dez da noite, ela chamou por meu nome, disse assim:

- Antônia, tu quer evangelizar o povo aqui, ler a bíblia, evangelizar o povo aqui na comunidade Recreio?
- Aí eu pensei um pouquinho e disse: eu quero
- Ai ela foi e disse assim: pois eu vou lhe ensinar como você começar
- Ai me ensinou.
- Ela disse: aí você pega um caderno e um lápis, e sai de casa em casa, perguntando quem é que quer ajudar você a ler a bíblia, e refletir, e a evangelizar o povo.
- Ai foi na sexta-feira. No sábado, de manhã, eu fiz o almoço, ai eu deixei meu filhinho, aquele que saiu pra escola, que é o mais velho, ficou com os outros, e eu sai com este caderno nas casas, e quando foi de noite que eu cheguei, mandei De Deus fazer a janta, que eu não sabia que hora que eu chegava não. Aí quando eu cheguei de noite, eu vim com vinte e quatro pessoas, o nome já no caderno. Já no sábado, e a reunião já marcada para o domingo doze horas no grupo escolar, e quando eu cheguei lá tava as pessoas. Aí nós fizemos a reunião, lemos a história na bíblia, que Antônio

³² Poema “Terra nossa, liberdade”. Ibidem.

³³ Entrevista: Dona Antonia . Ibidem.

Pedro tinha uma bíblia, que ele já morreu, nós ia conhecer a bíblia, aí ele leu a história da bíblia e aí eu disse assim: ‘Pois quando for domingo, nessa mesma hora é pra tá aqui, e cada pessoa que tá aqui, é pra convidar outro companheiro pra vir’. Assim foi feito, e assim foi crescendo, foi crescendo, todos os mês, toda vida ele dizia pra vir mais gente.³⁴

Jesus, Maria, o vizinho Antônio Pedro que tinha uma bíblia e talvez fosse um dos poucos que soubessem ler, os outros vinte e quatro que botaram o nome no caderno e compareceram ao primeiro encontro e todos os outros que vieram depois. Assim foi se constituindo a comunidade onde Dona Antônia “começou”. A memória faz questão de assinalar ali como o início de um novo tempo: de uma vida nova. Dona Antônia se orgulha da história desta comunidade que tinha nome, tinha cursos religiosos – ou seja, foi reconhecida pela igreja –, e que foi exemplo para muitas outras: “quando eu saí de lá, já tava com oito comunidades”. Tinha também delegacia sindical, que na sua narrativa aparece como uma continuidade natural deste processo de constituição do grupo: “(...) já tinha curso de crisma curso de casamento, curso de batizado e delegacia sindical e aí nasceu o MST”.

Mas aos poucos é possível entender como a memória trabalha esta relação de continuidade entre as práticas na comunidade organizada pela igreja e a construção de novos lugares de militância política:

(...) o companheiro Tiquim e o Adir, parece que era o Adir, começaram o MST lá, e aí a gente começou a se organizar no MST, no sindicato, e aí a gente foi descobrindo, e vinha em reuniões, em Picos, vinha em Pio IX, vinha nos Picos e aí foi crescendo a organização e começamos as caminhadas, essas caminhadas, que eu acho que vocês já ouviram, falar nas romarias da Terra³⁵, nasceram lá nessa comunidade Recreio, na comunidade que eu comecei a trabalhar, que nós começamos.³⁶

Primeiro, a noção de partilha que se traduz no uso do tempo verbal: Tiquim e Adir “começaram”, “a gente começou”, “foi descobrindo”, e finalmente, “nós começamos”. Em poucas palavras, Dona Antônia sintetiza um longo processo de aproximação, negociação, conhecimento e união de experiências e projetos políticos diferentes. A familiaridade com Tiquim e Adir, hoje dirigentes do MST no Piauí, e a referência ao sindicato e às reuniões fora da comunidade onde eles foram se “descobrir”, “crescendo” e se “organizando”, indicam

³⁴ Idem. Ibidem

³⁵ A Romaria da Terra nasceu nos anos da Ditadura Militar na região sul do Brasil, relacionada à então Teoria da Libertação e direcionada contra a injustiça social no campo. Sobre as Romarias da Terra ver: www.cpt.org.br

³⁶ Entrevista. Dona Antônia. Ibidem.

uma postura recorrente na construção da militante que conta ou do modo de contar daqueles que se assumem militantes. Lembro aqui, as palavras de Ecléa Bosi que num tópico intitulado “A luz de Estrelas Remotas”, me ajudou a compreender como “opera” a memória de Dona Antônia ao reconstruir sua trajetória de militante:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relaciona através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo.³⁷

Mas onde estão as tensões, os conflitos, os impasses? Voltaremos a estas questões mais a frente quando cruzaremos esta memória com outras séries documentais.

Depois de demarcar bem este início, Dona Antônia conta das primeiras iniciativas. Não esqueçamos que esta idéia da origem e a construção de marcos inaugurais têm na memória, a função de ressaltar a diferença em relação a um passado onde não havia luta, mas só sofrimentos e dificuldades, e um tempo em que eles “descobriam” e partiram à lutar:

A primeira caminha foi só de reza, só assim a distância de uma légua. Aí outra caminhada já foi para o Massalo, já mais longe, a outra caminhada já foi para o Pio IX, já pra cidade. E a gente foi crescendo assim, e depois a gente organizou uma caminhada pra Covadonga...³⁸

Também aqui vemos esta projeção do presente sobre o passado. É a militante, “já dentro dos sessenta e sete”, que pedagogicamente, explica o paulatino crescimento do grupo. Mas onde é “Covadonga”? E porque depois de terem chegado à cidade a volta a uma comunidade rural tem tanta importância? Por que é neste lugar que a história de Dona Antônia vira história:

(...) aí nessa caminhada de Covadonga, foi onde a irmã Zumira fez a história, ela fez o livro, aí ela, era um ano vei ruim da seca, era em 70, aí morrem duas pessoas de fome lá, e aí teve umas construção lá, e essas tinha muito filho, e aí o trabalho era barato, e o que eles arranjavam só dava pros filhos, aí contava essa história, e ela dizia assim: “Assim, conta Dona Antônia”, na história do livro ela diz: ‘Assim diz Dona Antônia’.³⁹

³⁷ BOSI, Ecléa. “O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social”. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 31.

³⁸ ENTREVISTA. Dona Antônia. Ibidem.

³⁹ Idem. Ibidem.

A história de Dona Antônia virou livro porque unia passado e presente. Porque estabelecia uma conexão entre a luta que começava e o sofrimento de antes, quando a seca provocava fome e morte, pois o socorro eram as frentes de emergência onde o trabalho barato salvava temporariamente os filhos, mas matava os pais que deixavam de comer para alimentar, com tão poucos recursos, as crianças. Quanto tempo viveriam estes meninos que, se as coisas não mudassem, um dia morreriam de fome para adiar por um tempo a morte dos filhos? Recorro novamente às palavras de Ecléa Bosi ao analisar “o tempo vivo da memória” e como esta – memória de Dona Antônia – relaciona passado e presente ao reconstruir sua trajetória familiar:

É a história de um passado aberto, inconcluso, capaz de promessas. Não se deve julgá-lo como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se pode arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado.⁴⁰

Ao contar sua história para a comunidade Dona Antônia talvez estivesse só compartilhando uma experiência que, de tão repetida e tão comum, era também a experiência de muitos “companheiros”. Mas ao escutá-la falar hoje, é impossível não pensar com que força, com que altivez, foi narrada esta história que a Irmã, oportunamente, transformou em “livro”. “A Terra dos Homens// que caminham por ela,// pé descalço e pobre.// que nela nascem, dela,// para crescer com ela,// e como troncos de Espírito e// de Carne”.⁴¹

Ela não só entendeu e acatou a atitude da Irmã, como incorporou na sua narrativa a leitura da freira: “Fizemos a caminhada da travessa do Mar Vermelho, do povo de Deus, aí fizemos essas caminhada tudo”.⁴²

Mas esta memória exemplar, transformada em recursos pedagógicos, deixou marcas profundas e por isso mesmo depois de toda travessia, mesmo depois da conquista de uma vida muito diferente, em tudo diferente, Dona Antônia ainda sofre ao lembrar:

A situação antes, era precária, precária mesmo, porque não tinha inverno e não tinha nada. Era, tinha apenas uma, num sei nem como é que chama do governo, um açude, o nome da construção era até o BEC, aí trabalhava homens e menino, eu mesmo quase morria lá. Era frente de trabalho, e faltava o pagamento, e o povo não tinha o que comer, e aí o que os pobres dos pais ia arranjando ia dando os filhos, e os pai ia (...)

⁴⁰ BOSI, Ecléa. op. cit. p. 18.

⁴¹ Trecho do Poema “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

⁴² Entrevista. Dona Antônia. Ibidem.

(Neste momento seu marido De Deus toma a palavra e completa suas lembranças de dor e sofrimento)

De Deus:...comia era carne vea de jabá, aquele, e feijão vei de três dia, era de capim, ave Maria, eu doente...

(Dona Antônia retorna a palavra e segue sua narrativa;).

D. Antônia:... e o De Deus doente, já pra morrer, eu com o buchão pelas guela, da Maria José (...) Aí só teve um dia, que comecei esse dia que amanheceu limpa a casa, que não tinha, entra pra dentro e pra fora e não achava nem um punhadinho de farinha assim pra botar na mão do menino. Aí, eu fui na casa duma mulher, que o nome dela era Raimunda, e era minha comadre, e eu cheguei lá, eu contei a situação, e aí deu pra o De Deus chegar, que foi na sexta-feira, e o De Deus chegou no sábado.

Aí graças a Deus, que foi só este dia na minha vida que eu via a casa limpa deste jeito, aí daqui pra cá nunca mais eu vi.⁴³

Para esta mulher, para esta mãe que toma a palavra do marido e segue conduzindo sua história, ver os filhos com fome foi insuportável. Mesmo depois de tanto tempo ela não consegue sequer dizer que pegou comida com sua comadre. As falhas da memória produzem silêncios... e protegem da dor. Como esquecer as palavras de Ecléa Bosi: “Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento”⁴⁴. E sobre estes silêncios nos ensina Ecléa Bosi:

(...) registremos atentos as hesitações e silêncios do narrador. Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade.(...)

Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser trabalhos da memória. Há situações difíceis de serem contadas já que pareceram absurdas às próprias vítimas delas.⁴⁵

Esta experiência inesquecível e ao mesmo tempo difícil de lembrar delimita o passo da narrativa quando ela conta da escolha de fazer parte do MST mesmo contra a vontade de sua mãe que dizia:

- Antônia tu não vai pra esse lugar, que em construção de terra assim que o povo vai sair (que ela chamava era construção), que vai sair assim o povo, faz é matar o povo.
- Eu digo: Mãe, mas eu não vou na intenção de morrer, eu vou é na intenção é de arranjar a terra pra meus filhos trabalhar, eu não vou na intenção de morrer não.
- Aí ela dizia: pois se fosse eu, se eu fosse tu eu não ia.
- Eu digo: mas com fé em Deus eu vou mãe.⁴⁶

⁴³ Idem. Ibidem.

⁴⁴ BOSI, Ecléa. Op.cit. p.18.

⁴⁵ Idem.Ibidem.

⁴⁶ Entrevista. Dona Antônia. Ibidem.

O desejo da Dona Antônia, enquanto mãe, lhe dava forças para enfrentar qualquer dificuldade, qualquer perigo, mesmo que estes colocassem em risco a sua vida. A dor sentida por Dona Antônia ao ver seus “menino” passando fome, mesmo que por único dia, a encorajou a lutar e a não seguir os conselhos de sua mãe, que por sua vez, temia pela vida da filha que partiria para as “construção de terra”. “A terra dos homens (...)// Que se enterram nela// como sementeira// de Cinzas e de Espírito,// para fazê-la fecunda como// uma esposa mãe.”⁴⁷

Ao relatar suas escolhas, Dona Antônia nos dá indícios das motivações que a levaram, ela e sua família, a entrarem no Movimento Sem Terra. O sonho de conquistar a terra para ela e para seu De Deus, transformava-se na possibilidade de “arranjar a terra pros filho trabalhar”. Sua religiosidade deu-lhe a força que necessitava para entrar na luta para “evangelizar o povo” e assim, dar os primeiros passos dessa mulher, dessa mãe, dessa guerreira e militante chamada Dona Antônia. “A terra dos homens (...)// Que se entregam a ela,// cada dia,// e a entregam a Deus// e ao universo,// em pensamento e suor,// em sua alegria,// e em sua dor,// com o olhar // e com a enxada// e com o verso...”⁴⁸

Enquanto Dona Antônia e sua família vivenciavam estas experiências, dezenas, centenas de outras famílias, simultaneamente, também decidiam seus destinos e seguiam o caminho da luta pela terra em nosso Estado.

No município de Paulistana, localizado bem mais ao sul do Estado do que Pio IX, na localidade Jorge de Baixo, seu Francisco Juliano de Carvalho trabalhava “duro pra ganhar o sustento”. Hoje, aos quarenta e oito anos de idade seu orgulho é trabalhar com a terra, descrita como extensão de sua própria vida: “Sou, minha vida é agricultura né, trabalho no inverno com o plantio de inverno, e no verão, trabalho com irrigação, e é a minha vida. Também trabalho com criatório de ovino, e é isso, a minha vida é nesse sentido”.⁴⁹

Sua vida, assim como a de Dona Antônia e seu De Deus, foi marcada pela dificuldade. Arranjar “serviço certo”, “pra ganhar o sustento” eram tarefas árduas, mesmo que no seu caso, diferente da família de Dona Antonia, morasse com sua mulher Anísia e seus sete filhos “nas terras do (seu) pai”: “(...) lá em Jorge de Baixo eu trabalhava de diária, serviço. Semana toda era trabalhada pra ganhar o sustento. E a gente, não tinha serviço certo, achava

⁴⁷ Trecho do Poema. “Terra nossa, liberdade”. Ibidem.

⁴⁸ Idem. Ibidem.

⁴⁹ Entrevista. São João do Piauí, agosto de 2006. Francisco Juliano de Carvalho, morador do Assentamento Marrecas desde o dia da ocupação.

uma diária aqui, outra acolá. A vida da gente era assim a maior dificuldade. Morava nas terras do meu pai”.⁵⁰

Sua trajetória política assemelha-se a da grande maioria dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do Brasil nas décadas de 70 e 80. Iniciada na Igreja, logo a militância vai tomando corpo e a partir do trabalho nas Ceb's⁵¹ adquire experiência e passa a militar no sindicato rural de sua cidade. “A terra dos homens// Que caminham por ela,// pé descalço e pobre.// Que nela nascem, dela,// para crescer com ela,// como de Espírito e// de Carne”.⁵² Dessas experiências surgem os primeiros contatos com “os colegas do MST”. Assim como Dona Antônia, o senhor Francisco Juliano decide-se engajar no MST para ter terra para trabalhar e dar uma vida melhor para sua família. Mas a descrição de suas primeiras experiências políticas é seca e sucinta, embora aqui também, a relação com a igreja seja um reforço que legitima sua decisão de entrar no MST. Aos poucos Seu Francisco Juliano vai se soltando e sua fala vai explicitando o orgulho de fazer parte do Movimento Sem Terra:

Através da paróquia de paulistana, a gente era dirigente da comunidade de base né, aí através das reuniões que a gente participava na cidade, aí foi criando aquela, as Ceb's, as Comunidades Eclesiais de Base, aí a gente foi se engajando na igreja né, e pelo sindicato, algumas associações que criava lá no município, e a gente foi conhecendo os colegas do MST nos recantos da região de Picos. O Bispo lá era Dom Augusto da Rocha, e aí a gente foi conhecendo os companheiros né, Inácio, Matias, tem vários.

Aí né, conhecendo o Movimento Sem Terra né, até que chegou a ponto da gente vir se encontrar mais perto né, pra tomar uma decisão, assim de procurar uma melhora aí de vida né. A gente achava, que através da organização a gente ia ter uma terra mais melhor pra se trabalhar.⁵³

A dúvida de ter que partir rumo ao desconhecido, muitas vezes “sem saber nem pra onde ia”, não diminuía sua certeza de que deveria seguir para a ocupação de terra. Ainda que esta decisão não tenha sido fácil nem pra ele, nem pra sua família. Mas as dificuldades que poderiam surgir pareciam menores do que as enfrentadas até então, e por isso o sonho de ter sua própria terrinha venceu a dúvida de ter que partir e abrir mão do que já tinham conquistado, mesmo com todas as dificuldades. “A Terra dos Homens (...)// Que se enterram nela// como sementeira// de Cinzas e de Espírito,// para fazê-la fecunda como// uma esposa

⁵⁰ Idem. Ibidem.

⁵¹ Comunidades Eclesiais de Base. Surgiram no final da década de 50 e início da década de 60, sob influxo da experiência de catequese popular na Barra Pirai (1956), ou do Movimento da diocese de Natal, ou ainda do Movimento de Educação de Base. Ver: www.ceb11.org.br.

⁵² Trecho do Poema “Terra nossa, liberdade”. Ibidem.

⁵³ Entrevista. Francisco Juliano. Ibidem.

mãe”.⁵⁴ Velhos sonhos? Novas dificuldades? Velhas dificuldades? Novos sonhos? As incertezas eram muitas e pareciam não ter fim, mas o sonho de conquistar sua “independência”, seu próprio “pedacinho de chão” foi mais forte e resistiu às angústias daquele momento:

Mas ter que sair de onde a gente tava pra um outro lugar, foi o ponto mais difícil que a gente encontrou né. Porque quando a gente tava descobrindo essa questão de ocupação de terra, a gente não sabia pra onde ia né, só tinha aquela visão de que tinha de ocupar uma terra porque é, não tinha terra, não podia comprar né.

Dentro da família, foi uma coisa muito animada e desanimada, porque você tem sua casinha lá, e partir pra um lugar sem saber onde ia ficar né. Não podia deixar a bagagem, tinha de levar a bagagem toda porque, segundo eles, se a gente deixasse a bagagem era mais fácil de voltar né. Aí a gente foi discutindo, a mulher e os filhos: “será que seria viável essa parte?” Tinha momentos que a gente dizia sim, outros não, mas ninguém desistiu, foi uma luta.⁵⁵

Com a decisão tomada, a família do senhor Juliano “juntou os cacarecos” e seguiu em frente deixando para trás outros familiares e muitos colegas que questionavam sua decisão. A angústia da partida – “Será que não é uma doidice” – foi acomodada pela vontade de futuro: “(...) a gente quando saiu de lá, foi, alegria ficava no coração, a gente não sabia se dormia, não sabia se né, acho que a viagem de lá para cá foi muito abalada né, ninguém sabia pra onde ia indo né”.⁵⁶

Hoje ao olhar para trás, seu Juliano tem o coração aliviado porque sua decisão garantiu a união da família que continua construindo o futuro:

Hoje os nossos filhos tem essa herança, que a única maneira da gente conseguir as coisas é lutar pra conseguir. Meus filhos hoje, são quase, são todos militantes, então eu acho que é uma herança pra eles. Já eu, com o meu pai, eu não tive essa herança de luta, mas ele era muito lutador pela igreja, e já com meus filhos eu já tenho esse dom, e parece que eles vão, não sei até quando, mas vão continuar né.⁵⁷

Em nome dessa união da família, ressaltada na narrativa de Seu Francisco Juliano, foi que Dona Anisia, sua mulher, superou a dúvida inicial e se engajou na luta por um pedaço de terra que fosse realmente deles. “A Terra dos Homens (...)”// Que se entregam a ela// cada

⁵⁴ Trecho do Poema “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

⁵⁵ Entrevista. Francisco Juliano. Ibidem.

⁵⁶ Idem. Ibidem.

⁵⁷ Idem. Ibidem.

dia, // e a entregam a Deus // e a universo, // em pensamento e suor // em sua alegria, // e em sua dor, // com o olhar // e com a enxada // e com o verso...”⁵⁸ Mas essa decisão não foi fácil de ser tomada, pois as incertezas de não saberem nem o dia da partida e nem para onde iam, só não eram maiores que a angústia de ter que sair de sua morada e correr o risco de “virar uns sem casa”:

No início, para nós decidir, foi um pouco difícil, até que, é muito longa a história. É muito longa a história, se agente for contar. Quando chegou Francisco, que era do Tamandaré, que primeiro fez essa reunião lá, aí chegou Inácio e uma moça que chamava Madalena, parece que era Madalena. Foi a primeira reunião com a gente, aí quando teve aquela reunião com um bocado de gente, de família, aí meu marido foi logo se decidindo e aí eu disse: “Ah, eu não tô com coragem. Ôxente, e eu vou fazer o quê? Nós não tem a terrinha de nós, pouca mesmo? Nós tem a nossa casa e sem saber pra onde nós vamos? Nós não tem a casinha de nós, e nós vai pra sem ter casa, ficar no meio do tempo com tanto menino, com tanto filho pequeno?” Aí ele disse: “pois é, se tu quiser ficar tu fica, porque se tu quiser me acompanhar, eu sei que eu vou”.⁵⁹

A decisão do seu Francisco Juliano provoca na mãe Anísia insegurança e preocupação com o destino dos filhos pequenos, ainda mais porque eles sequer sabiam para onde estavam indo. Como deixar sua casa, mesmo pequena, e “sua terra”, mesmo pouca, para ir viver “no meio do tempo”? Ainda que dependente do sogro, ainda que tendo que trabalhar como alugados para poder sobreviver, dona Anisia tem medo de deixar para trás esta frágil segurança. Mas a convicção do marido e a certeza de que iam junto com outras famílias, além do seu compromisso de esposa, foram quebrando sua resistência:

Eu pensei logo nos menino, era de um ano, era de dois, três, quatro. Era assim, tudo pequenininho. Meus meninos eram tudo assim, como escadinha. Aí, Ave Maria! E ‘quando a gente chegar lá nesse lugar?’ Aí ele disse: ‘se tu quiser me acompanhar tu me acompanha, eu sei que vou! Eu sei que eu vou, se tu ficar aí...’, aí eu disse: ‘Não, pois eu, é fazer o quê, casei com ele, tem que acompanhar é ele mesmo né. Como é que eu vou ficar?’⁶⁰

Mas sua decisão não parece ter sido tomada tão rapidamente, pois na narrativa de seu Francisco Juliano se evidencia a tensão criada na família devido a sua decisão de partir

⁵⁸ Trecho do Poema “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

⁵⁹ Entrevista. São João do Piauí, agosto de 2006. Anisia de Carvalho, moradora do assentamento Marrecas desde o primeiro dia da ocupação.

⁶⁰ Idem. Ibidem.

para um outro lugar. A resolução de Dona Anisia foi impulsionada pelo argumento religioso do seu sogro que a confortou dizendo que nesta terra “correria leite e mel”:

Aí meu sogro foi, levou a Bíblia, aí disse: ‘minha filha sei que é muito pesado você sair daqui’, porque ele é muito religioso né (o sogro), e ele também, o meu esposo, ele também era, nesse tempo chamava animador de comunidade, seu Juliano e o pai dele, aí ele (o sogro) dizia assim: ‘eu sei que vai ser muito difícil vocês sair daqui, porque não é fácil você está perto dos seus fios e sair, mas eu tenho certeza que se vocês chegar nessa terra, é terra prometida, e lá corre leite e mel’. Aí eu: ‘Ah, então corre leite e mel eu vou, deve ser melhor do que aqui.’ Aí eu sei que dizia tanta coisa boa, botou um bocado de coisa na cabeça da gente. Antes, o meu sogro, ele quem falou isso. Ele disse que era bom, mas ele mesmo não tava mandando, mas se algum dos filhos dele decidissem, ele apoiava, mas com dor no coração, mas apoiava.

⁶¹

À palavra de Deus somaram-se os conselhos de sua mãe que, lhe dizia para seguir seu marido e companheiro: “A minha mãe, Deus já chamou ela também, ela imaginava, que eu morava pertinho da casa dela, a filha que morava perto dela era eu, ela dizia: ‘não sei como é que tu vai, que eu não posso. Minha fia você já casou com ele, você tem que acompanhar é ele’”.⁶²

Após superar essas dificuldades, Dona Anisia transformou a dúvida e a angústia inicial em ansiedade, pois logo “criou um fogo assim” e “uma vontade doida pra ir logo”. E não só Dona Anisia como toda a família estava esperançosa diante do futuro que lhes aguardava, inclusive porque na reunião soube que a terra para onde eles iam tinha muita água:

Por que pra gente vir não dizia nem o dia sabe? No dia que fizeram a reunião, já era pra tá lavando as roupas e arrumando as coisas, mas não sabia que dia era.

O pior ainda era sem saber aonde também. Aí eles botaram: ‘talvez vai ser no rio’, como é? No Piauí, não? E aí disseram lá um lugar lá, aí disse: ‘Ah, é bom, tem muita água’ e aí eu mais todo mundo já era doido pra vim. Aí fizeram a reunião, e a gente veio pra Simões, chegando lá, aí é que deu mais força, mais gente ainda.⁶³

Esta necessidade de conciliar a luta política com o bem estar dos filhos e a preservação da família marcou profundamente a trajetória política de Dona Anisia. Hoje, olhando para o seu passado, ela constrói sua narrativa a partir da certeza de que ela, seu Francisco e seus filhos tomaram a decisão correta e acrescenta às suas motivações iniciais – preservar a família e lutar por uma vida melhor com a benção de Deus – os argumentos que foram incorporados a partir de sua experiência como militante:

⁶¹ Entrevista: Dona Anisia Carvalho. Ibidem.

⁶² Idem. Ibidem.

⁶³ Idem. Ibidem.

(...) sou do município de Paulistana, Piauí. Nós somos da região de Picos. Nós lá, nós trabalhava a terra, era pouca, era pequena, não dava pra gente trabalhar. Aí a gente resolveu vim pra essa terra, terra prometida, falavam que era leite e mel. A gente veio, pra ver isso primeiro, através da bíblia, nós não viemos à toa aqui pra essa terra. Quem trouxe nós aqui também foi a palavra que tá na Bíblia. Aquela terra que tava nas mãos dos latifundiários, eles tinham a terra, seguravam a terra e não soltavam pros pobres.⁶⁴

Pois, “Malditas sejam// todas as cercas!// Malditas todas as propriedades privadas// que nos privam de viver e de amar!// Malditas sejam todas as leis// amanhadas por umas poucas mãos// para ampararem cercas e bois// e fazer a Terra, escrava// e escravos os humanos!”⁶⁵

A memória de Dona Anisia explicita dimensões desta história de lutas que eu gostaria de ressaltar. A primeira delas diz respeito à constituição do militante do MST. Diferente de Dona Antônia que tinha uma experiência política nas comunidades eclesiais de Base, onde ela foi aglutinadora e líder, Dona Anisia só assume uma postura política a partir de sua experiência como ocupante e assentada. Sua entrada no movimento foi resultado de várias “imposições” externas que só repercutiram internamente por causa dos seus compromissos como mãe e mulher – lembro aqui a decisão do marido; o argumento do sogro religioso e da mãe conformada. No entanto, a fala de uma e da outra são hoje muito próximas. E não só a fala, também o lugar que elas ocupam na família, e para além dela, na constituição e preservação da memória social do grupo. Para entender isso, basta considerar suas participações nas entrevistas aqui expostas. Dona Antônia assume desde o início, o seu lugar de guardiã de memória. Um lugar reforçado e legitimado pelo silêncio, quase absoluto, do senhor De Deus. Dona Anisia, ao contrário, escuta atentamente a narrativa do marido, reforçando em sua própria fala o lugar de ascendência dele na família e na sua própria história como membro do MST, mas quando fala é ela quem explica decisões, quem localiza motivações, quem avalia a trajetória da família.

Poderíamos explicar estas diferenças e estas semelhanças entre Dona Antônia e Dona Anisia como sendo resultado da personalidade de cada uma delas e/ou de supostas relações de gênero.

⁶⁴ Idem. Ibidem.

⁶⁵ Trecho do Poema “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

Sem desconsiderar as particularidades daquele que conta e das distintas relações entre homens e mulheres, gostaria de colocar em destaque, antes de seguir em frente, algumas questões que orientam este texto:

- Como as diversas concepções e práticas de família, de política e de gênero foram incorporadas ou modificadas na e com a experiência de militante?
- Qual o lugar atribuído à família, e cada um dos seus membros, na constituição do movimento social e na constituição de sua memória?

Num texto pouco conhecido, ou ao menos pouco utilizado, Marco Aurélio Garcia, propõe construir com base na história oral, uma “outra história da ação política”. Uma história construída a partir da memória da militância política onde as relações entre público e privado; objetividade e subjetividade; trajetórias individuais e coletivas pudessem ser lidas através de outras “chaves” que não valorizassem apenas as suas contraposições:

Os militantes são pessoas concretas, homens e... mulheres, portadoras de valores éticos, de convicções políticas, de influências religiosas e refletem, no seu cotidiano, sua formação cultural seus antecedentes familiares e um conjunto de ‘determinações’ que incidem na forma pela qual ‘aplicarão’ a ‘linha’ do partido na sociedade, seja através de um discurso, de um panfleto, de outras formas da agit-prop ou de uma ação violenta, armada.⁶⁶

Para ele esta “abertura” ou “reconfiguração” no território da historiografia, política tornou possível não só a construção de uma história das mulheres e da militância feminina, mas também uma história da família e do cotidiano, ou do “microcosmo” da militância que pode trazer à tona, através das histórias de vida, “aspectos da ação humana desconsiderados porque até então tidos como carentes de historicidade e de significação política”:

A historicização/politização do cotidiano dá significado a problemáticas ‘marginais’ confinadas à vida privada, e reabilita o récit feminino, descartado frequentemente por seu ‘tom confessional’, quando não por seu psicologismo. Não se trata de uma tolerância epistemológica (politicamente correta) diante das falas das mulheres, mas de entender que é através desse tipo de relato que se pode eliminar problemáticas até então indepassadas do mundo da ação política – como o da militância – esse domínio onde se dá a

⁶⁶ GARCIA, Marco Aurélio. “O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política”. In: **Cadernos Pagu** (8/9). Editora da UNICAMP: Campinas, 1997, p. 322.

mediação e o choque entre as grandes formulações estratégicas e as duras exigências da realidade.⁶⁷

Para não cair no erro de pensar que a “fala das mulheres” constitui uma “história das mulheres”, é preciso, sugere o autor seguindo as indicações de Farge⁶⁸, considerar as tensões entre os papéis masculinos e femininos, seus conflitos e suas complementaridades de maneira articulada e como parte do conjunto que compõe o relato histórico.

A escolha pela história oral se impõe como um desdobramento da necessidade colocada acima, seja pela possibilidade de reconstituir de uma maneira consistente a “dimensão subjetiva dos processos históricos”, seja pela possibilidade de conectar estas histórias de vida com outras referências que falam do contexto no qual estas pessoas se moveram:

Para que essas personagens sejam dotadas de historicidade é necessário ver como esse contexto/ cenário é interiorizado nos/nas militantes e como esse processo de interiorização acaba por incidir na constituição do que se chamou de microcosmos da militância. É, como explicou Arent⁶⁹, (...) a articulação entre a objetividade do mundo e a condição humana, ambas pensadas como esferas interdependentes. Essa interdependência leva Ferreira⁷⁰ a recorrer a Pollack⁷¹ para fazer dos testemunhos, mais especificamente de discurso autobiográfico, a encarnação de ‘um destino coletivo’ enquanto ‘representativo de uma matriz’ social comum.⁷²

Quando comecei esta pesquisa minha intenção era contar uma história do MST no Piauí tendo como marcos a primeira ocupação e o primeiro assentamento, e como tema a questão da militância política. A estratégia era entrevistar pessoas de idades, práticas e projetos diferentes para a partir de suas trajetórias discutir o projeto de educação política do MST ao longo do tempo e na sua diversidade.

⁶⁷ Idem. Ibidem.

⁶⁸ Historiadora e fotógrafa francesa. Destacou-se em pesquisas ligadas à História Social e publicou vários trabalhos, dentre os quais, o utilizado por Marco Aurélio Garcia. “Pratique et effets de l’histoire de femmes”. In: PERROT, Michelle e DUBY, Georges. “**Histoire des femmes em Occident**”. Vol. 4 (Le XIX ème Siècle), Paris: Plon, 1991, p. 13.

⁶⁹ Ver ARENT, Hanna. “**A condição humana**”. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1983.

⁷⁰ Ver FERREIRA, Elisabete F. C. “**Mulheres, Militância e Memória**”. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

⁷¹ Michael Pollak é pesquisador do Centre National de Recherches Scientifiques – CNRS, ligado ao Institut d’histoire do Temps present e ao group de sociologie politique et morale.

⁷² GARCIA, Marco Aurélio. Ibidem.

Mas já nas entrevistas os diferentes sujeitos históricos que eu havia contatado se colocaram como parte de uma família: eu sou mãe de...; eu sou filho de...; eu sou irmão de..., e, inclusive, se articularam para fazer os depoimentos em família.

Quando comecei a articular minha coleção de fontes percebi a força desta experiência na constituição dos militantes do MST, e também na constituição do próprio MST, enquanto movimento social e, por isso, sem abrir mão do projeto inicial, incorporei esta questão. Afinal, como desconsiderar as tensões e conexões entre diferentes lugares de memória?

Antes de retomar a narrativa de Dona Anisia convém ainda ressaltar que,

O passado não é um ‘acontecimento’ ou ‘fato’ a ser simplesmente restaurado como quem desenterra um fóssil arqueológico, tratando de recuperar objetivamente algo perdido em algum ponto de um tempo linearmente concebido. A reconstituição desse passado sofre uma dupla interferência político-ideológica. Os ‘acontecimentos’ que lhe dão consistência enquanto objeto a ser reconstituído estão cercados de uma ou mais significações que lhes foram anteriormente atribuídas. Mas, por sua vez, a reconstrução do passado pela memória sofre também a incidência dos valores dominantes no momento em que esse processo se desencadeia.⁷³

Pois é do lugar que hoje ocupa no MST, ou ao menos na memória do MST, que Dona Anisia passa a contar a sua história agora associada à história de outros e, sobretudo, de outras famílias que como a sua aprenderam a fazer do desejo de ter “um pedacinho de terra”, uma conquista e desta conquista uma experiência de liberdade: “Esta é a Terra nossa:// a liberdade, // Humanos!//Esta é a Terra nossa:// A de todos,// Irmãos!”⁷⁴. Neste novo lugar não cabe mais um discurso pronunciado no singular, porque a vida, os sonhos, a luta é coletiva e plural:

⁷³

⁷⁴ Poema. “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

Então a agente se reuniu lá na comunidade Jorge de Baixo. Quem organizava era a CPT e o MST e tinha outras entidades, mas eu não tô lembrada. Aí a gente fazia reunião. Nós viemos pra essa terra não foi de brincadeira, foi através de organização e muita luta.

Eles, (CPT, MST...), vendo a situação onde a gente morava né, era muito sofrida né, muitas vezes também a gente trabalhava pro patrão né, a gente não trabalhava direto só pra gente, tinha que trabalhar pro patrão. Aí, falava na reunião que aqui a gente não ia mais trabalhar pro patrão, ai a gente ia trabalhar, era diferente do trabalho de lá, ia ser livre, por conta própria, inclusive hoje a gente já tá vendo.⁷⁵

Dona Joana tem hoje mais de noventa anos e é a mais velha assentada do MST no Piauí. Mas este lugar que poderia ser vivido como uma distinção parece não imobilizá-la. Todos os dias trabalha na roça e de vez em quando vai “dançar” nos forrós da comunidade. Durante a entrevista, ela saiu várias vezes deixando em seu lugar os filhos Socorro e Domingos. Enquanto eles falavam, nós escutávamos seus movimentos pela casa. Incansável, ela arrumou a louça, preparou o lanche e nos presenteou com uma travessa de bananas.

Impressionados com sua agilidade e sua força, escutamos dos filhos o relato de um acidente recente quando a casa desabou durante uma chuva atingindo-a parcialmente, no entanto, não sofreu fraturas. Depois de alguns poucos dias em observação ela se recuperou e retomou sua rotina pontualmente.

No depoimento curto⁷⁶, mas forte, que ela nos concedeu logo que chegamos à sua casa, ela divide sua memória em dois tempos bem distintos, podemos até dizer radicalmente distintos. Quais sejam: antes e depois da filiação ao MST.

Antes, “só tinha água quando chovia” e quando chovia “arrancava tudo”. Tudo, era a lavoura plantada em terra própria mas seca e distante do lugar de moradia. Além disso, a pobreza era tanta que eles plantavam com a mão: “Não tinha cavador, era mesmo futucando com o dedo e cobria a terrinha pra produzir”.⁷⁷

Dona Joana levou, assim, a vida toda “pelejando, pelejando”. O marido doente não podia ajudar e ela sozinha tinha que cuidar da roça e buscar água na fonte: “... eu sozinha

⁷⁵ Entrevista. Dona Anisia. Ibidem.

⁷⁶ ENTREVISTA. São João do Piauí. Agosto de 2006. Dona Joana é moradora do Assentamento Marrecas, a mais velha assentada do Marrecas, talvez a mais velha assentada do MST no Piauí. Chegou ao Assentamento poucos meses depois da ocupação e juntou-se aos seus filhos que lá já estavam desde a ocupação.

⁷⁷ Idem. Ibidem.

para tocar três cargas e aí eu vinha pra roça, e eu ia buscar água e quando chegava na fonte era um sofrimento.”⁷⁸

Impedida pela doença do marido de participar da ocupação da terra que hoje ela, que trabalha tanto, considera como um lugar de descanso, Dona Joana mandou os filhos e continuou sua labuta, mas a ida dos filhos abria uma possibilidade para a esperança: “se der nós vamo se num der nós fica. Nós num vamo ficar por aí no meio do sol.”⁷⁹

Quando foi pela primeira vez visitar os filhos no acampamento, Dona Joana se encontrou com a água farta que corria no “quintal” da barraca onde a família estava morando. Depois de muitas idas e vindas ela finalmente consegue saltar para um tempo novo, quando ela “descansou os braços” porque nunca mais teve “que carregar água”. Com a família toda junta, numa terra com água, as dificuldades inerentes à situação de acampamento, bem como os desafios do presente, parecem pequenos frente à possibilidade de “recomeçar tudo de novo, pra poder tanger a vida, começar do chão.” A diferença é que agora Dona Joana trabalha no “seu chão” e no “seu chão” a água continua correndo no quintal. “A terra dos Homens //que caminham por ela, // pé descalço e pobre. // Que nela nascem, dela // para crescer com ela // como troncos de Espírito e // de carne.”⁸⁰

Ela sai de cena sem avisar, vai “tanger a vida” porque ela sabe que todo dia é dia de “recomeçar tudo de novo”.

Socorro, filha de Dona Joana, é quem complementa a narrativa da mãe, e aos poucos vai assumindo o lugar de guardiã da memória da família. Lugar conquistado pela experiência de ter partilhado, como a única filha solteira, a labuta diária no interior de Simões:

A vida lá era dura, era em Simões, no interior, distante da cidade umas três léguas, mais ou menos. E trabalhava umas três léguas de distância. Trabalhava distante, tinha que ir montado ou num jumentinho ou a pé. A terra onde a gente trabalhava era da gente, mas era muito longe. A gente trabalhava, para trazer a produção era o maior sufoco e quando era na época, tinha a produção, se fosse bastante, podia arrumar transporte, mas se fosse pouca, tinha que ser no animal. Você imagina colocar uma carga no jumentinho, seis léguas de distância.

Eram nove irmãos, aí os outros todos casaram, só eu que fiquei com eles né.⁸¹

⁷⁸ Idem. Ibidem.

⁷⁹ Idem. Ibidem.

⁸⁰ Poema. “Terra nossa, liberdade”. Ibidem.

⁸¹ ENTREVISTA. São João do Piauí, Agosto de 2006. Socorro, filha de Dona Joana, moradora do Assentamento Marrecas desde os primeiros instantes da ocupação.

Na sua narrativa, assim como na de sua mãe e também na das outras duas famílias, a ênfase nas dificuldades da vida anterior ao acompanhamento é uma constante. Este contraste tempo passado x tempo presente não é só um mecanismo da memória, é um lugar de construção da memória. Ou seja, é uma articulação que explica, justifica e defende a escolha de fazer parte da luta. Mas não podemos considerá-lo só como uma artificialidade. Ele informa e explicita vivências que passariam despercebidas aos olhos de quem está de fora.

O que nos informa a história desta família? Que as dificuldades dos Sem-Terra não é só a ausência da terra, embora isso seja num país como o nosso fundamental. Mas seria bom que começássemos a alargar este conceito de propriedade de que não se restringe, não para estas pessoas, ao direito de ter, mas, sobretudo, ao direito de trabalhar e com o trabalho produzir, e do produto viver.

Dona Joana e seus nove filhos tinham um pedacinho de terra, mas não tinham água, não tinham recursos, não tinham sequer enxada para trabalhar. Lembrem, “era na mão mesmo, era mesmo futucando com o dedo, e cobria a terrinha para produzir”. Além disso, “só tinha água quando chovia... e quando chovia arrancava tudo”. Se nos permitimos escutar direito podemos entender por que hoje, aos noventa anos, ela tenha disposição e, como vimos, atitude para “recomeçar tudo de novo”: “A terra dos Homens (...)//Que se enterram nela// como sementeira// de Cinzas e de Espírito,// para fazê-la fecunda como// uma esposa mãe”.⁸²

Para muitos – muitos de nós? – a decisão da família de ocupar outra terra pode ser lida – muitas vezes é! – como fragilidade e até ganância: “Eles são bons sujeitos mas foram cooptados por gente inescrupulosa”, ou “este povo se faz de bonzinho mas o que eles querem é viver sem trabalhar, tomando terra alheia e fazendo baderna por aí. Logo vão vender esta terra e sair por aí fazendo novas invasões”.

Apesar destes “gritos”, podemos escutar e procurar entender as razões de Socorro, que interpreta a possibilidade de entrar no movimento como uma oportunidade longamente esperada:

Diante das dificuldades, que a gente vivia convencido, aguardando a oportunidade né, então se essa surgiu, como ela fala aí (Dona Joana) que eles foram lá pediram uma reunião, falaram os critérios, o objetivo, e disseram tudo o que a gente queria né, e ficou muito fácil pra gente decidir. Então a gente decidiu a vim foi uma coisa rápida porque não pode espalhar, mesmo

⁸² Trecho do Poema “Terra nossa, Liberdade”. Ibidem.

que era a primeira ocupação no estado né. Mas deu tudo certo, e tá dando até hoje, e aí graças a Deus.⁸³

A decisão, que ela define como fácil, não pode ser lida como um “arroubo”, como uma “aventura”, pois ela sabia dos riscos, dos perigos. Sabia, inclusive, da importância política de ser aquela a primeira ação do Movimento no Estado do Piauí. Com isso, não quero dizer que Socorro já tivesse na época a postura e a perspectiva política que ela tem agora quando conta, mas também não podemos imaginar que não tinha na decisão da família planejamento e expectativa, assim como não podemos dizer que este planejamento e a expectativa não foram fomentados por uma experiência real. E eles experimentaram. Experimentaram ter um pedacinho de terra e não puderam trabalhar e produzir nele; experimentaram por anos “futucar” a terra com a mão, sem água ou tendo que carregar a água... Duas mulheres, e um marido doente. Os outros oito filhos? Pelejando pelo mundo, como veremos mais à frente. Elas sonharam e Socorro conta que quando partiu estava empolgada pela certeza de que iam “com destino de chegar”. Mas ela não ia sozinha, apesar de ter deixado a mãe e o pai para trás: “Vinha assim, sorteado (de misturado) liderança, todo mundo junto, muita cantoria”.

Quando chegou e assentou ela pôde voltar para pegar o pai e a mãe “que eu tinha assim, a responsabilidade de casa”:

(...) e aí aqui era tudo diferente, e aí a gente passou a trabalhar com irrigação, e aí tudo foi ajudando um pouco. Lá em Simões era na mão mesmo, nesse sol que taí, era todo mundo de coca, no meio da roça, puxando era de pedra, em pedra e aqui não. A gente queria era terra e tava vendo. Só seguiu mesmo por essa causa. E ajudava da forma que pudesse, a gente ajudava. A gente discutia que mais cedo ou mais tarde a gente ia melhorar de vida, e superou, porque queria isso.⁸⁴

No acampamento, Socorro e sua família puderam partilhar o seu sonho de ter terra, pois como ela mesmo fala: “a gente queria terra, e tava vendo”:

Quem achou que nunca ia ter foi embora, mas quem pensou que ia melhorar ficou. Porque na verdade hoje a história é outra, não é mais do mesmo jeito. Todo mundo, ninguém tem nada, ninguém tem tanta coisa, mas não tá mais do jeito que chegou, porque o que a gente tinha lá acabou, trouxe o que pôde. Aí é assim que a gente vive aqui, devagar, mas é um devagar que dá

⁸³ ENTREVISTA. Socorro. Ibidem.

⁸⁴ Idem. Ibidem.

pra andar. É melhor do que parar, como a comunidade que eu falei, que já ficaram começando, e ainda tá no começo, e a gente começou e já passou um pouco na frente.⁸⁵

Socorro sabe, como sua mãe, que a questão não é ter, é fazer. Mesmo que seja devagar, “mas é um devagar que dá para andar”. E elas, mãe e filha, continuam andando.

Esta história, comovente, no entanto, ainda teve desdobramentos outros que preciso explicitar. Uma mãe, uma filha, um pai doente e nove filhos no mundo. A terra era fraca, pouca e distante. Os meninos muitos. Qual o futuro? Dona Joana, Socorro e seu Francisco não queriam apenas terras, queriam terra para trabalhar e produzir, queriam terra para toda a família: “A Terra dos Homens (...)// Que se entregam a ela // cada dia,// e a entregam a Deus// e ao Universo,// em pensamento e suor,// em sua alegria,// e em sua dor, com o olhar // e com a enxada// e com o verso...”⁸⁶ Não ficou claro na entrevista como foi que Domingos, um dos irmãos, se incorporou a decisão da família de entrar no Movimento Sem Terra, mas o certo é que ele veio da Bahia e também viajou no caminhão “sortido” de que fala Socorro:

Meu nome é Domingos, eu vim no caminhão, tinha trinta e poucos anos. Muita dificuldade, eu já conhecia a história. Eu tive na Bahia, lá tem vários acampamentos. Lá era assim muito desorganizado. O pessoal invadiu as áreas como chamava lá né, lá não era ocupação, chamava era invasão. Lá era zona rural, aí o pessoal ocupava as áreas não levando todo mundo de uma vez. Mas os homens ia demarcando e fazendo a derrubada, aí criava as construções, lá era desorganizado. Lá em Vitória também, o padre organizava marchas, passeata, era mais organizado.⁸⁷

Longa caminhada a de Domingos: Bahia, Vitória... Aos trinta e poucos anos ele continuava caminhando atrás de terra e por isso é com autoridade que ele diz: “muita dificuldade, eu já conhecia a história”. Na Bahia ele viu muitos acampamentos, mas “lá era invasão, não era ocupação... era desorganizado”. Em Vitória, como em Simões, o padre “organizava marchas passeatas, era mais organizado”. Por isso, “lá ele não participava”.

Não sei se a volta de Domingos à sua terra natal no momento em que a família decidiu fazer parte de ocupação em Marrecas foi só uma coincidência, ou se teve algum

⁸⁵ Idem. Ibidem

⁸⁶ Trecho do Poema “Terra nossa, Liberdade”. Ibidem.

⁸⁷ ENTREVISTA. São João do Piauí. Agosto de 2006. Domingos, filho de Dona Joana, morador do Assentamento Marrecas, “veio no caminhão desde o primeiro dia”.

planejamento, mas é provável que sua decisão de entrar no movimento tenha sido provocada pela decisão de Dona Joana e de sua irmã Socorro, como podemos inferir pela fala abaixo:

Aqui sim, eu era membro da classe comunitária, e aí nas reuniões deixaram espaço pra ficar reunindo o povo, e ficar vendo qual era a família que queria vim né. Aí eu fiz esse trabalho lá, pegava o nome das pessoas, incentivava. (...) Tinha que lutar, isso era uma coisa que tava começando, que era a única esperança que ninguém tinha como comprar terra. (...) Aqui tem muita terra, e aqui tinha muito sem terra, mas não tinha coragem. Eu acho muito importante, uma coisa que nós tem, uma palavra de ordem, é a mulher, a mulher na cozinha tem que sair pra luta.⁸⁸

Na memória de Domingos foi esta experiência como membro da família e membro da “classe comunitária que ajudou a organizar outras famílias, que sustentou sua decisão de lutar e de ficar na luta, mesmo quando teve que escolher entre seu casamento e a vida com o grupo”.

Ele conta, com visível tristeza, que apesar de ter incentivado a mulher a participar do Movimento ela não se adaptou a vida na comunidade, “ela queria individualmente”. Esta referência talvez nos ajude a entender melhor a comparação que ele faz entre “invasão” e “ocupação” ou “desorganizado” e “organizado”, quando ele conta da decisão do casal de se separar depois de onze anos. Ele contrapõe a postura da mulher, que não aceitava interferências do grupo com a necessidade de considerar o bem estar de todos:

Porque tem coisa que acontece que você tá dentro de uma organização, o grupo determina uma coisa, decide uma coisa e quem manda é a maioria, então você fica subordinando àquela decisão. (...) Apesar disso, eu nunca pensei em sair do acampamento ou do assentamento não. Eu vim pra ‘ocupar, resistir e produzir’ mesmo, eu vim foi pra ficar. Quando ela decidiu sair eu digo: “eu não vou sair não”. Eu já fui pra Bahia, da Bahia vim pro Piauí, no Piauí já arribei os cacos pra cá pra São João, e eu tenho “nojo” dessa vida de cigano.⁸⁹

Longa a caminhada de Domingos. Longa a caminhada de Dona Joana. Longa a caminhada de Socorro. Mas para os três o futuro está cada vez mais perto. Como elas dizem “é ir tangendo a vida”, porque a vida é devagar “mas é um devagar que dá pra andar, é melhor do que papar”. Seguindo estas mulheres que saíram da cozinha para ir à luta, Domingos sabe

⁸⁸ Idem. Ibidem.

⁸⁹ Idem. Ibidem.

que, “Agora eu sei. A minha vitória tem que ser aqui. Aí eu decidi ficar mesmo, eu nunca pensei em desistir não. Tô casado de novo e não penso em desistir”.⁹⁰

Esta persistência em lutar e a certeza de que lutando iriam conquistar um pedaço de terra para plantar, viver e compartilharem uma nova vida, retrata muito bem todas as histórias familiares apresentadas até o momento. Assim como a distinção entre o antes e o depois da ocupação de terras que se constitui como marco simbólico da luta de todas as famílias de trabalhadores rurais do Estado do Piauí. Pois o sofrimento de antes por “trabaiá nas terras alheia”⁹¹, ou devido ao fato de não arranjar serviço certo pra ganhar o sustento”⁹², ou ainda, devido às dificuldades de se plantar, ainda que, no caso de que alguns tivessem terra, – mesmo que pouca – pois não tinham nem sequer uma enxada ou cavador, o que lhes obrigava a plantar com suas próprias mãos “futucando com o dedo e cobria a terrinha prá produzir”.⁹³

Particularidades que uniam outras famílias em torno de um sonho comum qual seja: o sonho de conquistar terra, nem pouca, nem demais. Apenas o suficiente para construir uma casinha, plantarem sua roça e dela tirarem o sustento de todos. Mas o que permitiu essa aproximação de diversas famílias e de municípios distintos e distantes? O desejo de mudar de vida com certeza foi o motivo principal, mas não o único, pois ele não nos dá uma compreensão total de como estes trabalhadores, pais e mães, avós e avôs, filhos e filhas, homens e mulheres, conseguiram se articular e construir uma ação coletiva tão ampla e complexa como de fato é uma ocupação de terra. Então o que mais propiciou a convergência de um sonho em comum e de experiências de vidas distintas?

A conjuntura política e social por qual o país passava naquele instante? Lembrem-se que era final da década de 80 e o Brasil vivia a euforia da abertura política após anos de Ditadura Militar. A igreja que já vinha com um trabalho de apoiar e organizar os trabalhadores rurais devido as enormes dificuldades que estes tinham que enfrentar diariamente? O surgimento de novos atores sociais no cenário político nacional como a CUT, o PT e o próprio MST?

Com certeza todos estes fatores contribuíram significativamente para que Dona Antônia, Dona Anisia, Dona Joana, suas famílias e a de todos os outros trabalhadores que

⁹⁰ Idem. Ibidem.

⁹¹ ENTREVISTA. Francisco Juliano. Ibidem.

⁹² ENTREVISTA. Dona Antonia. Ibidem.

⁹³ ENTREVISTA. Dona Joana. Ibidem.

deixassem para trás uma vida de dores, sofrimentos e dificuldades e abraçassem o sonho de uma vida melhor, mais justa e digna que não se resumia apenas ao desejo de ter um pouco de terra para viver e produzir. Pois junto a isto existia um projeto de Reforma Agrária mais ampla e que se colocava como uma alternativa para todos os trabalhadores, fossem eles do campo ou da cidade.

Aos poucos os sonhos individuais, ou que se resumiam apenas aos desejos de uma ou de outra família iam se convertendo numa causa comum, mais ampla e de repente o “eu” transformava-se em “nós” e juntos foram trilhando uma longa e árdua caminhada que não se encerra ao chegar na terra. Nem mesmo ao conquistá-la, ou no momento que passam a produzir nela. Pois como eles que surgiam da/na terra só descansarão quando à terra voltarem para o descanso final. Sua labuta continua até hoje e talvez nunca tenha fim, pois como nos disse Domingos, eles vieram pra “Ocupar, Resistir e Produzir” e assim vão “tangendo a vida” e tangendo a luta para que outras famílias possam ter o mesmo destino que eles tiveram ao entrarem no MST. Vejamos então como se deu esta caminhada coletiva.

1.2 A CPT e o surgimento do MST no Piauí.

Pra não dizer que não falei das flores⁹⁴

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flôr seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora

⁹⁴ Música de Geraldo Vandré (Composição e Letra). “Ganhou 2º Lugar no Festival da Tv Globo em 1968, perdendo para “Sabiá” de Chico Buarque e Tom Jobim, apesar de ser a preferida do público que a cantou em uníssono no maracanãzinho e virou hino contra a ditadura”. Ver site: www.tvebrasil.com.br/paranaodizer/textos.htm.

Não espera acontecer

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

A força dos novos Movimentos Sociais no final da década de 70 tornou possível o ressurgimento do povo na cena política, mas não é apenas um ressurgimento, pois segundo Éder Sader “este é o momento de constituição de novos personagens”.⁹⁵ Depois de uma década vivendo uma violenta ditadura quando os direitos políticos foram, de muitas formas, completamente cerceados, o que provocou um enorme refluxo dos movimentos sociais, esses novos sujeitos perceberam que não adiantaria mais esperar, portanto aproveitaram o desgaste do governo militar para não só retomarem a luta por seus direitos, historicamente negados em nosso país, mas também, para construir uma nova alternativa de luta dos trabalhadores no

⁹⁵ Sobre o impacto dos Movimentos Sociais neste período ver Eder Sader, o que inclusive, discutiremos adiante. SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Agradeço a leitura deste texto a dois professores do curso. O primeiro, Antonio Melo Filho, me apresentou o texto quando cursei a disciplina Brasil Contemporâneo, onde discutimos o papel dos Movimentos Sociais pós-ditadura militar. A segunda, Maria do Socorro Rangel, que me ajudou a compreender melhor a importância e o significado do texto para a historiografia sobre os movimentos sociais no Brasil.

Brasil: “Vem, vamos embora// Que esperar não é saber// Quem sabe faz a hora// Não espera acontecer”.⁹⁶

A experiência da repressão e a memória da conseqüente derrota dos movimentos sociais pré-64, ainda estava muito viva e muito próxima. Eram sob as “flores no chão” que caminhava o novo, como diz a música de Vandrê. Por isso o novo carrega o peso do passado e é na contraposição a ele que se constitui.⁹⁷ É nesta conjuntura tensa que, inicia-se a construção de um novo Movimento Social. Seu projeto é viabilizado pelas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, tanto no campo como na cidade, onde os mais diversos sujeitos fabricam os cenários perfeitos para fazer vir a tona suas insatisfações. Mas como vimos no primeiro capítulo, as histórias de vidas destes trabalhadores rurais não eram movidas apenas por dores e sofrimento. Seus sonhos, suas paixões e a esperança de viverem uma vida melhor unidos em torno de suas famílias constituíam um lado importante de suas expectativas. Portanto, todos estes traços, são fundamentais para a compreensão de suas histórias de vida e de sua decisão de construir novas formas de luta.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST surge neste momento e constitui-se a partir destas marcantes histórias de vida já explicitadas. Sua construção inicia-se pelo sul do país. Rapidamente se espalha para as demais regiões, não demorando a chegar ao Piauí. Assim, surge o MST, da força e da dor de milhões de homens e mulheres, de crianças e de velhos sozinhos ou em parcerias com a família. Todas elas tinham perdido muitas coisas ao longo de suas vidas, algumas perderam praticamente tudo sob o fardo das botas que governavam o país. Bens materiais, que já eram escassos, foram destroçados; entes queridos, amigos e/ou familiares haviam sido presos, torturados, assassinados. Os sonhos de viverem em paz em “seu pedacinho de chão” escapava entre os dedos de suas mãos. Perderam

⁹⁶ Trecho da Música Pra não dizer que não falei das flores. *Ibidem*.

⁹⁷ Sobre a discussão dos novos movimentos sociais bem como sobre suas novas práticas me recorro do debate realizado na disciplina História e Movimento Sociais, ministrada pela professora Maria do Socorro Rangel no qual podemos compreender melhor como estes novos movimentos sociais se constituem, bem como em qual conjuntura política eles se constituem. Portanto, para compreendermos melhor este debate e para complementarmos a leitura de Éder Sader recorreremos aos textos discutidos na disciplina: 1- ALVAREZ, Sônia E.; DANGINO, Evelina; ESCOBAR, Artur. O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In: Cultura e apolítica nos movimentos sociais latino-americanos (Autores e organizadores). Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 15-50. 2- FRANK, André G. e FUENTES, Marta. Dez teses acerca dos movimentos sociais. Cópias de arquivo particular sem catalogação. 3. – MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. Cópias de arquivo particular sem catalogação.

quase tudo, só não deixaram lhes escapar a esperança, que ressurgiu como a *Fênix*⁹⁸ e das cinzas fabricadas pelos longos e frios coturnos dos militares surge o novo, renasce a esperança.

A terra se converte em uma causa mais ampla e aos sonhos particulares, individuais, são agregados projetos coletivos. Como esquecer o relato de Dona Anisia que ao descrever sua história de vida, parte de suas dificuldades específicas, mas logo se insere numa luta que não é mais só dela e de sua família, é “uma luta por todos”.

Neste tópico discutirei estas histórias em cruzamento com a história da CPT-PI e de como este encontro possibilitou a construção do MST-PI. Qual o papel da família na constituição deste Movimento Social? O que tornou possível sua constituição como a principal alternativa de organização e luta dos trabalhadores rurais do Brasil?

Ao fazermos esta análise, discutiremos as reações de seus opositores, principalmente as que surgiam por parte de latifundiários e do governo, quase sempre veiculadas e estrategicamente defendidas pela “grande” imprensa do Piauí que, assim como a “grande” imprensa nacional, incorporava a defesa da propriedade privada como instituição intocável.

Nossa análise se sustentará na relação, da memória construída a partir das histórias de vida dos trabalhadores rurais que se engajaram na luta por terra no Piauí, com as matérias do Jornal “O Dia”⁹⁹ detentor do discurso “oficial” que exaustivamente tentará nos convencer de que trabalhador é “baderneiro” e que reivindicação social seja “invasão”.

Libertação¹⁰⁰

A nossa luta é no campo e na cidade
Pra construir uma nova sociedade.

Quem rouba a terra, rouba a vida do pobre
Que necessita da terra pra viver
A terra é vida para quem trabalha nela
Negar a terra é fazer o pobre morrer.

Nós sempre somos explorados nos empregos

⁹⁸ Aproprio-me aqui do texto de Clóvis Moura: “Sociologia política da guerra camponesa de Canudos”, onde o autor faz uma análise da relação entre o MST e outros Movimentos Sociais. MOURA, Clóvis. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos**. São Paulo: Expressão Popular, 2000. p. 125-154.

⁹⁹ Fundado em 1º de Fevereiro de 1951 por Raimundo Leão Monteiro.

¹⁰⁰ Música de Ademar Bogo. Música 144 do livro “**Seguindo a canção**”. Coletivo nacional de cultura/ MST – frente de música. São Paulo: Anca. p. 108.

Da nossa força sai o lucro do patrão
E pra casa vai o decreto de morte
Salário baixo e pouca alimentação

Mas é nas Cebs que os pobres se organizam
Acreditando uns nos outros e na união
É com os pobres que a Igreja vai se mudando
E reencontrando o Deus da libertação.

Unidos vamos conquistar nossos direitos
Com fé na luta buscamos a liberdade
Acreditando e fazendo Reforma Agrária
Sendo semente da nova sociedade

Em 15 de março de 1974, Ernesto Geisel, general do exército, tomou posse para um mandato de cinco anos e anunciava que “avançaria, aos poucos, na direção de um regime democrático, no entanto, seria uma abertura lenta, gradual e segura”.¹⁰¹ Na prática, a repressão continuava implacável, principalmente devido ao “(...) estado de exceção construído pelo AI – 5”¹⁰², com as margens de liberdade e de crítica reduzidas a quase zero”.¹⁰³ “Há soldados armados, amados ou não// Quase todos, perdidos de armas na mão// nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição// De morrer pela pátria e viver sem razão”.¹⁰⁴

Se nas cidades, a repressão era generalizada, no campo ela também se fazia muito presente, reforçada que era pela violência endêmica dos “donos da terra”. Esta ação conjunta tinha o intuito de controlar possíveis articulações de trabalhadores rurais que colocassem em questão a propriedade privada da terra e o poder de seus ardorosos defensores, muitos deles alçados a governantes locais, regionais e nacionais. A situação era cada vez mais tensa:

O governo de Ernesto Geisel recebeu como herança do anterior inflação e alta dívida externa. Além disso, havia a crise internacional do petróleo. Nesse quadro de dificuldades, o governo necessitava de apoio da sociedade. Ele anunciou então a abertura política lenta e gradual. Era o começo do fim do regime militar, que ainda duraria dez anos. (...) A censura à imprensa foi suspensa em 1975 [No entanto] A linha dura dos militares, insatisfeita com

¹⁰¹ FIGUEIRA, Divalte Garcia. Os anos de chumbo no Brasil. In: **História**. Série: Novo Ensino Médio – volume único. São Paulo: Ática, 2003. p. 384-393.

¹⁰² Ato inconstitucional nº 5, decretado em dezembro de 1968, pelo Presidente General Costa e Silva. “Esse instrumento restabelecia o poder do presidente de cassar mandatos, suspender direitos políticos, demitir e aposentar juizes e funcionários, acabar com a garantia do *habeas corpus* e reforçar a repressão.” MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 96.

¹⁰³ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 52.

¹⁰⁴ Trecho da Música “Pra não dizer que não falei das flores”. Ibidem.

essa liberalização, promoveu uma onda de repressão. Foi quando prenderam e assassinaram o jornalista Vladimir Herzog e o operário Manuel Fiel Filho, ambos de São Paulo.¹⁰⁵

Apesar da violência constante os trabalhadores resistiam, e mesmo após uma década de duríssimas restrições políticas e sociais impostas principalmente pelo AI – 5, aos poucos iam se articulando, e com estes brotavam a esperança de toda uma nação de que dias melhores poderiam vir: “Pelos campos há fome em grandes plantações// Pelas ruas marchando indecisos cordões// Ainda fazem da flor seu mais forte refrão// E acreditam nas flores vencendo o canhão”.¹⁰⁶

Neste momento, como vimos nas histórias anteriormente reconstituídas, a igreja se constituía como o principal local de encontro, reuniões e articulações políticas dos trabalhadores. Estes, até certo ponto, protegidos pelo poder que a instituição – Igreja Católica – possuía, eram acolhidos por seus setores considerados progressistas e que deram um amplo apoio a reorganização dos trabalhadores em nosso país.¹⁰⁷ As Ceb’s, Comunidades Eclesiais de Base, eram o principal ponto de apoio dentro da igreja, e a partir de suas experiências tornaram possível o surgimento de novos instrumentos como a CIMI¹⁰⁸ e a CPT, que, por sua vez, contribuíram significativamente na construção das oposições nos sindicatos rurais, assim como na articulação para a criação do MST em praticamente todo território brasileiro: “Mas é nas Ceb’s que os pobres se organizam// Acreditam uns nos outros e na união// É com os pobres que a igreja vai se mudando// E reencontrando o Deus da libertação”.¹⁰⁹

A CPT nasce em junho de 1975, em Goiânia, e surge exatamente no período em que o governo dá um forte apoio à agricultura de exportação, fazendo com que se inicie um processo de aquisição de terras por parte de empresas e latifundiários, principalmente na região Amazônica e no Nordeste. Esta política se sustenta, principalmente, nos projetos de colonização do governo militar, sobre os quais Morissawa chega a afirmar que:

Pela propaganda oficial, havia terras em abundância à espera de colonizadores às margens das grandes rodovias: a transamazônica, Cuiabá -

¹⁰⁵ MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 100.

¹⁰⁶ Trecho da Música “Pra não dizer que não falei das flores”. Ibidem.

¹⁰⁷ Sobre a importância do papel da Igreja na reorganização dos trabalhadores rurais do Brasil, ver o documento “A Igreja e os problemas da terra” aprovado na 18ª Assembléia da CNBB, realizada em 14 de fevereiro de 1980 em Itaici, São Paulo.

¹⁰⁸ Conselho Indigenista Missionário, é um organismo ligado a CNBB que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da Igreja Católica junto aos povos indígenas, foi criado em 1972. Ver: www.cimi.org.br

¹⁰⁹ Trecho da música de Ademar Bogo. Ibidem.

Santarém e a Cuiabá - Porto Velho. Essa política espelhava o interesse do governo em esvaziar os conflitos por terra nos quatro cantos do Brasil. O general Médici a justificava como uma forma de “levar homens sem terra para terras sem homens”.¹¹⁰

Em decorrência deste processo temos a expulsão dos antigos moradores dessas terras e somados a isso, a intensificação da exploração destes trabalhadores rurais. “Quem rouba a terra rouba a vida do pobre// Que necessita da terra pra viver// A terra é vida para quem trabalha nela// Negar a terra é fazer o pobre morrer.// Nós sempre somos explorados nos empregos// Da nossa força sai o lucro do patrão// E pra casa vai o decreto de morte// Salário baixo e pouca alimentação”.¹¹¹ Sobre este processo Dom Tomás Baldoíno diz: “A CPT nasceu no momento do avanço do grande capital em direção a Amazônia à custa do genocídio dos povos indígenas e do massacre dos camponeses, com total impunidade para militares e pistoleiros”.¹¹²

Ainda sobre o surgimento e o significado da CPT, vejamos o que nos informa a cartilha produzida pela CPT do Piauí, quando da comemoração dos seus vinte e cinco anos de luta. Nesta memória a história da instituição é a base para reafirmar os compromissos do presente:

A CPT é uma Pastoral Social da Igreja Católica no Brasil, porém uma prática, ecumênica.

A CPT quer ser ‘fiel ao Deus dos pobres, à terra de Deus e aos pobres da terra’ engajando-se na construção do projeto popular para o Brasil. Tem como objetivos:

- Prestar um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e da água;
- Estimular e reforçar seu protagonismo em suas lutas pela reforma agrária e agrícola.

O Trabalho da CPT é um trabalho de base que busca priorizar a convivência fraterna com o Povo, a formação integral dos trabalhadores e trabalhadoras e agentes e a memória dos mártires da terra.

Fortes conflitos de terra surgiram devido à resistência dos trabalhadores e das trabalhadoras. Esses trabalhadores pediram o apoio da igreja e a CPT foi criada. Assim, os verdadeiros pais e mães da CPT foram os peões, os posseiros, os índios migrantes, as mulheres e os homens que lutam por liberdade e dignidade numa terra livre da dominação.¹¹³

¹¹⁰ MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 100. Sobre a política de colonização do governo militar ver também **Reforma Agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra**. MEDEIROS, Leonilde Servolo de. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, p. 14-28.

¹¹¹ Trecho da música de Ademar Bogo. Ibidem.

¹¹² BALDOÍNO, Dom Tomás. Depoimento: Ação da igreja católica e o desenvolvimento rural. In: **Dossiê Desenvolvimento Rural**. Vol. 15, n°. 43. São Paulo: EDUSP, p. 14.

¹¹³ Cartilha: CPT-PI, 25 anos de luta, p. 5-6.

A CPT, portanto, surge e se constrói a partir da necessidade dos trabalhadores e das trabalhadoras de lutarem para permanecer na terra, em suas terras, terras estas muitas vezes, habitadas há décadas e por várias gerações de uma mesma família. A resistência, celebrada neste documento-monumento, é apresentada não só como a essência das histórias de vida destes “guerreiros do campo”¹¹⁴, mas também como alicerce fundamental, constituinte da CPT. A memória celebrada pela CPT confunde-se com a história de vários trabalhadores rurais brasileiros. Ela é parte da história de luta da família de Dona Antônia, bem como a da família de Dona Anisia e da de Dona Joana e de milhares de outras famílias sem terra.

A memória deste momento efervescente de nossa história nos mostra inclusive como a luta por melhores condições de vida no campo aproximou diversos sujeitos políticos. Seja no campo ou nas ruas das cidades os sonhos individuais e coletivos convergiam em torno do sonho maior, o sonho por liberdade: “Nas escolas, nas ruas, campos, construções// Somos soldados, armados ou não// caminhando e cantando e seguindo a canção// Somos todos soldados, armados ou não// caminhando e cantando e seguindo a canção// Somos todos iguais, braços dados ou não”.¹¹⁵ As memórias sobre este tempo singular reverberam nos mais diferentes lugares de discurso. Vejamos mais uma vez a fala de Dom Tomás Baldoíno:

Apoiamos os esforços do homem do campo por uma autêntica Reforma Agrária... Apoiamos igualmente a mobilização dos trabalhadores para exigirem a aplicação e/ou a reformulação das leis existentes, bem como para conquistar uma política agrária, trabalhista e previdenciária que venha ao encontro dos anseios da população.¹¹⁶

Também para a historiografia, esta confluência de experiências políticas distintas provocou intensos debates em torno dos conceitos como política, projeto político, movimento social, instituições... Entre o passado e o presente, entre a memória e a história, o novo e o velho viraram debate: “Quando novos personagens entraram em cena”¹¹⁷, o próprio título nos remete a questão central não só do texto do autor, mas também nos leva às inquietudes de

¹¹⁴ Aproprio-me aqui do título da obra de Dionísio da Silva: **Os guerreiros do campo**. São Paulo: A Girafa, 2006. Inspirado no artigo de Alberto Dines sobre os Sem Terra.

¹¹⁵ Trecho da Música “Pra não dizer que não falei das flores”. Ibidem.

¹¹⁶ BALDOÍNO, Dom Tomás. Ibidem.

¹¹⁷ SADER, Eder. Ibidem.

uma época, onde pesquisadores e militantes sociais debatiam as particularidades de um momento histórico marcante para a constituição destes próprios movimentos.

A obra discute a fragmentação e diversidades das práticas sociais existentes durante a década de 70, mas tal heterogeneidade não foi analisada por Éder Sader como empecilho a constituição dos movimentos sociais, mas sim como sendo a particularidade de uma nova forma de entender e fazer política, onde a autonomia em relação as instituições consagradas como “lugares de política”, foi o grande diferencial, como destaca Marco Aurélio Garcia:¹¹⁸

Éder começou a analisar o significado da reanimação política do Brasil, preocupando-se menos com os aspectos institucionais da transição que começa a se insinuar a partir de 74/75, e mais com o aparecimento de uma nova classe operária, de combativos movimentos reivindicatórios nas periferias das cidades brasileiras ou de outros tipos de movimentação social onde detectava uma dinâmica cuja característica fundamental era a autonomia.

(...) Quando Novos Sujeitos entram em cena representa o resultado de muitos anos de reflexão sobre os movimentos sociais e suas implicações para a construção de uma política dos trabalhadores.¹¹⁹

Portanto, partindo da análise de experiências de lutas de trabalhadores da grande São Paulo na década de 70, Éder Sader lança luz sobre todo um conjunto de Movimentos Sociais que então se construía valorizando o impacto deles em nossa sociedade:

O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores da emergência de novas identidades coletivas. Tratava-se de uma novidade no real e nas categorias de representação do real.¹²⁰

Ao incorporar esta interpretação nossa intenção é ressaltar a importância assumida pela CPT na organização dos trabalhadores rurais, inclusive como fruto do trabalho realizado pelas Ceb's, uma emergência também lembrada por Éder Sader como constituinte deste

¹¹⁸ Marco Aurélio Garcia é historiador e professor da UNICAMP, membro do diretório regional do PT/SP e do conselho editorial da Revista Teoria e Debate.

¹¹⁹ GARCIA, Marco Aurélio. Eder Sader: **O futuro sem este homem**. Texto publicado no site: www.2.fpa.org.br/portal, publicado em 30/09/1988. p. 4-5.

¹²⁰ EDÉR, Sader. Ibidem.

processo. Uma importância reconhecida por Dom Tomás Baldoíno que recorre ao discurso de José de Souza Martins, abaixo reproduzido, como forma de legitimação:

A fundação da CPT institui uma nova mediação na expressão da vontade política desse novo agente do processo de transformação social no Brasil, desse novo sujeito de nossa história. (...) Estimula o aparecimento dos Movimentos Sociais (...) Estimula a que os trabalhadores não abram mão das outras dimensões da sua luta, que não se reduzem ao sindical e ao econômico, à questão da sobrevivência imediata. Ela proclama que sem dignidade não há vida verdadeira.¹²¹

Impossível não lembrar de Dona Antônia, de sua luta e de sua dignidade de membro do grupo de remédios caseiros, de ministra da igreja e de mãe de nove filhos, “todos na escola!”: “Os amores na mente, as flores no chão// A certeza na frente, a história na mão// Caminhando e cantando e seguindo a canção// Aprendendo e ensinando uma nova lição”.¹²²

No Piauí a CPT surgiu em 1979, e assim como no restante do país, surge a partir da necessidade dos trabalhadores rurais que cotidianamente enfrentavam a seca, a falta de expectativa em relação ao seu futuro e ao futuro de seus filhos e vários conflitos de terra. Segundo Expedita Araújo, uma das coordenadoras da CPT, ligada à arquidiocese de Teresina,

A CPT surgiu nos anos 70, a Comissão Pastoral da terra a nível nacional, só que ela não surgiu do nada. Ela surgiu por que nos regionais, por exemplo, aqui no Piauí, (...) já tinha uma semente de organização em cima de toda aquela conjuntura da época que tava surgindo. (...) Já tinha a experiência de outros setores da igreja e da sociedade organizada. Então ela não surgiu do nada, ela surgiu de várias iniciativas já nas bases, principalmente na região centro, centro-oeste, onde os vários grupos de implantação do agronegócio estavam chegando com a ‘modernidade’ no campo, a tecnologia, aquela coisa toda e os trabalhadores que estavam naquela época, tendo um grande apoio da igreja via Ceb’s, meados dos anos 70, as comunidades Eclesiais de base estavam surgindo com muita garra, com muita força. Ligando fé e vida.¹²³

A CPT, assim como o próprio MST, não surgiu apenas da luta e dos esforços da igreja católica. Outros grupos ajudaram a construir essa árdua e lenta caminhada, como lembra Expedita:

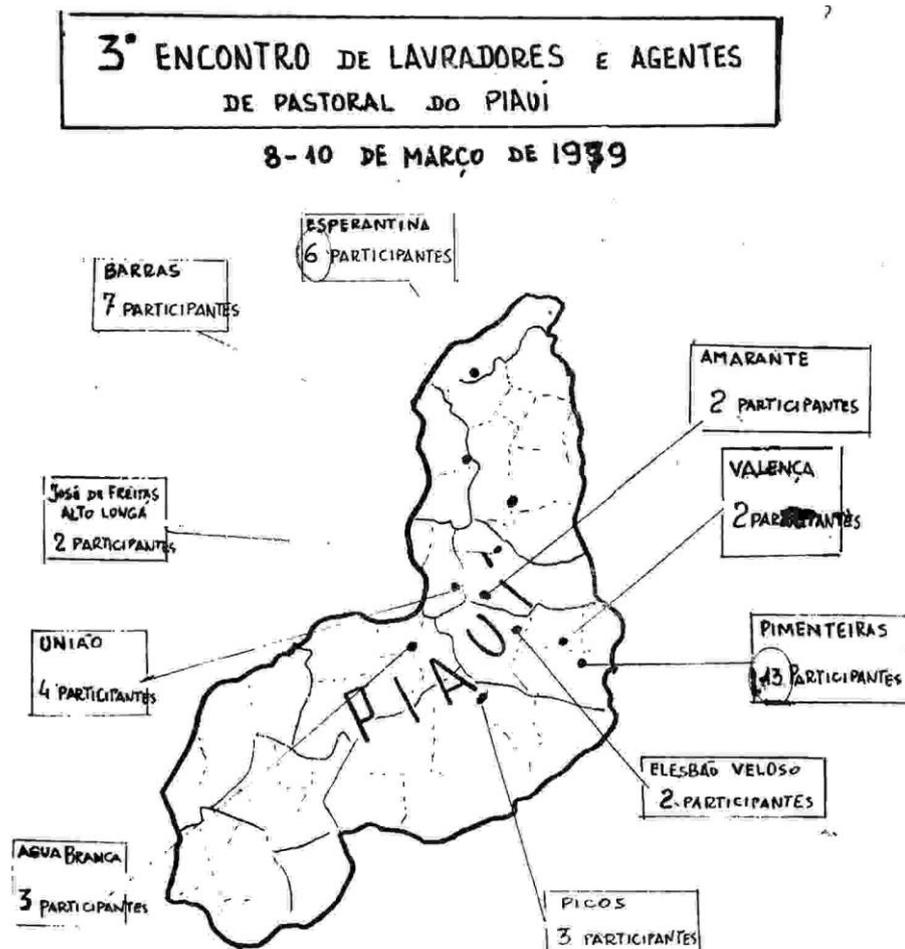
¹²¹ BALDOÍNO, Dom Tomás. *Ibidem*.

¹²² Trecho da Música “Pra não dizer que não falei das flores”. *Ibidem*.

¹²³ ENTREVISTA. Teresina, fevereiro de 2006. Expedita Araújo da Silva Sousa. Membro e articuladora da CPT – Piauí desde o início das atividades da criação do MST no Piauí.

E outros setores né, inclusive naquela região outras igrejas participavam e continuam participando até hoje, assim com muita força nesse campo do apoio pastoral. Então a CPT surge aí, em 75 é oficializada a criação da Comissão Pastoral da terra a nível nacional, já vários regionais participando. (...) Como a igreja também não tinha força, então foram juntando várias iniciativas: iniciativas do movimento sindical, iniciativa dos movimentos mais ligados às pastorais, a igreja Presbiteriana, a Igreja Luterana e a Igreja Católica foram se juntando. A CPT não saiu só da Igreja Católica, mas desde o seu início ela teve uma participação de outras igrejas.¹²⁴

O processo de organização da CPT no Piauí inicia-se pelo norte do Estado na região de Pimenteiras e Esperantina, o que pode ser inferido a partir da análise do número de participantes no 3º Encontro de Lavradores e Agentes de Pastoral do Piauí. Neste encontro participaram 44 pessoas e, destas 13 eram do extremo norte do Estado (Barras e Esperantina), e outras 13 eram da região de Pimenteiras, como fica evidenciado no mapa que acompanha o material utilizado pela comissão provisória na preparação e organização do referido encontro:¹²⁵



¹²⁴ Idem. Ibidem.

TEMA DO ENCONTRO: "EXODO RURAL"

¹²⁵ Documento: 3º Encontro de Lavradores e Agentes de Pastoral do Piauí. 1979, p. 2.

A própria CPT divide sua história aqui em quatro períodos. O primeiro compreende “as primeiras iniciativas de estruturação” e vai de 1978 a 84:

(...) Temos que falar do final da década de 70. Este período estava marcado pelo surgimento de muitos conflitos relacionados à problemática da terra. Trabalhadores e trabalhadoras, sobretudo na região norte do Estado, sofreram ameaças de toda natureza e clamavam por justiça. Sensibilizados com a situação, seguimentos da igreja, especialmente na região de Pimenteiras e Esperantina, despertam e tomam iniciativa de abraçar a luta em favor dos lavradores e lavradoras, iniciando assim, o processo de organização em vista da criação de um instrumento de defesa e apoio destes resistentes lutadores e lutadoras pela terra e pela vida. Padres, religiosos e religiosas, e leigos e leigas foram se envolvendo nesta caminhada, tornando possível a concretização dos anseios destes companheiros e destas companheiras.¹²⁷

Inicialmente a Comissão Provisória era composta pelo Pe. Sandro, Ir. Rosa e Suzana¹²⁸, sendo ampliada com a chegada de Ir. Nair, Pe. Ladislau – hoje Superintendente do INCRA –, Pe. Nery e dos trabalhadores rurais Josino e João Batista.¹²⁹ Segundo consta na memória da Instituição, esta comissão provisória,

(...) Solicitou aos Bispos do Estado um reconhecimento do trabalho desenvolvido enquanto pastoral da igreja para ter um efeito multiplicador em todas as Dioceses do Estado. Na Assembléia da Província do Piauí¹³⁰ se aprovou e confirmou suas atribuições da CPT do Piauí: estudar a realidade de maneira global; conscientizar as vítimas da opressão e também dos agentes; marcar presença no meio rural; animar e acompanhar os agentes em sua caminhada.¹³¹

Coerentes com os objetivos estabelecidos a nível nacional, a CPT no Piauí procura ajudar aos trabalhadores e trabalhadoras rurais de nosso estado a enfrentarem as dificuldades de permanecerem na terra e de lutarem por melhores condições de vida, “tornando possível a concretização dos anseios destes companheiros e destas companheiras”.

¹²⁷ Cartilha: CPT Piauí, 25 anos de luta. P. 5-6.

¹²⁸ Sobre Suzana a cartilha da CPT não nos informa maiores detalhes, portanto não conseguimos identificar se ela era uma “Irmã da igreja” ou se era uma “leiga” que se incorporou nesta luta de criação da CPT.

¹²⁹ Ver cartilha da CPT. Ibidem, p. 8

¹³⁰ Realizada nos dias 27 e 28 de Setembro de 1979. Ver documento: **Construindo a história da CPT Piauí.**

¹³¹ Ver Cartilha da CPT. Ibidem, p. 9.

Para aqueles que produziram esta memória, ao receberam apoio da igreja e passaram a contribuir com o processo de construção da própria CPT, estes “lutadores e lutadoras” ajudam os setores progressistas da igreja a fortalecer a relação desta instituição com os princípios da Teoria da Libertação.¹³²

O segundo período que foi nomeado “contribuindo para o surgimento de Novos Sujeitos”, recobre os anos de 1985 a 94. A novidade como vinha acontecendo no restante do país, era a ampliação das entidades representativas dos trabalhadores como o MMTR – Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais –, várias cooperativas e associações e ainda a Escola Sindical “Paulo de Tarso”, além, é claro, do surgimento do MST.

Após aquele primeiro período entendido como um momento de fundação, a CPT inicia esta segunda etapa decidida a reforçar seu “alicerce estrutural”. Para isso a estratégia era fortalecer a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do Piauí, apoiando todas as organizações e instituições que promovessem a luta por melhores condições de vida.

É interessante notar que os objetivos traçados pela CPT do Piauí, neste período, estão em sintonia com as leituras dos pesquisadores, como já mostramos, e também com as inquietudes dos militantes sociais. Como esquecer a recorrente idéia de “Novos Sujeitos Sociais em Cena”? Como não identificar a presença de Éder Sader na tentativa de historicização da CPT? Impossível. Principalmente se considerarmos o impacto e a profunda influência que seu texto provoca neste debate. Esta, sem dúvida, é uma etapa marcante para a CPT, pois ela se fortalece na luta e reinventa a si mesma.

Talvez a melhor forma de explicitar “o espírito da época” seja voltando ao poema de Dom Pedro Casaldáliga que serve de epígrafe neste capítulo. Nele a igreja invectiva os poderosos e clama por solidariedade. Em plena ditadura e com a memória do aniquilamento dos grupos guerrilheiros ainda muito fresca – particularmente na região amazônica onde o PC do B havia organizado, no final dos anos 80, a guerrilha do Araguaia – estes eram sinais inequívocos de que havia outra resistência, em novas bases, e que novos tempos se preparavam:

¹³² Segundo Leonardo Boff. A teoria da libertação é um grande esforço de uma grande parte dos cristãos de fazer do evangelho e da fé em favor da mobilização social. ver: www.carosamigos.com.br/outras_edicoes/grandes_entrev//boff.asp

Terra nossa, liberdade ¹³³

Esta é a Terra nossa:
a liberdade,
humanos!

Esta é a terra nossa:
a de todos,
irmãos!

A Terra dos Homens
que caminham por ela,
pé descalço e pobre
Que nela nascem, dela,
para crescer com ela,
como troncos de Espírito e
de Carne.

Que se enterram nela
como sementeira
de Cinzas e de Espírito,
para fazê-la fecunda como
uma esposa mãe.

Que se entregam a ela,
cada dia,
e a entregam a Deus
e ao universo,
em pensamento e suor,
em sua alegria,
e em sua dor,
com o olhar
e com a enxada
e com o verso...

Prostitutos cridos
da mãe comum,
seus malnascidos!
Malditas sejam
as cercas vossas,
as que vos cercam
por dentro,
gordos
sós,
como porcos cervados;
fechando,
com seu arame e seus títulos,
fora de vosso amor,
aos irmãos!

(Fora de seus direitos,
seus filhos
e seus prantos
e seus mortos,
seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
fora dos irmãos
e de Deus!

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravo os humanos!

Outra é a Terra nossa,
homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos!

¹³³ Poema que deu o título a primeira edição de um livro publicado originalmente em espanhol e que conta um pouco das experiências, lutas e andanças de Dom Pedro Casaldáliga: “Tierra nuestra, libertad”, veio a ser publicado no Brasil em 1978 com o nome de “**Antologia retirante**”.

Esta parceria entre Igreja e MST, é considerada, por aquele que se tornou o líder por excelência do movimento e, por isso mesmo, o seu mais conhecido porta voz, João Pedro Stédile, como uma experiência fundante para o movimento social:

Há ainda um aspecto que também julgo importante do trabalho da CPT na gênese do MST. Ela teve uma vocação ecumênica ao aglutinar ao seu redor o setor luterano, principalmente nos estados do Paraná e de Santa Catarina. Por que isso foi importante para o MST? Porque se ela não fosse ecumênica, e se não tivesse essa visão maior, teriam surgido vários movimentos. A luta teria se fracionado em várias organizações.¹³⁴

Esta leitura foi em grande medida informada pela experiência já que João Pedro assessorou, como funcionário da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, a CPT daquele Estado antes mesmo de se tornar um dos fundadores do MST. Mas à experiência pessoal soma-se na construção deste discurso um diagnóstico da conjuntura política mais ampla que define os contornos da criação do MST:

Não podemos desvincular o surgimento do MST da situação política do Brasil naquela época. Ou seja, o MST não surgiu só da vontade do camponês. Ele só pôde se constituir como um movimento social importante porque coincidiu com um processo mais amplo de luta pela democratização do país. A luta pela reforma agrária somou-se ao ressurgimento das greves operárias, em 1978 e 1979, e a luta pela democratização da sociedade.¹³⁵

Ainda sobre essa conjuntura e sua relação com a formação do MST, João Pedro Stédile ressalta a importância das muitas alianças promovidas em torno do nascimento daquele Movimento Social.

A motivação era a de manifestar solidariedade à luta pela reforma agrária e, ao mesmo tempo lutar contra a ditadura militar. A sociedade, portanto, ajudou a construir o MST, porque se ela não promovesse a defesa do acampamento da Encruzilhada Natalino¹³⁶ a derrota política que iríamos sofrer teria adiado a construção do MST, ou então, ele teria nascido com outro sentido, com outro caráter¹³⁷.

¹³⁴ FERNANDES, Bernardo Mançano e STÉDILE, João Pedro. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 31.

¹³⁵ Idem. *Ibidem*.

¹³⁶ “Marco da luta pela terra no Brasil. Inaugurou uma nova forma de luta, o acampamento à beira da estrada. (...) Realizada no ano de 1981, onde mais de 700 famílias sem terra acamparam à beira de uma estrada em Ronda Alta (RS). O acampamento durou três anos e serviu para sensibilizar muita gente para a necessidade da Reforma Agrária no Brasil, e chamou a atenção da opinião pública nacional e internacional.” In: *Calendário Histórico dos Trabalhadores*. Publicação do MST – Setor de Educação/Formação. 3ª ed. São Paulo, 1999. p. 71. Ver também MELIGA, Laerte Dornelis; JANSON, Maria do Carmo. **Encruzilhada Natalino**. Porto Alegre: Vozes, 1982.

¹³⁷ Idem. *ibidem*, p. 23.

Todos estes lugares de legitimidade ficariam, no entanto, incompletos se à Fundação do MST não fosse acrescentado um referencial “histórico”. Este referencial foram as Ligas Camponesas. Esta linha de afinidade – continuidade? – se sustenta, principalmente, pela forma com que as ligas construíram sua ação política, pois o próprio João Pedro Stédile ao se referir a elas, nos diz que “estas se mantiveram mais independentes [do que outros movimentos], com base na bandeira de luta “Reforma Agrária na lei ou na marra”. Por isso, mais do que os sindicatos rurais, as ligas se constituem como uma referência da luta pela Reforma Agrária. Esta necessidade de criar uma linha de continuidade com as histórias das ligas camponesas podem ser explicadas pela necessidade de construir um lastro para o Novo que surgia.

Mas não podemos considerar que esta ligação tem a intenção de demarcar espaços de atração política, e mais que demarcar, diferenciar. Ou seja, ao criar esta linha de continuidade que ele sabe artificial, João Pedro Stédile assinala a preocupação do movimento de criar, ainda nos seus primórdios, uma “identidade política”. Uma construção que não se faz sem disputa, inclusive no campo da memória. Vejamos o que nos diz sobre isso Maria Aparecida de Moraes Silva:

Nenhum projeto presente pode ser elaborado sem o conhecimento do passado. Partir do presente, com os olhos voltados para o passado, mas em direção ao futuro, é a brilhante definição de história de Walter Benjamin. Nenhum projeto se sustenta sem o conhecimento do passado. Na dialética entre presente, passado e futuro estão os elementos necessários para qualquer ação transformadora da realidade social.¹³⁸

Esta parceria Igreja/MST rendeu muitos frutos e continua a se desdobrar em várias experiências e de muitas formas. Foram, e ainda são, inúmeros os exemplos de militantes sociais mais ligados à igreja que se inseriram ao longo da trajetória do próprio MST, como é possível exemplificar a partir da trajetória de Maria Gorete Sousa:

Comecei em 1986, quando ainda militava nas Comunidades Eclesiais de Base. Era ligada à igreja católica em Oeiras, no Piauí, onde morava. Nessa época, organizações ligadas à igreja já estavam trabalhando para que o MST fosse conhecido em todo o Brasil. Fiquei responsável em minha paróquia, por acompanhar o trabalho da pessoa que veio organizar o MST no Piauí.

¹³⁸ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra**: experiência e memória. São Paulo: UNESP, 2004, p. 31.

O início do MST tem relação com o trabalho pastoral da igreja. Iniciamos a construção do MST no regime militar, então, a igreja representava a possibilidade de nos reunirmos. Essas reuniões ocorriam a partir das Comunidades Eclesiais de Base, quando discutíamos a bíblia e trazíamos as discussões para a nossa realidade concreta e objetiva. Claro que, no final da década de 1990, o MST já tinha autonomia. Desde o início o MST se declara como uma organização camponesa autônoma, de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Não terá ligação com partido e nem uma outra instituição. Assim caminhamos.¹³⁹

Hoje, Maria Gorete Sousa é coordenadora político-pedagógica da Escola Nacional “Florestan Fernandes”. E assim como ela, inúmeros outros militantes que iniciaram sua trajetória política nas lutas vinculadas à igreja, hoje se encontram militando dentro do próprio MST, numa simbiose que se traduz nas músicas que ressoam a cada nova empreitada: “Unidos vamos conquistar nossos direitos// Com fé na luta buscamos a liberdade// acreditando e fazendo Reforma Agrária// Sendo semente da nova sociedade// A nossa luta é no campo e na cidade// pra construir uma nova sociedade”.¹⁴⁰

¹³⁹ SOUSA, Maria Gorete. ENTREVISTA. **Luta pela terra**: além de ocupar as terras, precisamos ocupar as letras. Edição especial. São Paulo: IBASANET, 2005. Disponível em: www.ibase.org.br

¹⁴⁰ Trecho da música de Ademar Bogo. Ibidem.



Ocupar

A ocupação em Cruz Alta, em 1989.
Fonte: Douglas Mansur



Resistir

Despejo em Getulina - São Paulo - 1993.
Fonte: Arquivo do MST.



Produzir

Cooperativa União - Dionísio Cerqueira - SC
Fonte: Arquivo do MST.

CAPÍTULO II

ROMPENDO AS CERCAS:¹⁴¹

“Ocupar, Resistir e Produzir”¹⁴²

METAL E SONHO¹⁴³

Organizar a Esperança,
conduzir a Tempestade,
romper os muros da Noite,
criar sem pedir licença,
um mundo de liberdade.

Trabalhar a dor,
Trabalhar o dia,
Trabalhar a flor,
irmão,
e a coragem
de acender a rebeldia!

No clamor das oficinas
Moldados metal e sonho,
Banhada em sol e suor,
forjamos a ferramenta,
central dos trabalhadores.

Convocar todos os Sonhos
e as mãos das companheiras,
feitas de espera e de flor,
tecendo nossas bandeiras
na trama de cada dor.

¹⁴¹ Título inspirado no belíssimo trabalho de Sue Branford e Jan Rocha: **“Rompendo a cerca: a história do MST”**, publicada pela editora Casa Amarela em 2004 e que teve a tradução de Rubens Galves Merino. Sua leitura me fez compreender melhor a amplitude da luta por Reforma Agrária, defendida pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais militantes do MST, pois segundo estes, a cerca do latifúndio não aprisiona apenas a terra, aprisiona também a vida e a esperança de um futuro melhor e dificulta o acesso, desses trabalhadores e trabalhadoras, não apenas ao pedaço de terra, mas também à saúde, educação, moradia... Portanto, estas são algumas inúmeras “cercas” que devemos derrubar.

¹⁴² O subtítulo é uma reprodução de uma palavra de ordem do MST escolhida como bandeira de luta em 1989, que segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira consolidou a atuação política do MST. Este ano marca ainda o início das ações políticas do MST no Piauí, portanto, as primeiras ocupações do Estado são localizadas são balizadas, desde o princípio, por esta palavra de ordem.

¹⁴³ Poema: “Metal e sonho”. Terra, Pedro” – Hamílto Pereira Silva. In: **“Um novo céu – uma Nova Terra”** ST. Gallen/ Berlin/ São Paulo: Edition Dia, 1990, p. 68.

Arrastar todas as cercas,
 que as enxadas voltarão
 à terra-mãe de lavrar
 e dividir o sertão,
 liberto como outro mar.
 Levantar os oprimidos,
 que os tiranos tremerão
 e aos palácios destruídos
 avançaremos unidos
 no passo da multidão.

Retomamos a memória,
 na batalha das cidades
 empunhamos nossa história,
 já não há quem nos detenha,
 nós somos a Tempestade.

O MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, nasceu oficialmente em janeiro de 1984, ao final do I Encontro Nacional dos Sem Terra realizado na cidade de Cascavel na Cidade do Paraná. O evento ocorreu entre os dias 20 e 22 nas dependências do Seminário Diocesano onde:

(...) um grupo de quase cem trabalhadores sem terra – ou, simplesmente, sem-terra, como eram chamados cada vez com maior frequência – realizou uma reunião histórica em Cascavel, cidade no oeste do Estado do Paraná, para configurar a nova organização, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.¹⁴⁴

Neste encontro estiveram presente trabalhadores rurais de 12 Estados entre eles: Rio grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Bahia, Pará, Goiás, Rondônia, Acre e Roraima, além de representantes da Abra,¹⁴⁵ da CUT, da Cimi e da Pastoral Operária de São Paulo, além é claro, da própria CPT. “Organizar a Esperança, // conduzir a Tempestade, // romper os muros da Noite, // criar sem pedir licença, // um mundo de liberdade”.¹⁴⁶

A partir deste encontro iniciou-se o processo de expansão por todo o país, como ressalta Morissawa:

Após sua fundação, o MST passou a articular-se em diversos Estados. Dessa articulação resultaram os passos organizativos representados pelos quatro Congressos Nacionais dos Sem Terra (1985, 1990, 1995 e 2000) e pelos diversos Encontros Regionais e Nacionais realizados desde então.¹⁴⁷

¹⁴⁴ BRANFORD, Sue e ROCHA, Jan. Ibidem.

¹⁴⁵ Associação Brasileira de Reforma Agrária.

¹⁴⁶ Trecho do Poema “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

¹⁴⁷ MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. Op. cit. 138.

Para mobilizar tantos e tão diferentes sem terra em todo país e, além disso, articulá-los num projeto comum a estratégia foi estabelecer metas e práticas que pudessem ser partilhadas e reconhecidas como signos do projeto político que então se forjava. Neste difícil e tenso momento inicial a palavra de ordem foi “Ocupar é a única solução”.

A tarefa de procurar compreender o processo de construção que deu origem ao MST não é das mais simples, portanto, existem vários caminhos que podem ser seguidos para compreensão de sua gênese, e um deles, segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira é a partir da “análise de suas palavras de ordem”. Segundo o autor, a partir deste estudo podemos compreender de maneira mais ampla, todo o processo de gênese e consolidação do MST, assim como, as mudanças de estratégias que o movimento assumiu devido as dificuldades enfrentadas em cada um dos seus tempos históricos. “Trabalhar a dor,// Trabalhar o dia,// Trabalhar a flor,// irmão,// e a coragem// de acender a rebeldia!”¹⁴⁸

No início, a tônica das palavras de ordem foi a necessidade de auto afirmação do direito ao uso da terra pelos trabalhadores rurais. Tendo por base a memória histórica de uma luta tão antiga quanto difícil, lemas como “Terra para quem nela trabalha” se somaram aos violentos e cotidianos enfrentamentos com os latifundiários e com o governo: “Terra não se ganha, Terra se conquista”.

Este discurso da exigência da necessidade de reforma agrária foi reforçado por um apelo mais amplo e muito mais adequado à conjuntura política que se vivenciava: “Sem Reforma Agrária não há democracia”, “Reforma Agrária já”. Mas esta urgência experimentada no dia-a-dia dos trabalhadores de um país historicamente desigual e historicamente contrário a qualquer tentativa de re-distribuição dos enormes latifúndios exigiu muitas vezes um posicionamento aparentemente ambíguo: “Ocupação é a Única Solução”, “Enquanto o Latifúndio quer guerra, nós queremos Terra” e “Reforma Agrária na Lei ou na Marra”. “Arrastar todas as cercas,// que as enxadas voltarão// à terra-mãe de lavrar// e dividir o sertão,// liberto como outro mar.// Levantar os oprimidos,// que os tiranos tremerão// e aos palácios destruídos// avançaremos unidos// no passo da multidão”.¹⁴⁹

Esta aparente ambigüidade explicita muito bem as tensões e expectativas que atravessaram o processo de constituição política do MST. Conscientes de que a Reforma Agrária não viria sem pressão, e sobretudo, sem a participação direta e inequívoca dos trabalhadores, neste confronto, o lema “Ocupação é a única solução” se complementa com a “justificativa” de que a guerra, onde ela existia era por causa da postura e inflexibilidade do “latifúndio”. No entanto, este confronto que, claramente, é visto e dito com uma necessidade e não como uma escolha, seria enfrentado ainda que para isso fosse preciso recorrer a “velhos” projetos: “Reforma Agrária, na Lei ou na Marra”.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Trecho do Poema “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

¹⁴⁹ Idem. Ibidem.

¹⁵⁰ Reforma Agrária, na Lei ou na Marra” foi o lema defendido pelas Ligas camponesas na década de 60. pronunciado por Francisco Julião, um dos líderes dessa organização na época.

Este conjunto das palavras de ordem construídos nos primeiros anos do movimento mostra que os discursos produzidos pelos trabalhadores rurais, ao longo do processo de consolidação do MST, acompanham a trajetória política vivenciada ao decorrer dos anos, ou melhor, de 1979 a 1988, período marcado pela defesa e difusão das palavras de ordem elencadas acima.

Em seguida, no ano de 1989, o MST escolheu como palavra de ordem: “Ocupar, Resistir e Produzir” que, ainda segundo Oliveira, “mostra uma mudança qualitativa que proporcionou ao MST a consolidação de sua política”. “No clamor das oficinas// Moldamos metal e sonho,// Banhada em sol e suor,// forjamos a ferramenta,// central dos trabalhadores”.¹⁵¹

É importante observarmos que o ano de 1989 é marcado pela extinção do Mirad¹⁵² e INCRA pelo governo Sarney¹⁵³, e como resposta o MST organizou o seu 5º Encontro Nacional, que segundo Morissawa,

Se definiram as normas gerais dos assentamentos; escolheu-se o hino do MST, marcou-se a data do 2º Congresso Nacional; decidiu-se a apresentação de 10 reivindicações básicas aos candidatos à Presidência da República – (e) foi tirada a nova palavra de ordem do movimento: ‘Ocupar, Resistir e Produzir!’¹⁵⁴

O ano de 1989, constitui-se para o MST como um período de consolidação a nível nacional. E foi justamente nesse ano, que o MST no Piauí, após um período de “acúmulo de forças” junto das Ceb’s e da CPT, conseguiu articular o numero suficiente de famílias de trabalhadores rurais com o intuito de organizar uma ocupação de terras, a primeira de inúmeras outras que ocorreriam nesse Estado.

Assim o MST foi se constituindo “como uma tempestade”, e aos poucos foi “retomando” e “reconstituindo” uma história de lutas vinculadas a outros trabalhadores rurais que viveram e lutaram em outras épocas, como já vimos no capítulo anterior. Foram “retomando a memória” da luta por terra, por moradia, por melhores condições de vida, fosse nas “batalhas no campo ou na cidade” onde “impuseram sua história” e se inseriam na história

¹⁵¹ Trecho do Poema: “Terra Nossa, Liberdade”. Ibidem.

¹⁵² Ministério da Reforma Agrária.

¹⁵³ Eleito indiretamente, vice-presidente na chapa de Tancredo Neves que faleceu, o que então provocou sua posse, ainda em 1985. Seu governo marcou o retorno do governo federal a um mandato civil após 21 anos de Ditadura Militar.

¹⁵⁴ MORISSAWA, Mitsue. Ibidem.

do país ao lutarem pela redemocratização política. Aos poucos foram rompendo as diversas cercas que lhes prendiam e como uma chuva fina, que vai caindo muitas vezes sem ser percebida, foram transformando aquela conjuntura política de reascensão das lutas e dos movimentos sociais, numa tempestade incontrolável de sonhos e dor, de esperança e dificuldades. E assim, foram “criando sem pedirem licença, um mundo de liberdade.”

As músicas, assim como as palavras de ordem, são uma ferramenta importante para compreendermos melhor o Movimento Sem Terra. Criadas na maioria das vezes por seus próprios militantes, elas não apenas expressam a constituição de sua “identidade” de Sem Terra, sendo também, um instrumento de convencimento da sociedade, pois ao relatarem seus motivos e sua rotina diária, eles procuram sensibilizar aqueles que desconhecem suas motivações e que, por isso, muitas vezes os recriminam.

A música de Andreato é um bom exemplo deste artifício, pois já no título nos informa dos motivos pelo qual eles – trabalhadores rurais – se inseriram na luta. Esta exposição desmistifica a idéia de que sua motivação é apenas o desejo de morarem num pedaço de terra, mas principalmente devido a necessidade de lutar para preservarem um modo de vida que se constitui na simbiose entre homem, terra e trabalho, por isso foi “a terra que os chamou à luta”. Assim, lutar pela terra é lutar pela vida do camponês e da própria terra – a terra mãe:

O Movimento Sem Terra
Surgiu da necessidade
Da vida que leva um povo
Que passa dificuldade
Seus princípios e fundamentos
São a terra e seus problemas
Solo mal utilizado,
Espúrio de um mau sistema...

Ó terra mãe deste povo
Chama teus filhos à batalha
Pra que um dia tu cheques
às mãos de quem em ti trabalha.¹⁵⁵

No discurso do movimento a ocupação de terras é justificada como um instrumento de luta destes trabalhadores que, não apenas por vontade, mas também por necessidade, lutam para conquistar o seu pedaço de chão:

¹⁵⁵ Trecho da Música: “Terra chama à luta”. Andreato. In: “Seguindo a canção”.

Depois de muitos anos de luta
 Por Reforma Agrária da nação
 Vemos nosso trabalho destruído
 Pela própria constituição
 Nossa lida será mais intensa
 Para conquistar o nosso chão
 Temos que enfrentar a UDR
 E partir para a ocupação.

Nos fecharam as vias legais
 Só nos restam os acampamentos
 Resistir à policia e às armas
 Conquistar novos assentamentos
 Desta terra somos herdeiros,
 Brasileiros de fibra e talento
 Nós queremos o novo porvir
 E suprir o país de alimentos¹⁵⁶

A idéia de luta contra o Estado que instituiu legalmente a desigualdade é possível naquela conjuntura de declínio da ditadura e de profundo descontentamento social em relação ao governo e sua postura de descaso em relação aos destinos da nação. A um governo usurpador se contrapõe um povo em luta por um novo porvir.

Neste discurso, construído a partir da memória política e da experiência cotidiana é possível perceber como o movimento utiliza bem a memória de luta e resistência sobre outros movimentos sociais, como no caso da relação que o MST articula com a história das ligas camponesas. Esta memória acionada como lição, também é lugar de legitimidade para a ocupação de terra como recurso justo.

Mas este uso político (no bom sentido!) da memória histórica incorporada nas canções cantadas diariamente, tem também a função de estimular a confiança e entusiasmo de seus militantes que assim como seus antecedentes sonham com o dia em que a terra – “sua mãe” – chegará “a suas mãos” pois são elas que realmente à trabalham.

Mas ocupar não se separa, nesta “nova história”, de resistir e produzir, e é esta a síntese que traduz o projeto político do MST, em consonância com as práticas e enfrentamentos que são vividos rotineiramente. O plano de ação materializa nele mesmo o sonho da vitória.

¹⁵⁶ Idem. Ibidem.

Um plano que não só forma, mas informa os de “dentro” e os de “fora”, além de atrair futuros aliados. Informa os sonhos e a luta; informa dos sonhos e da luta. Ou seja, é exemplar para outros, seus iguais, e indicativo da vontade e da teimosia para os “inimigos”. Ocupar, Resistir e Produzir parece sugerir que a luta é contínua e se traduz em uma ação também contínua: “lutar, lutar e lutar”. Como esquecer de Dona Joana: “(...) tivemos que começar tudo de novo para tanger a vida, começar do chão”. Mas com que energia! Com que alegria!

Traduzido em muitas músicas o projeto político do Movimento Sem Terra não se resume apenas a defender a luta pelo direito de acesso à terra por parte dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de todo o país, mas vai além e, propõe mudar as bases políticas e sociais da nossa sociedade e o caminho a ser seguido é um velho e o utópico caminho: “aliança operária-camponesa” já que juntos, homens e mulheres do campo e da cidade, podem lutar contra a “burguesia”, que não só controla e governa nossa sociedade, como também procura inviabilizar todo e qualquer processo de distribuição de terras no Brasil:

“Ocupar, Resistir e Produzir”¹⁵⁷

Ocupar, Resistir e Produzir
É proposta definida
No Encontro Nacional
Acabar com o latifúndio
Pra não ter um pra remédio
Pois com a terra na mão
Ninguém mais vai passar mal
Reforma Agrária vem com certeza
Com aliança operária-camponesa

Ocupar pois a terra só pertence
Para quem nela trabalha
É a lei do movimento
A gente leva muita garra e esperança
Vai as lonas e as crianças
E os cacaios de mantimentos

Resistir para não sair da terra
Se preciso se faz guerra
Mas dela ninguém nos tira
Empresários, politiqueiros e banqueiros
Todos eles fazendeiros

¹⁵⁷ Música. “Ocupar, Resistir e Produzir. Zé Pinto. In: “Seguindo a Canção. p. 147

E não nos deixam outra saída

Produzir pra provar pra burguesia
 Que esta terra só dá fruto
 Nas mãos do trabalhador
 Esta é a nossa lei
 Reforma Agrária na Marra
 Pelo pão dos nossos filhos
 E pelo fim dos opressores.

2.1 Ocupar

“Nossa primeira tarefa é ocupar// Toda terra produtiva// nós queremos trabalhar”¹⁵⁸. Foi com este intuito que no dia 10 de junho de 1989 os trabalhadores sem terra do Piauí ocuparam a fazenda Marrecas, a época também conhecida como fazenda Zebulândia, propriedade do fazendeiro Fernando Brasileiro, que inclusive não residia no Piauí. O proprietário era “sócio de um grupo de Pernambuco que adquiriu a Fazenda para implantar um projeto de criação de gado com incentivo do governo federal”, como nos informou José do Patrocínio, na época da ocupação vice-prefeito e secretário de educação do município de São João do Piauí.

Conforme matéria publicada no Jornal “O Dia” do dia 15 de junho de 1989, área da fazenda que foi “invadida” era de aproximadamente dez mil hectares de terras e, os “invasores” eram cerca de 120 famílias de trabalhadores rurais sem-terra organizados no MST, que se deslocaram de diversas cidades do sul do Piauí e com o apoio de setores progressistas da igreja católica:

O Movimento dos trabalhadores sem Terra no Piauí estão organizado invasões de terras ociosas no interior do Estado. A estratégia de “Ocupar, Resistir, Produzir” foi iniciada dia 10 último com invasão de 9.976 hectares da fazenda Agropecuária Lisboa e Marrecas no Município de São João do Piauí... por 550 pessoas. A invasão tem apoio dos setores progressistas da Igreja Católica, segundo o coordenador do Movimento dos Sem Terra, Elias Araújo, 21 anos¹⁵⁹

¹⁵⁸ Trecho da música “Só sai Reforma Agrária”. Gerson. In: **Seguindo a canção**. Coletivo Nacional de Cultura do MST – Frente de Música: ANCA. São Paulo. p. 179.

¹⁵⁹ Jornal “O Dia”.

Inácio, dirigente do MST na época e hoje, morador do assentamento Marrecas, nos conta do principal motivo para a escolha da região de São João do Piauí como primeiro lugar para ocupar:

Nós morávamos no semi-árido, lá na nossa região não tinha água mesmo de jeito nenhum, quando se encontra água é água salgada né. Então, quando nós viemos fazer essa vistoria tomamos conhecimento que tinha muita água né, antes de nós vir pra cá, e tinha poço, logo que a gente viu aquele poço, logo que se encantamos, todo mundo. É aqui mesmo. Então as famílias vieram tudo daqui mais ou menos uns 300 Km, vieram todas da região de Picos, as primeiras famílias né. Vinhemos porque tinha água, lá não tinha água, então nós queríamos uma terra, mas uma terra que tivesse água. E aqui tinha água e bastante terra¹⁶⁰

Percebemos no depoimento de Inácio que as estratégias utilizadas pelo MST, no início da construção do Movimento, foram bem articuladas com os anseios dos trabalhadores rurais que se inseriam na luta por terra, reforma agrária e melhores condições de vida. Ao realizar as “vistorias” que definiram o melhor local para a ocupação, eles tiveram o cuidado de procurar uma área que suprisse a principal carência (depois da falta de terra) para aquelas famílias que iriam partir para a primeira ocupação de terras no Estado do Piauí. Lembrem-se que estas famílias moravam numa região semi-árida onde a carência de água é enorme e, se não maior, pelo menos tão problemática quanto a falta de terra para viver e produzir.

Portanto, esta estratégia foi fundamental para motivar as famílias a partirem em busca de um futuro melhor. Esta escolha foi ainda fundamental para garantir a permanência dessas famílias após a ocupação e podemos perceber isso nas falas de Dona Anísia e de Dona Joana que ao relatarem sobre as principais dificuldades que enfrentavam antes de partirem para a ocupação, vivendo numa terra sem água, e também o impacto causado pelo poço do Capim Grosso. A primeira nos transmite alegria e admiração ao afirmar que “lá mesmo onde nós chegamo primeiro não tinha nada, só tinha água. A coisa mais linda do mundo, lá no poço jorrando”. Já Dona Joana, após um relato contundente sobre o sofrimento causado pela seca, nos deixa transparecer um alívio enorme após chegar na ocupação e ver o poço jorrando água:

Lá em Simões só tinha água quando chovia. Quando dava na seca os açudes secavam... a gente ia buscar água no animal, três cargas, sem ter quem ajudar... eu sozinha pra tocar três cargas e aí eu vinha pra roça e eu ia buscar água e quando chegava na fonte... era um sofrimento...[mas depois da ocupação]... foi indo, foi indo, descansei meus braços graças à Deus. Água

¹⁶⁰ ENTREVISTA. João José dos Santos. São João do Piauí. Agosto de 2006.

tinha, nunca mais toquei carga, ia pro poço ali, botava duas carguinhas de água, enchia o pote e aí pronto¹⁶¹

Mas as estratégias de convencimento não se resumiam apenas na solução da falta de terra e da carência de água. Outro fator que influenciou bastante as famílias a partirem para a ocupação foi a religiosidade. Neste ponto, a CPT e as Ceb's contribuíram decisivamente como nos informa Morissawa ao contar a história da luta pela terra e o surgimento do MST no Piauí:

A partir do 1º Congresso do MST, as CEB's e a CUT passaram a fazer articulações e a formar as lideranças no sudeste Piauiense. Havia na região uma luta de posseiros resistindo à expulsão. A preocupação do MST era justamente preparar uma primeira ocupação, para ser a base da formação do Movimento no estado. Os agentes pastorais e outras entidades que atuavam na luta pela reforma agrária não incluíam a ocupação entre as formas de luta locais.

Até junho de 1989, o MST ainda não havia conseguido seu intento. Nesse intervalo, houve eventos importantes no Estado. A 1ª Romaria da Terra, em Oeiras, promovida pela CPT, contou com a participação de 8 mil trabalhadores, em outubro de 1988... Em janeiro de 1989, sem-terras organizados pelos MST e pela CPT ocuparam a Assembléia Legislativa para pressionar os deputados a votarem contra a venda de 450 mil hectares (de terras públicas) a grupos privados.

No início de junho de 1989, o Movimento sentia-se suficiente organizado e fortalecido para fazer sua primeira ocupação no estado. No dia 10 daquele mês entrou, com 120 famílias na Fazenda Marrecas, em São João do Piauí.¹⁶²

Inácio Também ressalta a importância do discurso religioso na hora de convencer as famílias a entrarem no MST:

Olha a gente não tinha experiência muita, a gente usava muito a bíblia. Deus criou a terra para todos, a terra era de todos Deus é nosso pai, então era usada mais essa questão mais bíblica, nós na época era a primeira ocupação né. Então nosso contato mais direto já era com essas pessoas, a porta de entrada era as pessoas que eram dirigentes de comunidades, eram conhecidas né. Aonde tinha essas pessoas era mais fácil de ter o trabalho, ter o apoio, foi onde veio a maioria das famílias né.¹⁶³

Sobre esta religiosidade e sua influência na decisão das famílias de partir junto com o Movimento Sem Terra, podemos retomar no relato de Dona Antônia que toma a

¹⁶¹ ENTREVISTA. Dona Joana. Ver nota 76 no Primeiro Capítulo.

¹⁶² MORISSAWA, Mitsue. Ibidem.

¹⁶³ ENTREVISTA. Inácio José dos Santos. Ibidem.

motivação religiosa como decisiva para sua decisão de entrar na luta por Reforma Agrária e explica que através da religiosidade foi mais fácil a comunicação dos dirigentes do Movimento com os trabalhadores e trabalhadoras rurais a partir da relação entre “fé e vida”, entre Deus e a busca pela “terra prometida”:

... eu comecei a lutar não foi ninguém da terra que me chamou, foi uma voz e essa voz eu acho que foi Nossa Senhora, ou Jesus que me chamou (...) Aí nós fizemos a reunião, lemos a história na bíblia... e assim foi feito, e assim foi crescendo, foi crescendo (...) já tinha curso de crisma, curso de casamento, curso de batizado, e delegacia sindical, e aí nasceu o MST, o cumpade Tiquim e o Adir começaram o MST e aí a gente começou a se organizar no MST, no sindicato, e aí a gente foi descobrindo, e vinha na reunião em Picos, vinha em Pio IX, vinha em Picos, e aí foi crescendo a organização e começamos as caminhadas, essas caminhadas, essas caminhadas que vocês já ouviram falar nas romarias da terra (...) Fizemos a caminhada da travessia do mar vermelho, do povo do Faraó, o povo de Deus, aí fizemos essa caminhada tudo, eu sei que [no início] ainda era só lá na comunidade, aí a CPT começou depois dessa caminhada pra “covadonga” e aí foi crescendo, aí tinha a Expedita que ela começou a organizar e ajudou muito na organização do MST¹⁶⁴.

Portanto, podemos perceber que a linha norteadora da militância concentrava seu discurso no desejo de conquistar terra e água, pois segundo Inácio “o nosso objetivo era a terra, terra e água e isso foi o convencimento do povo pra vir”. A estas necessidades básicas somavam-se a exploração causada pelos “patrão” e o sentimento de abandono dessas famílias com relação aos governantes, ou seja, um ambiente propício para as ações do MST que inseriu a ocupação de terras como uma forma legítima de luta dos trabalhadores rurais no Estado do Piauí.

O dia da partida rumo à “terra prometida” é um marco na memória dessas famílias. Retratada com dor e alegria, este dia é como se fosse um processo de transição entre a vida difícil que levavam antes de partirem para a ocupação e a esperança de conquistarem um lugar em que pudessem construir o futuro de suas famílias.

O processo de ocupação é, portanto, um momento fundante na vida de um Sem Terra, pois esta ação “é sua forma de luta mais importante. De modo geral é a partir de sua efetivação que as demais formas de luta são utilizadas”¹⁶⁵. Stédile, chega a afirmar que “a ocupação é o que deu vida à luta pela terra. Sem ocupação o MST não nasceria e, sem ela,

¹⁶⁴ ENTREVISTA. Dona Antônia Maria da Conceição. Ibidem.

¹⁶⁵ STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. “**Brava Gente**: a trajetória do MST e a luta por terra no Brasil”.

morre”.¹⁶⁶ Também sobre a importância deste mecanismo de reivindicação social, Caldart defende que a ocupação particulariza o MST, assim como o sujeito que o constrói, pois o “MST reafirma a ocupação do latifúndio como principal forma de luta pela terra, e a mobilização em massa dos sem-terra como o jeito de fazê-la” pois,

Trata-se de olhar para o MST como lugar da formação do sujeito social Sem Terra, e para experiência humana de ser do MST, e participar da construção da coletividade Sem Terra, como um processo de educação, que é também um modo de produção da formação humana, tanto mais significativo do ponto de vista social, político e pedagógico, por ser movido por uma luta social centrada em questões de vida e morte e de vida inteira, porque vinculadas às raízes de um processo de humanização, mais profundo: terra, trabalho, memória, dignidade.¹⁶⁷

Ainda falando sobre a importância do processo de ocupação nos afirma Stédile:

Outro aspecto da ocupação, este do ponto de vista da nossa organização, é que ela é fundamental, é a essência do movimento. O que o MST faz é aglutinar pessoas (...) A ocupação dá esse sentido de unidade às pessoas para lutarem por um mesmo objetivo. Passar pelo calvário de um acampamento cria um sentimento de comunidade, de aliança. Por isso é que não dá certo ocupação só com homem. Tem que ter a família, porque já está em processo o que vai ser a comunidade.¹⁶⁸

A família desde o início da construção do MST ocupa um lugar central de constituição e legitimação da luta por terra, por reforma agrária e, acima de tudo, a luta por melhores condições de vida de toda a família. Sobre este momento, descrito por Sue Branford e Jan Rocha como o “batismo de fogo para o militante, uma parte essencial da sua identidade”, as autoras recorrem a Pedro Tierra na tentativa de descrevê-lo: “Quando o alicate morde o fio e o arame estala como a corda de um violino e a cerca vem abaixo, os sem-terra perdem a inocência”. E na tentativa de descrever a ruptura gerada por esta experiência nos dizem que:

Até esse momento, explica Roseli Salette Caldart em seu livro sobre a pedagogia do MST, ‘seu princípio de formação era obedecer sempre, ao patrão, ao padre, ao prefeito, ao coronel... Aprenderam isto na família, nos

¹⁶⁶ Idem. *ibidem*.

¹⁶⁷ CALDART, Roseli Salette. “O MST e a formação dos Sem-Terra: o movimento social como princípio educativo”. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: EDUSP, 1987, p. 210.

¹⁶⁸ STÉDILE, e FERNANDES. *Ibidem*.

poucos anos (ou dias) em que estiveram na escola’. Ao tomar a vida nas próprias mãos, diz ela, adquirem consciência política. Percebem que jamais conseguirão o que querem se restringirem as suas exigências ao que o establishment considera aceitável. E aprendem a impor sua própria agenda. ‘Sempre nos disseram que a reforma agrária é uma boa idéia em princípio, mas que a conjuntura seja favorável’. Em outras palavras, tornam-se sujeitos de sua história. E, ao darem esse passo, viram o próprio mundo de cabeça para baixo. Começam a ver que os valores estabelecidos não são imutáveis. Com demonstrou o historiador Christopher Hill, ‘de cabeça para baixo’, afinal de contas, é um conceito relativo. ‘A idéia de que esta é a posição errada só vale na medida em que a olhamos de cima para baixo’. O ato da ocupação torna-se o estopim para um profundo processo de transformação pessoal e política¹⁶⁹

Dona Antônia saiu de Pio IX, lá da comunidade Recreio, às dezoito horas do dia nove de junho de 1989 e “andou a noite todinha, e o dia todim” para poder chegar em São João do Piauí às quatorze horas do dia seguinte.

A viagem é descrita como um momento de alegria, marcada por muita cantoria como numa celebração ecumênica: “Aí cantando de lá pra cá, e conversando, o povo alegre, satisfeito, graças a Deus.” As músicas sempre reforçando a religiosidade e o desejo de vencer as dificuldades enfrentadas por eles e além é claro, da necessidade de se organizarem:

Sou, sou teu senhor
Sou povo novo, retirante, lutador
Deus dos peligrinos, dos pequinino
Jesus Cristo redentor

Quem é fraco Deus da força,
quem tem medo sofre mais,
quem se une ao companheiro
vence todo cativoiro
é feliz e tem a paz.¹⁷⁰

Mas a viagem também foi marcada por tensões. Dona Antônia nos descreve o medo que sentiu ao observar que à frente do ônibus em que viajava havia sempre uma moto com duas pessoas, e estas os acompanharam ao longo de toda viagem. “Aquele ali já é o povo, eu imaginando comigo – é os pistoleiros que tão esperando por nós chegar pra matar – eu pensando sozinha”. Mas ao chegaram no local que seria realizado a ocupação, logo Dona

¹⁶⁹ BRANFORD e FERNANDES. Ibidem.

¹⁷⁰ ENTREVISTA. Dona Antônia. Ibidem.

Antônia ficou sabendo que aquelas duas pessoas na moto vinham guiando o ônibus. Eram na verdade “Sivoneide e Valter, os portadores de Moisés, pra poder chegar na terra prometida”.

A viagem é ainda, o primeiro trabalho coletivo realizado por aquelas famílias que passaram, a partir daquele instante a conviverem sempre juntas como uma grande e “nova família”. Ao longo das vinte horas de viagem eles iam se conhecendo melhor e compartilhando histórias, sonhos e os mantimentos que trouxeram pra viagem: “a gente trouxe, beiju, trouxe bolo, trouxe frito e água e tudo, e a gente comia e ninguém passou fome no caminho de lá para cá não, e nem sede porque a gente trazia água, trazia tudo”.

A chegada foi marcada por dificuldades, pois depois de quase um dia inteiro de viagem, o cansaço e a preocupação das mães com os filhos pequenos apresentavam-se como os primeiros obstáculos a serem superados:

Aí quando nós chegemo aqui, duas hora da tarde, tudo sem comer, só com nossas coisinha réa, sem comer almoço num sabe. e aí um meninozim bem pequeninim chegou quase da cor dessa camiseta tua [amarela], o mininozim da Franscisca, o nome dele é Camilo. Aí este bichim vinha quase pra morrer com a quentura que tava grande demais, e chegemo lá no poço do capim grosso, a sombra que tinha era da madeira dos pés de caju, foia não tinha, não tinha foia não. E aí ela arrumou uma rede debaixo desse pé de caju e ficou balançando pra lá e pra cá, pra correr vento no menino, pra ver se o menino não morria. Era o mais pequeno que vinha da ocupação era este mininozim, era de colo, só tinha um mês e quinze dias, um mês e quinze dias que ela tinha acabado a dieta, aí ela viajou¹⁷¹

O marido de Dona Antônia, seu De Deus, lembra ainda que “o carro não conseguia descer o rebanco” e aí, tiveram que ir caminhando e carregando a “condução todinha na cabeça”. Mas Dona Antônia, continua conduzindo a narrativa e sua memória faz questão de exaltar a convicção de resistir a todas essas dificuldades. Uma postura que culmina com a proposta feita pelo motorista do carro que tentou convencê-los a voltar para sua terra de origem:

E o carro era, o dono do carro era Paulo Afonso. Aí quando ele chegou em cima da ladeira, uma ladeira que tinha lá, eu já era acostumada a andar no carro dele, aí ele foi e disse: ‘eita Dona Antônia, aqui vocês vão ficar aqui dentro dessa mata, aqui só tem onça e ‘capelouco’, vai comer vocês aqui dentro dessa mata’. Duas da tarde, o sol quente chega tremia assim, ai ele disse: Dona Antônia, pode falar ai com o povo de lá Pio IX, que se vocês quiserem voltar para num ficarem aqui pras onça num comer, pode botar os

¹⁷¹ Idem. Ibidem.

trem em cima do carro de novo que eu levo vocês e vocês não paga nada, e eu dou de comer e água a vocês daqui até lá no Pio IX pra vocês num ficar aqui pra não morrerem de fome'. Ai eu disse: 'Não Paulo Afonso, nós já saimo de lá pra vir pra cá, nós vamos ficar aqui, com fé em Deus nós vamos ver com é que Deus quer fazer de nós aqui. Nós vamos ficar aqui, nós viemo pra ficar e vamos ficar, depois aqui, nós viemo pra ficar e vamos ficar, depois nós manda notícia pra lá'.¹⁷²

Logo ao chegarem iniciaram o trabalho coletivo, e a divisão das tarefas foi acontecendo de acordo com as necessidades do grupo. No primeiro instante precisavam organizar o acampamento, preparar a comida e arrumar as barracas:

Quando nós chegemos as mulheres foram cuidar no 'decumê', assim caça, trem, pra fazer os trem, pra ascender o fogo e outros caçar lenha. E os homens foram caçar meio de arrumar as rede de noite, ai cortava uns pau, uns cortava, uns caçava as moita e enfiava, e armava uma lona por cima da moita assim porque podia chover de noite.

Quando amanhecia o dia, as rede tava todo com os punhos no chão, porque os pauzim vei não podia, porque nesse tempo a capoeira aqui era mais, não tinha nem grosso, era só pauzim fino que o 'home' tinha invadido as terra tudo num sabe, o fazendeirão aí, o Fernando Brasileiro¹⁷³

Ao amanhecer, depois da primeira noite em sua nova morada, "foram marcar os barracos e formar a primeira organização da segurança dos pelotão, quando fosse pro modo de chegar a policia de opressão em nós".

O MST ao realizar uma ocupação tem cuidado redobrado com relação a segurança de seus militantes, principalmente porque depois das suas primeiras ações o movimento ficou visado pelos fazendeiros e pelos políticos que na sua imensa maioria não vê com bons olhos ações reivindicatórias como os processos de ocupações de terras. Na revista Caros Amigos, edição especial n°. 6, podemos encontrar detalhadamente como se dá o processo de organização da "brigada de segurança". Publicada em 2000 a reportagem explicita, nas entrevistas, uma história das dificuldades enfrentadas neste processo de ocupação:

É preciso erguer a guarita na entrada do acampamento e treinar a guarda que se revezará, diuturnamente, sabe-se lá por quanto tempo. Ninguém quer ser surpreendido por arruaceiros que armam confusão ao se infiltrar nos acampamentos. Para evitá-los, proíbe-se a entrada de estranhos. Todos os carros (...) são revistados e ninguém pode entrar com bebidas alcoólicas ou quaisquer outras drogas. Quem chega de porre não pode entrar. E quem

¹⁷² Idem. Ibidem.

¹⁷³ Idem. Ibidem.

escapa à vigilância e é apanhado embriagado ou drogado dentro do acampamento é expulso do grupo.

O temor maior, no entanto, é a ação dos pistoleiros profissionais a soldo dos fazendeiros.

(...) A defesa dos acampamentos é mantida o dia todo, com rodízios de doze horas, às seis e às dezoito. As equipes têm até 20 pessoas, de quinze a cinquenta anos. Durante o dia, a maior parte da guarda é de mulheres; à noite é de homens. ‘Quem não tem amigo certo, um olho fechado e outro aberto’, alerta o comandante. Além dos acampados, visitantes e parentes dos sem-terra, só entra no acampamento com autorização do responsável pela guarda. A polícia? ‘Quando chega é para espancar e matar’¹⁷⁴

Dona Antônia segue seu relato descrevendo como foi organizado os “pelotão de segurança”:

O primeiro pelotão era de criança, só de criança de 10 anos abaixo, era o pelotão só de criança, aí o outro pelotão era de mulher grávida, e as mulher que tinha menino no braço, num sabe? E outro pelotão era da juventude, jovem mulher, jovem homem, tudo. E o outro pelotão era dos homem casado. Era das criança, das mulé, dos jovens e dos home, era quatro pelotão.¹⁷⁵

Outra questão importante para este momento de constituição do grupo também foi lembrado por Dona Antônia. Trata-se do trabalho coletivo. A união do grupo era, ainda é, um fator importantíssimo para o MST e seu objetivo era socializar experiências e fazer com que as pessoas se conhecessem melhor e aprendessem a partilhar. Não só os momentos de dificuldades e de deveres, mas também os momentos de alegrias, bem como os poucos e escassos bens materiais que eles possuíam naquele instante:

Assim, se juntou todo home e fizeram uma roçada bem grande, um mutirão num sabe, coletivo. E as mulher fizeram uma horta num tamanho bem grande, coletiva, era tanta coisa que precisa, de verdura, pra gente comer. E os barraco, tinha o barraco da distribuição das alimentação que vinha. E tinha barraca da saúde também, que eles juntam os remédio também lá.¹⁷⁶

Já seu Francisco Juliano não descreve a saída tão detalhadamente quanto Dona Antônia. Ele nos informa que eles saíram “no domingo à noite e chegaram aqui na segunda-feira. Um dia e meio de viagem”. Mas seu relato sobre o processo de ocupação enfatiza as

¹⁷⁴ Revista Caros Amigos – edição especial: “MST” Outubro de 2000.

¹⁷⁵ ENTREVISTA. Dona Antônia. Ibidem.

¹⁷⁶ Idem. Ibidem.

dificuldades da chegada no acampamento. Talvez por causa de sua preocupação por ter vindo com seus filhos todos bem pequenos:

A chegada aqui foi complicada, porque nós chegamo, pra onde a gente tinha ficado dava mais ou menos mais dois kilometros. E os homem despejou a gente aí num olharam nem pra trás, e aí pra gente levar a bagagem? Carro num tinha, né. Aí parecia um bocado de filho de formiga, cada um com a trouxa na cabeça, e eu nessa época tinha um bocado de menino pequeno, aí num sabia se eu levava o menino ou a bagagem. Aí, fiquemos preocupados mesmo assim nessa questão. Fiquei muito preocupado, porque aqueles que vinham mais desocupados seguiram na frente e quem tava mais aperriado ficava atrás. E aí o cara ia já pensava assim de momento chegava um cara aí pra atacar a gente, é meio complicado.¹⁷⁷

Seu Francisco Juliano fala com orgulho ao descrever como eles organizaram as equipes e como estas equipes dividiam as tarefas e enfrentavam as muitas dificuldades que surgiram logo nos primeiros dias de ocupação:

O processo de organização foi meio organizado. A gente chegou e foi criando logo as equipes né. Equipes de barracas, equipe de alimentação, equipe de saúde. E aí a equipe de barraca já começou a colocar cada um no devido lugar né, na noite, na primeira noite foi muito ruim, porque a gente não teve tempo de arrumar nada e dormir no meio do tempo. Mas do segundo dia em diante, a gente já começou vê o tempo né, a gente já começou a trabalhar, dividir as tarefas, logo projetando as barracas e a gente foi.¹⁷⁸

A tristeza de ter deixado tudo para atrás, é mais evidente logo na chegada pois nela, se somam as incertezas frente ao futuro: “foi muito triste também” pois “tivemos que começar a vida de novo, viver aí no meio do tempo”. Mas aos poucos essas dificuldades foram sendo superadas, e a união do grupo foi fundamental para que Seu Francisco Juliano, assim como para todos os outros acampados, esquecessem a tristeza e a saudade e passassem a acreditar que eles mudariam de vida e finalmente conseguiriam o tão desejado “pedacinho de terra”. É por isso que seu Francisco Juliano “fazia com todo gosto” os trabalhos coletivos no acampamento.

Dona Anísia, mulher de seu Francisco Juliano, recorda com dor do momento da partida, pois foi “um chororô medonho que eu não gosto nem de lembrar”. Segundo ela, sua família apenas aguardava o “sinal” pois “já estavam com tudo arrumado, só faltava tomar

¹⁷⁷ ENTREVISTA. Francisco Juliano de Carvalho. Ibidem.

¹⁷⁸ Idem. Ibidem.

banho e trocar de roupa”. No começo da noite eles partiram de Paulistana e seguiram viagem até Simões onde se reuniram todos os trabalhadores das diversas cidades que iriam para a ocupação em São João do Piauí. Eram cerca de trezentas pessoas onde muitos, talvez a maioria, chegaram com medo de que houvessem pistoleiros lhes esperando:

A chegada nossa foi lá no Capim Grossso. Na hora da chegada o medo maior que teve foi ali naquela chegadinha, naquela casa lá, sabe. Ai, tinha deles, parece que ainda voltou uma pessoa, voltou uma pessoa e outros falavam: ‘Ih, é desse jeito. Quando é fê tem pistoleiro nessa fazenda’. Aí nós descemo tudo de pé (...) com os meninos pra chegar lá na terra.¹⁷⁹

Dona Anísia também evidencia em sua fala a vivencia da coletividade pois “tudo era em comum”, e tinha várias equipes onde cada um assumia uma tarefa. Esta coletividade, também é apresentada por sua memória, como um lugar de identificação deles enquanto militantes do MST, e é ainda como motivo de orgulho e alegria que ela nos relata esta característica que, para todos é essencial na constituição do MST:

Aí quando cheguelmo, aí botamo umas loninhas lá mode o sol, o sol era muito quente, o sol era quente! Botava um pano mode o sol nas crianças. Ia logo fazendo os barracos. Tudo era em comum, tinha as equipes de saúde, tinha equipe de alimentação, desde o primeiro momento, tinha equipe de animação, tinha equipe de liturgia, tinha tudo.¹⁸⁰

Em sua memória, Dona Anísia também faz questão de ressaltar as várias reuniões que sempre aconteciam e que envolviam todas as tarefas do acampamento. Da construção da barraca a organização da segurança, da comida aos remédios, e das dificuldades aos momentos de lazer, tudo era decidido coletivamente e o dia era todo preenchido com as tarefas da ocupação.

O papel das reuniões e das decisões coletivas é uma das características fundantes do MST, pois como já vimos anteriormente segundo Caldart, o movimento procura fazer com que estas pessoas (acampados) passem a ser sujeitos de, e a construir, sua própria história. Estas atribuições de tarefas que ocupavam todo o tempo dos acampados, além de uma necessidade para a organização do acampamento, parece ser uma estratégia de convencimento para que os acampados não sentissem desejo de ir embora. Para Dona Anísia foi fundamental, pois só assim eles “não tinham nem tempo de pensar em desistir”:

¹⁷⁹ ENTREVISTA. Dona Anísia. Ibidem.

¹⁸⁰ Idem. Ibidem.

Era reunião toda hora, toda atividade, toda animação, era tudo. Ai, não dava tempo pra gente ficar pensando lá no lugar de nós não, não tinha tempo. Nós não tinha tempo de pensar em voltar, só na hora de deitar, ia dormir, e ai ninguém ia pensar mais, ia agarrar no sono. Toda hora tinha atividade, era uma coisa era outra. Quem ia imaginar uma coisa dessa? A gente pensava era que ia ficar doido pra voltar. E não tinha casa não, era barraquinha de lona preta, não tinha casa. Valeu, valeu a pena¹⁸¹.

Enquanto as famílias de Dona Anísia e Dona Antônia relembram da partida como um momento difícil, Socorro, filha de Dona Joana, já nos conta que “saíram – ela, sua família, e outros companheiros – assim um pouco empolgado né, com destino de chegar”. Lembrem-se que Socorro e sua família estavam “apenas esperando uma oportunidade” para tentar melhorar de vida e, talvez por isso ela vê a partida como um momento de felicidade, pois estava deixando para trás todo o seu passado de dor e sofrimento. Mas após uma longa noite de viagem onde teve “muita cantoria”, a demora para chegar na terra fez com que ela pensasse em voltar, pois tinha achado o local muito distante e além disso, nem tinha moradia: “mas, àquela altura já era tarde, pois já tinha saído, tinha de chegar”. E além disso, ao chegar no Capim Grosso onde se reuniram “o pessoal de todos os municípios” Socorro logo esqueceu aquela dúvida que havia surgido devido à demora na viagem:

Já tava longe, quando eu tomei conhecimento pra cá, que nem moradia tinha, aí eu fiquei assim desanimada. Mas já tinha saído, tinha de chegar. Mas aí quando a gente chegou que juntou o pessoal de todos os vários municípios, e pela primeira vez, que eu não sabia nem que existia, mas já foi todo mundo assim como irmãos, ai também acabou, pra mim já tava acostumada. Um cunhado meu voltou com três dias, muito arrependido, ai eu disse: ‘pois pra mim eu já sou daqui, pra mim eu já tô em casa. Eu não tenho mais vontade de voltar não’. Mas também nunca chegou um dia pra me dizer assim: ‘eu vou voltar’. Não, graças a Deus nunca chegou esse momento¹⁸².

Socorro também nos descreve como as tarefas foram divididas por setor de trabalho, o setor de organização reunia todos e dividia as tarefas em setores de criança, de adulto e de casais. Mas um dos setores chamou mais sua atenção, e este era o setor de formação política, pois foi através dele que Socorro e os outros acampados puderam conhecer melhor o MST e o seu projeto político:

Cada um tinha seu setor de organização, tinha de reuniões, tinha de leitura de jornais, revistas. Por que a gente lá [onde moravam antes de vir para o acampamento] teve muita pouca reunião, que quando chegou a gente vinha

¹⁸¹ Idem. Ibidem.

¹⁸² ENTREVISTA. Socorro. Ibidem.

bem fora. Então, após o passar do tempo, acho que a gente foi enxergando mesmo o que era, foi enxergando mesmo o que era o movimento. Sabia que vinha trazido pelo movimento, não sabia o que era o movimento¹⁸³.

Domingos, assim como Socorro, ao olhar para o seu passado e lembrar do dia em que veio para a Marrecas, faz questão de reviver esta memória como um instante de alegria, diversão. Mas ele, ao contrário de sua irmã, já “conhecia a história” e sabia mais ou menos como o MST se organizava. Talvez por isso, Domingos se sinta tão à vontade de falar do passado incorporando com tanta altivez sua formação política construída ao longo dos anos de militância no MST. A convicção com que ele fala sobre a importância e o papel que os jovens ocupam dentro do MST nos dá uma ideia de como o movimento valoriza o trabalho com os jovens e como utiliza essa estratégia para se fortalecer e garantir o futuro de seu projeto político. Esta estratégia foi, e é, utilizada desde o início da primeira ocupação no estado do Piauí, como nos relata Domingos:

A maioria era jovem, mas tinha muito pai de família. Era os jovens que, sempre que a gente ia fazer trabalho de base, eles era o futuro né, da história. Mas primeiro tinha de fazer um trabalho para associar as pessoas, mostrar o que é a luta pela terra, porque a pessoa sem conhecer, de repente chega aqui volta e aí aquela conversa antes das coisas acontecer, não acontece e aí fica tudo o contrário né¹⁸⁴.

Talvez por isso, é que o MST organizou, desde o primeiro dia, estudos sobre a história do movimento, a história da luta pela terra, processo histórico da luta por Reforma Agrária em nosso país, como nos informa Socorro. Domingos também corrobora com esta memória que enfatiza a importância do resgate histórico onde,

Aí, nós ia se conhecendo, ia se formando grupo pra estudar, formando grupo de trabalho, se conhecendo aos poucos. A gente estudava o Jornal Sem Terra, o histórico do acampamento no Estado, como as vitórias, as derrotas¹⁸⁵.

Com relação ao processo de organização da comunidade em que morava, na tentativa de convencer o maior número de trabalhadores rurais para se juntarem ao MST, Domingos nos conta que “foi mais rápido do que ele esperava, pois foi dentro de uns sessenta

¹⁸³ Idem. Ibidem.

¹⁸⁴ ENTREVISTA. Domingos. Ibidem.

¹⁸⁵ Idem. Ibidem.

dias mais ou menos” que as lideranças chegaram e marcaram o dia da assembléia definitiva. Neste encontro “só era para as famílias que vai pra terra, porque lá é que vai descobrir o segredo da coisa”.

Uma das estratégias utilizadas pelo MST, para garantirem a segurança de seus militantes no dia da ocupação é não revelar com antecedência para onde iam, e até mesmo o dia em que iam, era revelado já quando estava tudo planejado e organizado e faltava poucos dias para a ocupação. Segundo Branford e Rocha “é comum as famílias concordarem em participar de uma ocupação sem mesmo saber para onde vão”. As autoras, ao discutirem essa estratégia, relatam a experiência que Dona Clarinda Ernestina da Santa, na época das entrevistas com 55 anos e, militante assentada do MST de São Paulo vivenciou: “viajamos o dia todo. Poucos no ônibus sabiam para onde íamos, mas a gente nem ligou. Ríamos bastante e cantávamos. Na noite seguinte, ocupamos a terra”. Aqui no Piauí a estratégia de manter segredo sobre o local e a data em que partiam também foi utilizada como nos conta Domingos.

Não diziam pra onde vamos, mas diziam o dia que vamos [a data só era revelada um ou dois dias antes]. Não diziam pra onde ia e nem o dia que ia sair. Então, só lá nesse dia que era, faltando três dias só pra gente arrumar as coisas. Ai fizemos a assembléia na cidade, todo mundo se conhecia, que era pra gente se conhecer, tem parente que eu não conhecia, vim conhecer nesse dia, e muita gente aí em Pio IX, em vários municípios, comunidade né, foi feita a reunião nesse dia. Se encontrar mesmo, viemo se encontrar aqui na terra, foi bacana, pra mim nesse momento eu tive aqui só era cara desconhecida. Vinha um caminhão lá de Simões, foi dois ônibus que veio de lá, com a bagagem. E aí, veio de Pio IX, de Dom Expedito, e recolhia todo mundo aqui, foi rápido. A gente se conheceu no dia-a-dia aqui¹⁸⁶.

A ocupação segundo Maria Aparecida de Moraes Silva, é o momento em que se “demonstra a união de todos, inclusive as crianças, e também o aprendizado de luta pelos direitos, cidadania e inclusão social”. É início do processo de reenraizamento social onde o significado da luta pela terra começa a ganhar corpo e amplia o seu foco de reivindicações, pois a partir da chegada na terra a luta passa a “significar uma luta pela inclusão social, pelo fim do desenraizamento, pela conquista do lugar, do território para morar e viver”.

A socialização das tarefas e dos sonhos ajudam aos acampados a superarem as dificuldades que se impunham no longo e difícil processo de ocupação. E, como vimos nos relatos das três famílias, a ocupação representa para todas elas o recomeço de uma nova vida,

¹⁸⁶ Idem. Ibidem.

onde a chegada é marcada por inúmeras descobertas, que vão desde as novas amizades até as formas de organização que o MST procura estruturar em todos os acampamentos do Brasil, como podemos observar na matéria “vida no acampamento” contida na Revista Caros Amigos especial sobre o MST:

A primeira noite num acampamento é de descoberta. É proibido incomodar os vizinhos depois das dez da noite, mas neste dia só o sono é capaz de vencê-los. Há um quê de fascínio na recente união. Aparecem voluntários para todos os setores de organização do grupo: saúde, educação, higiene, informação e negociação. A empolgação contagia. É gente querendo chamar parentes, amigos, conhecidos e vizinhos para engrossar a turma. As canções do movimento, todas de desencanto com o presente e esperança no futuro começam a ser decoradas; aqui e ali podemos ouvi-las assobiadas baixinho. Palavras de ordem tantas vezes ignoradas viram jargão fácil. “De mão dadas vamos juntos,/não somos covardes./ Somos contra o latifúndio,/ que só produz maldade¹⁸⁷.”

E assim vão construindo o seu futuro: “Ocupar pois a terra só pertence// Para quem nela trabalha// É a lei do movimento// A gente leva muita garra e esperança// Vai as lonas e as crianças// E os cacaios de mantimento”¹⁸⁸.

2.2 Resistir

“Nossa segunda tarefa é resistir// Entrar bem organizado// Enfrentar pra não sair”¹⁸⁹. Após concluída a primeira etapa/tarefa – de ocupar – começa a rotina de um acampamento sem terra. Uma rotina marcada pela necessidade de resistir às pressões impostas, tanto pelas necessidades de permanecerem na terra “debaixo da lona, principalmente para as famílias com crianças pequenas; como pelas pressões vindas de fora, entre elas, a dificuldade de estabelecer uma relação harmoniosa com a sociedade em torno do acampamento. Desconfiança e medo de parte a parte informam esta relação tensa e marcada pela intolerância. Expostos à chuva, ao vento e ao olhar dos seus muitos “outros”, estas famílias vivem neste tempo a fragilidade de não ter casa; quase sempre não ter laços e parentesco ou amizade com os possíveis futuros vizinhos; e não ter um lugar. Como que suspensos no tempo, o passado já não é mais que memória e o futuro ainda parece muito longe de chegar. Em meio a esta insegurança, eles precisam ainda resistir às pressões dos

¹⁸⁷ Revista Caros Amigos – edição especial: “MST”. Outubro de 2000.

¹⁸⁸ Trecho da Música “Ocupar, Resistir e Produzir”. Ibidem.

¹⁸⁹ Trecho da Música “Só sai Reforma Agrária”. Ibidem.

governos ou ao seu descaso, já que na maioria das vezes ou eles mandam a polícia para resolver a questão e não fazem nenhum esforço para agilizar a solução dos problemas: regularizar terra e assentá-los; criar linhas de crédito para que pudessem construir uma infraestrutura mínima nos assentamentos; dar condições para que eles tivessem a possibilidade de produzirem e com o fruto de seu trabalho sustentar suas famílias.

Portanto, este segundo passo, na organização do MST, constitui-se como um longo e árduo processo de resistência definido como sendo uma “rotina de sufoco”. Nesta matéria sobre um acampamento em Pernambuco, o repórter João de Barros nos relata esta experiência:

O dia-a-dia é um teste de resistência. O sol torra o interior das cabanas, e afugenta todos para fora delas. O frio as transforma em Iglus todos se agasalham lá dentro. Quando chove a água infiltra, e a fórmula é não sair. Pior é com o temporal. Valha os Santa Bárbara! A lama vira intrusa para a família reunida, imóvel sobre os estrados ou rede.¹⁹⁰

As dificuldades relatadas dimensionam situações vividas por milhares de Sem Terras por várias regiões do país. E aqui no Piauí não foi diferente, como nos conta Dona Antônia:

É porque a gente não aguentou a chuva lá nos barraco, porque quando chegou a chuva de novembro pra dezembro, era grossa demais que ninguém aguentava não. A água passava por dentro dos barraco tudo, e em cima os truvão era mesmo que na cabeça da gente, porque era só uma plástiquinha véia.¹⁹¹

Ao relembrar esse período de resistência, ela enfatiza também a repressão policial, que em Marrecas demorou um pouco para acontecer fazendo com que os acampados passassem “seis meses tranqüilo”. A chegada da polícia aconteceu depois que os Sem Terra, cansados de esperar uma solução com relação a desapropriação da fazenda, realizaram uma série de manifestações reivindicando além da posse da terra, alimentação, remédios, educação... além dessas manifestações uma outra ação dos sem terras explica a interferência da polícia neste momento, como podemos acompanhar no depoimento abaixo:

¹⁹⁰ Revista Caros Amigos – edição especial: “MST”. Outubro de 2000.

¹⁹¹ ENTREVISTA. Dona Antônia. Ibidem.

E aí nesse meio a gente tava com fome, a gente pegou nove cabeça de ovelha matou e comeu [risos], comemo. Matemo três reis e comemo, e aí a polícia mandou nós dá o couro aos donos, nós demo os coros ao dono. (...) Aí, fiquemo aqui com essas polícia, aí tinha sessenta família aí o Lopes, que era de lá de onde nós morava, o Lopes, Capitão Lopes, telefonou para Teresina dizendo que, pedindo reforço de polícia que aqui tava se acabando tudo em guerra. Mintindo rapaz, não tinha guerra de nada não. Aí lá se vem uma mercedona bem grandona cheia de polícia e quando eles chegaram, via mesma assim as armas, as armas tudo assim por um lado e outro do carro, vinha tudo assim atrás umas das outras, tipo guerra mesmo, aí quando chegou bem dali do mata-burro eles ficaram tocando a corneta. Corneta de guerra: ‘pó, pó, pó, rom’, eu não sei mais como era a toada dele cantando a toada de guerra. Aí eles que tavam, aí, o povo do Lopes, soltaram dois foguetes pra riba, foguete não, tiro, desses tiro dessas arma grande aí, para amedrontar o povo aqui em cima. Que nós tava lá na casa grande e ele chegaram com tudo na casa grande, era pra amedrontar.

Mas como explicar este intervalo de seis meses para que a polícia realizasse as primeiras investidas contra os Sem Terras? Por que não reagiram logo quando ocuparam a fazenda? Talvez por que as terras tivessem abandonadas já há algum tempo pelo proprietário, que sequer morava no Piauí, por isso, ele não tinha exigido das autoridades locais uma atitude enérgica. O certo é que, essa demora de posicionamento prejudicou a estratégia do Movimento que não conseguiu fazer repercutir, neste início, para a sociedade, os motivos daquela manifestação, assim como dificultou a solução do problema da posse da terra.

Este momento que inaugura o confronto entre sem terras e governo, se institui como marco do processo de resistência destas famílias trabalhadoras rurais, bem como, simboliza o início do embate mais acirrado com toda a cidade de São João do Piauí que, a partir desse episódio manifestou claramente sua indignação com aqueles que haviam “invadido”, “sua cidade”.

A atitude dos acampados de prender os animais dos fazendeiros da região que iam beber água na lagoa que ficava dentro da propriedade ocupada, e de matar alguns desses para o próprio consumo não foi apenas uma atitude extrema frente às dificuldades enfrentadas neste período de acampamento. Foi mais que isso, pois ao nos contar esse episódio, Dona Antônia aos poucos revela as estratégias utilizadas pelo Movimento Sem Terra para pressionar os governos estadual e federal, no sentido de que fosse agilizada a desapropriação da fazenda Marrecas:

Fizemo assembléia. Como era que nós ia fazer para chegar a opressão pra ver se desapropriava a terra logo. Aí, começamo a juntar tudo que é de

bicho de todo fazendeiro que tiver por aqui que beber na lagoa é pra pegar. Todo mundo é pra ir, é pra ir pegar o bicho (...) Enquanto não vier a equipe de televisão de Teresina para divulgar, nós não solta os bicho, nós não pode soltar.¹⁹²

Os fazendeiros e pequenos proprietários da região que, com certeza, já não estavam muito satisfeitos com a chegada dos Sem Terras reagiram, pois para eles a situação tinha passado do limite:

Os fazendeiro ficaram tudo doido arrudeando os curral pra modo de tirar os bichos, e os segurança [pelotão de segurança organizado pelos acampados] também arrudeando os curral pra não deixar eles tirar nenhum cabrito.
 - Aí eles diziam: ‘não, mais solta essa vaga que tá com um bezerrim novo – solta essa ovelha que tá com uns cabritim novo’.
 -Aí a gente disse: ‘traga os cabritos, traga os burrego e traga que a gente dá de mamar aqui’.
 - Aí era a ordem de nós. E tinha porca de dá de comida, e agente dizia: ‘traga os bacuri que a porca tá aqui, e aí ela dá de mamar’.
 -Eles dizia: ‘e aí os bicho vão morrer de sede!’
 -E nós respondia: ‘não se preocupe com sede não, aqui nós demo água aos bichos.’¹⁹³

Após uma semana mantendo os bichos presos no curral, chega uma equipe de imprensa de Teresina - Dona Antônia não especifica se foi imprensa inscrita ou televisiva – “pra divulgar tudo”, e após “uns dois dias que eles tinham vindo aqui (...) aí, lá se vem duas carrada grande de polícia.” Com o primeiro objetivo alcançado – o de criar uma tensão e divulgar a difícil situação pela qual estava passando – agora cabia a eles resistirem às pressões e repressões decorrentes daquela atitude de prender e de matar alguns animais alheios.

A população da cidade que já estava em alvoroço devido à chegada desses “invasores” e que, na sua extrema maioria, não concordava com a “invasão” da fazenda, passou a desaprová-los, ainda mais após a matança dos animais. Domingos relembra este acontecimento, mas demonstra um certo receio ao relatá-lo, pois avalia que por conta deste protesto eles perderam uma “parte do apoio da cidade”:

A gente prendia os animal assim só pra fazer repressão. Chamar a atenção da opinião pública. Aí depois a gente prendia os animal e, mataram, mataram algum animal. Teve uma noite que mataram... carne... foi duas vezes... nem me lembro, foi mais ou menos isso que aconteceu. O acampamento tava

¹⁹² Idem. Ibidem.

¹⁹³ Idem. Ibidem.

sem alimento. (...) Então com isso, aí o pessoal da cidade foi contra a gente e perdemos uma parte do apoio da cidade. (...) E teve muita coisa que a gente fazia que aqui foi desapropriado. Isso não foi de graça não. Isso aqui foi muito pesado.¹⁹⁴

Provavelmente, o capitão Lopes, que havia coordenado esta primeira ação de repressão aos Sem Terra, não entrevistou antes porque as famílias estavam bem organizadas e contavam com o apoio da CPT e do MST. Lembrem-se como Dona Antônia nos explicou a organização dos Pelotões de segurança: “o primeiro pelotão era de criança (...), aí o outro era de mulher grávida e as que tinha menino no braço, (...) o outro era o da juventude, (...) e o outro era dos home casado”. Portanto, não deve ter sido nada fácil para os policiais enfrentarem crianças, mulheres grávidas e com crianças de colo. Com certeza muitos eram casados e/ou tinham filhos, mulheres grávidas... Mas, apesar desta dificuldade constranger a ação dos policiais, claro que a estratégia dos Sem Terra não era de todo suficiente:

(...) o Lopes ainda ganhou três processos aqui por que as mulheres, bem três mulher abordou criança por conta da opressão dele. Ele ganhou três processo aqui, e aí quando voltou de outra vez ele disse assim: ‘eu agora eu vim pra ganhar mais processos, que vocês butaram três processos n’eu naquele tempo. Pois agora eu quero ver quantos processos vocês vão botar n’eu’. Desse jeito, fazendo pouco.¹⁹⁵

Mas, apesar deste “terrorismo psicológico” e destas provocações os trabalhadores evitaram o confronto direto. Sabiam que eles só tinham a perder se isso acontecesse, pois além das perdas e das vidas humanas, que provavelmente aconteceria, isso poderia ocasionar uma desmobilização por parte das famílias que estavam naquela que era na primeira ocupação do Piauí. Portanto, quando o reforço de Teresina chegou para a “guerra”, mesmo com as tentativas do capitão Lopes de provocar um possível confronto, os Sem Terra permaneceram quietos só observando o que acontecia:

(...) Pra amedrontar o povo daqui de cima pro povo descer tudo correndo pras polícia ver que o povo ia tudo correndo, pra dizer que tava em guerra. Não saiu ninguém de dentro de casa. Eles chegaram lá, nem nós de lá da casa grande não saimo pra fora das casa, ficou tudo dentro de suas casas. E eles chegaram, aí o home chegou, e eu oiando de lá num buraco que tinha assim na parede, aí eu fui oiando de lá, aí o capitão, um outro capitão, mais

¹⁹⁴ ENTREVISTA. Domingos. Ibidem.

¹⁹⁵ ENTREVISTA. Dona Antônia. Ibidem.

que o capitão Lopes dizia: ‘cadê a guerra que tem aqui? Você ligou dizendo que aqui tava em ponto de guerra pedindo reforço, cadê a guerra?’¹⁹⁶

Dona Antônia, sempre muito corajosa, enfrentou a situação como uma militante aguerrida e convicta de que sua luta era por uma causa justa, mas no confronto com o capitão Lopes, principalmente quando este acusa o seu filho Arlindo de ser um “plantador de maconha”, a militante se converte na mais valente e corajosa mãe, pois a partir deste momento não era apenas a permanência na terra que estava em jogo, mas, sim, a segurança e a honra de seu filho, de sua família:

Aí eu fui e disse assim: - ‘Capitão Lopes, o senhor pensa que eu não conheço o senhor? O senhor é lá do Pio IX, cansei de tirar licença lá com o senhor pra fazer leilão na lá comunidade Recreio e agora o senhor chega aqui fazendo opressão desse jeito a nós. Nós não tamo aqui robando nem matando, não. Nós tamo aqui é atrás de terra pra trabalhar, pra nós sobreviver com nossas famílias.’ Eu que disse pra ele desse jeito. Eu não tinha medo dele.

-Aí ele disse: ‘cadê o Arlindo que tem por aqui que diz que é plantador de maconha?’

-Aí eu digo: ‘Aqui não tem Arlindo plantador de maconha, não. Arlindo que tem aqui é fio meu e é lá de Pio IX, e você conhece ele. E ele é uma criança ele agora tem uns 15 a 16 anos, e ele ... a roça dele ele planta é feijão, é milho, é fava, essas coisinhas. E assim mesmo, nós plantemo e nasceu e morreu porque faltou chuva.’¹⁹⁷

Esta tática de criminalização dos membros do movimento Sem Terra foi, desde o começo, muito utilizada pela polícia como uma tentativa de justificar a violência contra estes trabalhadores rurais, principalmente contra mulheres e crianças. A idéia, sustentada ao longo da história de nosso país, é de transformar simples trabalhadores rurais, que estão apenas exigindo seus direitos, em “perigosos criminosos”, e com isso procurar convencer a sociedade de que a repressão, além de “necessária”, seria a única “solução” para resolver o problema. A questão agrária vira caso de polícia, e os problemas sociais são negligenciados à segundo plano, quando não, totalmente esquecidos.

Sobre esta criminalização, Bernardo Mançano Fernandes e Cristiane Barbosa Ramalho – ao realizarem um estudo sobre a luta pela terra no Pontal do Paranapanema (SP) - afirmam que “o governo, desde o início, trata o problema social do campo como um problema de polícia”. Ou seja, a polícia aproveitava o ambiente tenso para tentar prender as lideranças

¹⁹⁶ Idem. Ibidem.

¹⁹⁷ Idem. Ibidem.

do movimento, com o intuito de enfraquecer a luta por reforma agrária, e com isso, expulsar as famílias que estão acampadas. Como estratégia para dificultar ações dos policiais, os Sem Terra organizam os seus pelotões de segurança tendo à frente crianças, jovens e mulheres – principalmente as grávidas e as mães com crianças de colo – mas mesmo assim, a repressão acontecia de dia e de noite:

Eles vinham e faziam era se arranchar, rapaz. Passava era dois, três dias aí arranchado, chamando mais polícia e andando por todo canto. Um dia nós fizemos com o Zé Rainha, que é uma das pessoas mais forte do MST, ficou escondido debaixo da cama da comade Chica, com um bocado de saco véi assim por de trás, era saco, era caixa de papelão que nós botava assim na frente e ele mais prá lá, ele tava assim pro lado que era pra polícia não ver ele.¹⁹⁸

Esconder os líderes, sobretudo aqueles de destaque nacional e por isso, muito “vigiados” e quase sempre criminalizados, pode ser visto como um contraponto a exposição das crianças e das mulheres, as primeiras a enfrentar a polícia: “As crianças que era pra humilhar eles, humilhar as policia. Eles não era de querer matar um monte de criança, porque se eles matassem ia ser pior pra eles. E as muié buchuda também, não era deles querer matar as crias e as muié com buchão”.¹⁹⁹

Ao lembrar desde tempo difícil, seu Francisco Juliano nos relata com muito pesar as dificuldades de resistir à pressão da polícia, ainda mais para sua família que teve de suportar a dor causada pela perda de um filho que adoeceu e, infelizmente terminou por falecer:

Muita gente desistiu por causa da repressão. Foi um momento assim de muita tristeza. Por causa da repressão e da dificuldade, né por que eu... com cinco dias que nós chegamos, eu trazia um menino, um adolescente. Uma criancinha, né, e aí ele adoeceu e faleceu. Então, eu fiquei muito abalado. Nesse tempo a gente tinha de levar as crianças pra cidade e a gente vinha até de a pé pra cidade. Então eu fiquei nessa dificuldade, essa grande dificuldade, né. Mas, nem por isso eu desisti.²⁰⁰

A história de seu Francisco Juliano explicita, com veemência, as inúmeras dificuldades porque passam os acampados no seu dia-a-dia e que passam totalmente

¹⁹⁸ Idem. Ibidem.

¹⁹⁹ Idem. Ibidem.

²⁰⁰ ENTREVISTA. Francisco Juliano de Carvalho. Ibidem.

despercebidas, devo dizer, passam propositalmente despercebidas por aqueles que insistem em vê-los como “invasores”. A perda do filho, tão jovem, logo ali, no acampamento, onde ele e sua família acreditavam está lutando por um futuro melhor, foi dolorosa demais para não ser dita nesse momento de relembrar e acentua a insistente preocupação de seu Francisco Juliano e principalmente, de Dona Anísia, em partir com “aqueles meninos tudo pequeninim”. Parece que pressentiam o pior, e o pior lhes ocorreu. Mesmo assim, eles permaneceram na luta como se tivessem decidido vingar a morte do seu “filhinho” com a conquista da terra, e só assim poderem homenageá-lo: “Ele tinha... quando nós chegamos aqui ele tinha um ano e dois mês. O nome dele era Amadeu, inclusive o nome da escola aqui, do ensino fundamental é o nome dele, em homenagem a ele. *Foi a primeira pessoa que morreu no acampamento*”.

Amadeu, filho de Dona Anísia seu Francisco Juliano, morreu no acampamento e não pode ver o sonho de seus pais de ter acesso a terra e pior ainda, não pode vivenciar o desejo de um futuro melhor. No entanto, a perda desta família, virou um símbolo desta luta e a homenagem ao filho, que faleceu poucos dias depois que chegou ao acampamento, parece ter sido a maior recompensa para a família, que apesar de tudo, conseguiu vencer a batalha contra o latifúndio. A escolha do nome de Amadeu para a primeira Escola do acampamento Marrecas mostra como o MST valoriza as histórias individuais como matéria-prima para constituição do grupo. Mas é claro que a constituição da identidade do movimento, particularmente de um movimento que se identifica pela imagem de seus “aguerridos militantes”, não pode prescindir de incorporar os sacrifícios presentes na memória social como uma arma de fortalecimento e encorajamento dos militantes que permanecem na “luta por um pedacinho de chão”.

A mãe, Dona Anísia, nem sequer toca no assunto. A dor pela perda do filho parece que cria barreiras na memória e com isso ela procura se proteger do sofrimento que foi – e ainda é – ter perdido o seu filho de apenas um ano e dois meses. Claro que a homenagem, feita ao filho, tema que ela também não faz referência, a conforta e não deixa de ser uma forma de sentir que seu filho está presente ali, ainda hoje, e que sempre vai estar, mesmo depois que eles “partirem também”. Amadeu, virou o orgulho da família, do acampamento/assentamento, do Movimento, e sua história é transformada em monumento, que tem como principal função celebrar a resistência daqueles que ali lutam por um futuro melhor. Mas, apesar da dor, logo eles tiveram que enfrentar a repressão policial e a perda do filho parece ter lhes dado ainda mais força e coragem para continuarem na luta:

A repressão se deu a partir das nossas necessidades, não tinha mesmo condição a alimentação. Aí, a coordenação decidiu fazer alguma ação, né, e aí, a gente tinha que aceitar porque, na verdade, nas reuniões a gente achava que a única maneira de resolver a situação era fazer alguma ação. Aí, foi que a gente começou a se mostrar pra que a gente veio. Não veio pra brincar, e a repressão foi muito forte, muito forte mesmo e nessa repressão foi várias pessoas né, porque a gente não tinha costume de ver policial nas porta, e foi uma das coisas mais complicada que a gente encontrou pra se resistir.²⁰¹

Seu Francisco nos conta que a polícia “procurava quem eram as lideranças, né, procurava nome, já vinha com o nome das pessoas e como a gente não passava, a gente não abria o jogo aí eles fazia pressão na gente”. A insistência em procurar identificar quem eram as lideranças gerou um conflito intenso e diário ocasionando várias desistências. Mas a maioria permaneceu a resistir no acampamento:

Aí nisso foi a semana todinha; cada um dia eles vinha com uma história e de início se criou uma conflito muito grande que a gente nunca esperava assim de ver. Vê o que a gente viu, tanta polícia, caçando pessoas, fazendo do Sem Terra um bandido qualquer. [Mas] conflito direto com eles a gente não conseguiu, não porque a gente já tinha, mais ou menos, três a quatro mês, já tinha mais ou menos experiência que não dava pra fazer conflito [direto] porque o grupo deles era muito grande e eles pareciam muito disposto. E a gente nunca entrou em conflito com eles não.²⁰²

Dona Anísia, além de ter perdido o filho, ainda estava gestante quando iniciou a repressão policial e mesmos assim não se intimidou diante do capitão Lopes:

O capitão Lopes queria carregar a máquina de datilografia que nós tinha. Ele disse que nós não tinha condição de ter uma máquina daquela, ele achava que a gente tinha era roubado. E a moto do seu Valdivino? Aí eu gestante, aí eu fui e bati no ombro dele.

-ele disse: ‘tinha levado’. Ele disse que era nós que tinha roubado essa moto.

-Eu disse: ‘Moço, deixa essa moto aí, o senhor num tá me vendo não? Como é que eu tô aqui? Eu tô passando mal’, eu tava gestante, ‘é a única coisa que tem aqui quando a gente tá doente que vai até a rua e eu já tô me sentindo mal. Eu posso até ganhar esse menino agora, num tô guentando com tanta dor’.²⁰³

Mas o capitão Lopes parecia não se comover com a situação de Dona Anísia, pois “o homem já ia levar a moto”, mas a coragem e a insistência de Dona Anísia, conseguiram vencer a intransigência do capitão:

²⁰¹ Idem. Ibidem.

²⁰² Idem. Ibidem.

²⁰³ ENTREVISTA. Dona Anísia. Ibidem.

-Eu bati no ombro dele e eu disse assim: ‘seu Capitão tenha dó, tenha coração. Será que eu vou ganhar esse menino aqui? Aqui não tem carro, não tem de onde vim carro’.

-‘Você vai ganhar menino em cima de uma moto? Você já se viu tentar tá parindo em cima de uma moto? Tem que parir mesmo é num carro, tem que ir é buscar um carro!’.

-‘Pois tem que ir nem que seja a moto ir lá na rua e buscar um carro!’ Aí ele deixou [risos], ele foi e deixou a moto, e aí não levou não, mas já ia levar, já tava assubindo a moto, ainda até assubiu no carro pra levar.²⁰⁴

A estratégia utilizada por Dona Anísia é a mesma relatada por Dona Antônia, pois quando a polícia “apertava, era as muié e criança que tava ali na frente.” A ação dos Sem Terras parece ter surtido algum efeito, afinal de contas como nos diz Dona Anísia “agora se não fosse as muié e as crianças (...) os home tinha sofrido muito mais”:

Tinha apanhado mesmo, apanhava e não tinha nenhum apelo. Não tinha nenhum apelo mesmo, a primeira coisa que apresentava era as criança e as muié. Quando eles dizia que ia queimar, nesse dia eles dizia que ia queimar os home. Nos juntemo tudim, quando tinha assim, nós já sabia, a primeira coisa que apresentava era as crianças e as muié. Mas, essa dificuldade que teve valeu a pena. Todo sofrimento, valeu a pena que hoje nós tem a terra, nós tem casa, nós tem água encanada, nós tem energia, nós tem...²⁰⁵

Todo este sofrimento parece ter realmente valido a pena, pois ao olhar para trás e ao pesar as dores e as dificuldades comparando-as com as conquistas de hoje, Dona Anísia tem certeza de que realmente valeu a pena. Apesar desta avaliação que valoriza a vitória de uma luta tão difícil, a perda do filho ficou como um contraponto para esta vitória. Dona Anísia ressalta em sua fala a enorme e angustiante preocupação com o destino dos filhos pequenos desde o momento em que, lá em Jorge de Baixo, eles começaram a cogitar a filiação ao MST. Seu Juliano, por sua vez, parece carregar o peso de ter insistido na ida para Marrecas mesmo que nenhum dos dois exponha diretamente suas “culpas”. A tensão que ronda a família por causa dessa perda nos alerta para uma dimensão muito forte da memória social: os mártires são positivos e valorizados pelo presente, mas eles não amenizam a dor daqueles que com eles conviveram no passado. Ou seja, a memória social não é como nos chama a atenção Halbwachs, uma simples soma das memórias individuais. Na construção da Identidade dos Sem Terra, a Escola Amadeu Carvalho significa coisas muito diferentes, embora complementares.

²⁰⁴ Idem. Ibidem.

²⁰⁵ Idem. Ibidem.

Em seu relato, Socorro corrobora com o que foi narrado por Dona Antônia e Dona Anísia e, como elas, Socorro também enfrentou com coragem a repressão:

No princípio eles vinham com um Batalhão, trazia armamentos pesados e faziam ameaças, e nem lá em casa que entrou o Major representante da turma, dizendo que nós ia apanhar aqui. Outros diziam que ia morrer, mas mesmo assim não me intimidou, eu enfrentei ele. Ele entrou na porta da varanda e saiu na cozinha e eu sai junto com ele. Ele dizia que nós estava aqui era roubando, por que nós comemos uns bois. Tava com fome, gente com fome come é o que estiver na frente²⁰⁶

As ameaças aumentaram depois que eles mataram alguns bois para se alimentarem, junto com elas, vinham os discursos tentando humilhá-los e insinuando que os Sem Terra eram ladrões, oportunistas e “plantadores de maconha”:

Ele disse que nós ia apanhar. Que nós tinha comido, o boi foi alheio, que a gente ia apanhar e ia sair todo mundo daqui debaixo de peia.

-E aí eu digo: ‘ninguém comeu o boi por brincadeira’. E aí, a gente tinha alguns trabalhos também que era de horta, e aí ficavam pressionando dizendo que a gente tava plantando maconha. Aí, eles entraram lá em casa (...) aí, tinha uma vasilha com sabão.

- E ele disse: ‘aqui é sabão dos fatos do boi que vocês mataram’.

- E eu digo: ‘Não, senhor, muito negativo. Aí, foi porco que nós matou que trouxe lá do interior onde nós morava, não tem nada de boi aí.’(...) nós morava duas famílias numa casa, e tinha dois fogão.

-Aí ele disse: ‘Olha, dois fogão, onde é que são pobre? Onde é que eles tão passando fome?’. (...) Eles disseram que vieram pra levar vivo ou morto. Não levaram. Aí, nesse negócio a gente não reagiu né, e resolveu. Eles foram embora e nós ficamos.²⁰⁷

O MST sabia que era preciso responder a estas agressões e proteger seus militantes destes despropósitos, por isso organiza uma série de manifestações para pressionar os governos, municipal e estadual, de modo que fossem encaminhadas soluções para sua situação dramática: sem terras, sem condições de trabalhar, sem comida, sem escola e ainda ameaçados pela polícia militar.

As manifestações ocorreram tanto em São João do Piauí como em Teresina e nelas os Sem Terra realizaram caminhadas, ocupavam prédios públicos – prefeituras, secretarias de governo, INCRA, bancos, etc. – gritavam palavras de ordem e cantavam suas músicas.

²⁰⁶ ENTREVISTA. Socorro. Ibidem.

²⁰⁷ Idem. Ibidem.

Estas ações/reações do Movimento Sem Terra são sempre bem planejadas, mas, segundo Morissawa, suas formas de luta, surgiram ao longo da história do Movimento e foram construídas pelos próprios trabalhadores que foram descobrindo vários métodos de pressão social, como por exemplo, a própria ocupação, os acampamentos permanentes, as marchas pelas rodovias, jejuns e greves de fome, as vigílias, os acampamentos nas capitais, as manifestações nas grandes cidades, além da ocupação de prédios públicos e dos acampamentos diante de Bancos.

Iremos nos deter um pouco mais sobre essas duas últimas relatadas acima, pois estas foram – além da própria ocupação em si – as mais utilizadas durante o processo de construção do MST aqui no Piauí. A escolha por essas práticas sugerem que o espontaneísmo de que fala Morissawa já há muito havia sido superado, e cada um dos métodos de pressão era não só avaliado mas também adaptado às condições/conjunturas locais, como veremos a partir da memória das famílias que entrevistamos.

Em sua pedagogia, Morissawa descreve a função de cada uma dessas ações e ressalta a intenção do Movimento em realizar determinadas formas de reivindicações. Sobre a ocupação de prédios públicos, o autor nos afirma que a escolha por esta ação é orientada considerando,

... sempre aquele aonde está sediado o órgão envolvido na reivindicação. Por exemplo, se a solução está no INCRA, ocupa-se o prédio do INCRA, se está na secretária de Agricultura, é lá que os se terra vão fazer a ocupação. A intenção é expor ao público que esses órgãos não cumpriram os compromissos assumidos e obrigar os responsáveis a negociar²⁰⁸

Sobre os acampamentos diante de bancos, o autor afirma que,

Os assentados enfrentam muitos problemas com a liberação de empréstimos e recursos para organizar o assentamento e a produção. À medida em que foi aumentando o número de famílias assentadas nas diferentes regiões, foram surgindo também novas formas de pressão para que as agências bancárias acelerassem a liberação de recursos.²⁰⁹

No caso de Marrecas, segundo Dona Antônia, primeiro foi uma comissão para Teresina, mas como essa não obteve muito sucesso, “aí, depois quando nós fomos fazer

²⁰⁸ MORISSAWA, Mitsue. Op. Cit. 201.

²⁰⁹ Idem. Ibidem.

‘quebra-quebra’ para reivindicar as coisa. Aí, era carro cheio”. A viagem não era fácil, além de demorada e cansativa, era perigosa:

Uma vez nós ia num carro coberto de lona e aí quando nós passamo num posto que tem lá perto de Teresina, nós dissemo que era uma carrada de feijão [risos], de saco de feijão. Com pouca os saco de feijão começaram a chorar [mais risos], que era os menino aí.

-Aí o guarda disse: ‘e como é que esses sacos de feijão de vocês que tá chorando aí dentro’, aí subiu um guarda e olhou, ‘como é que vocês diz que é um saco de feijão. Aqui é saco de butar feijão cunzinhado [risos]’²¹⁰

Hoje relembando o passado, Dona Antônia pode se divertir com as difíceis situações e ela e seus companheiros foram obrigados a enfrentar, principalmente no início de sua luta. Nesse dia, relatado a pouco, eles conseguiram continuar a viagem, pois o padre Ladislau conseguiu “dá um jeito que liberou nós lá do posto, aí nós fumo”. O destino seria o INCRA e o Padre Ladislau nem imaginava que um dia seria superintendente deste órgão no Piauí:

Cheguemo lá, dessa vez nós ia ocupar o Incra, nesse tempo ele [Ladislau] não era nada do INCRA não, ele era padre mesmo, padre da luta. Aí nós fumo pro INCRA, quando chegemo lá nós era dois carro. Aí chegemo lá tudo de uma vez, aí eu mais a Maria de Fátima, foi quem primeiro que encostamo na porta do INCRA. Eu com a Amanda [na época, filha pequena], aí eu botei a Amanda no braço e uma sacola cheia de coisas na cabeça e outra aqui a tira colo, e eu encostava o ombro mesmo assim na porta do INCRA e a Maria de Fátima também.

- E os guarda por dentro perguntava: ‘o quê que vocês quer, o quê que vocês quer?’, Aí nós num dizia nada, só fazia empurrar, só empurrando, aí juntou mais outro bocado de mulhé e empurrando, aí quando ele afroxou a porta do INCRA por dentro e nós afroxemo por fora, eu digo ‘chuapo!’ a ruma de mulher. Aí o povo foi entrando, e entrando, entrando todo mundo pra dentro e eles perguntando o quê que nós queria e nós só calado, só entrando, entrando, entrando pra dentro, aí entra tudo, entra tudo até quando não cober mais ninguém. Aí era só entrando e o povo seguindo calado e pegava aquela escada e subia até que entrou o derradeiro lá, aí os carro saíram, foram lá pro lugar dele. Passemos três dias lá dentro do INCRA.²¹¹

Dona Antônia e os outros estavam “reivindicando bóia pra comer, escola assim pra ir intertendo os menino nas escolas, e bóia, e a reivindicação da terra, num sabe”. O governo intransigente, não queria recebê-los, e para forçar o superintendente do INCRA para receber e negociar com a comissão, eles terminavam ocupando as instalações do INCRA.

²¹⁰ ENTREVISTA. Dona Antônia. Ibidem

²¹¹ Idem. Ibidem.

Dona Antônia relata que voltaram de lá com nada, apenas com algumas “cestas básicas”, mais sem nenhuma garantia de quando as terras seriam desapropriadas.

Dona Anísia também lembra que foi várias vezes que foi até Teresina exigir “casa, terra, água, bóia”. “Eu não conto nem quantas vezes nós voltemo lá. Num período de três anos, foi mais de dez”. Tiveram que ocupar o INCRA, banco, secretaria, mas o governo não os recebia. “O governo não recebia. Botava a polícia. Às vezes não queria receber nem as comissão”. Mas, com persistência e determinação os Sem Terra acabavam forçando o governo a resolver – mesmo que lentamente e/ou parcialmente – os seus problemas:

Mas com muita luta a gente vencia, até que eles com muito tempo... a gente passava muito tempo lá. A gente dizia: ‘a gente só sai depois com a pauta na mão’. A agente passava era oito dias lá dentro. Nós só saia quando tivesse tudo amarrado. Se num tiver não saia (...) quantas viagens nós foi lá pra poder conseguir hoje o que nois tem aqui.²¹²

Domingos nos conta que a “primeira ocupação na prefeitura nós saímos daqui [acampamento] uma hora da manhã, todo mundo de a pés e chegamo lá”. Seu relato é minucioso e retrata bem o sentimento e a importância que uma manifestação coletiva representa na vida de um sem terra:

Todo mundo a pés. Foi todo mundo a pé. Chegamo lá por volta de umas oito horas e aí fizemos duas fila. Só que nesse momento que a gente ia pela primeira vez, os jovens muito animado para ir, uma jovem adoeceu, na metade da viagem ela adoeceu, aí nós botamo ela pra ir na frente do carro. Aí nessa ida dela, furou, vazou a notícia na cidade. Quando nós chegamo na cidade, a cidade ali, dali pra lá era uma mata de algaroba, fechada, né. Nesse tempo tava chovendo, tava cheio de lama. Aí o pessoal não sabia, pensava que era leve, aí tentaram fazer uma barreira lá, fazer uma barreira ali de trás da delegacia, aí ia todo mundo preparado, tinha de passar, aí ia duas filas. Quando eles viram as filas de cá, aí não resistiram, aí abriram lá e a gente saiu.²¹³

O medo dos moradores de São João do Piauí é lembrado pelas falas que eles escutavam quando iam entrando na cidade: “o pessoal vem vindo aí das Marrecas invadir São João. Não sabiam nem o que era, mas disseram, vão invadir São João”. As duas filas eram bem organizadas, “duas filas, todo mundo animado. Foice, enxada, cacete, cantando os cânticos da terra, umas duzentas pessoas”.

²¹² ENTREVISTA, Dona Anísia. Ibidem.

²¹³ ENTREVISTA, Domingos. Ibidem.

Difícil de vislumbrar o impacto causado no imaginário dos moradores de São João sobre aquela manifestação política, principalmente por ter sido realizada por pessoas de fora do município e a inda com o intuito de “desafiar” o poder local. Segundo Domingos, algumas pessoas ficavam “aflitas e assustadas e outras ficavam muito animadas”. Ele ainda faz questão de lembrar as palavras de ordem na época: “enquanto eles querem guerra, nós queremos terra”; “reforma agrária já!”; “Ocupar, Resistir e Produzir”.

José do Patrocínio, Vice-prefeito e secretário de Educação na época, apoiou o MST desde o começo. No início foi influenciado pelo cunhado José Reis Pereira, na época deputado estadual pelo PMDB, que segundo José do Patrocínio, que participava das lutas, e de certa forma, apoiava as lutas populares. O cunhado telefonou para José do Patrocínio de Teresina logo que soube da ocupação e influenciou a ir procurá-los e ver no que ele poderia ajudar.

Segundo Patrocínio, as pessoas da cidade logo se posicionaram contra aquelas pessoas que tinham “invadido” sua cidade. A hostilidade aos militantes do MST foi crescendo à medida que o movimento foi se organizando e confrontando o poder dos fazendeiros e “chefes” políticos locais. Estes, logo quiseram “expulsar essas pessoas para que pudessem servir de exemplo”.

José do Patrocínio, influenciado pelo cunhado e pelo sogro - Constantino Pereira - e sensibilizado com a situação difícil pela qual passavam aquelas famílias de Sem Terra se aproximou do movimento e aos poucos foi se envolvendo e se apoiando cada vez mais. Enquanto vice-prefeito e secretário de educação enviou cestas básicas e contratou algumas das militantes como professora do município. Mas seu apoio ao MST o isolou dentro da prefeitura, e não demorou muito para que ele rompesse com o prefeito e saísse da administração local.

Os assentados o reconhecem como um dos principais, se não o mais importante, aliados no início do processo de ocupação. Pelo menos todos os nossos entrevistados, ao serem perguntados sobre quem de São João do Piauí os apoiou no início, são unânimes em descrever a força e a contribuição que José do patrocínio prestou àquelas famílias. Seu Francisco Juliano resume bem este sentimento:

Primeiro foi o José do Patrocínio que chegou no acampamento, e aí ele se mostrou quem era né, e aí ele começou a manter contato com o sogro dele e com o cunhado, né. E aí, eles começaram a ir no rádio e divulgar quem era o

povo que tinha chegado, né, e aí, se não fosse eles três a coisa tinha se complicado.²¹⁴

As manifestações só cresciam e aos poucos algumas pessoas foram se convencendo de que as atitudes daqueles “forasteiros” não eram tão “absurdas” como a maioria da população imaginava. Segundo Patrocínio, o que contribuiu para isso foi o fato da fazenda Marrecas estar abandonada pelo proprietário que nem era da cidade.

Mas o que mais marcou a memória da cidade de São João do Piauí foi as transformações políticas causadas pela chegada do MST no município. José do Patrocínio conta que a cidade nunca tinha visto este tipo de manifestação antes e o Movimento Sem Terra surpreendeu a cidade:

Impactou pela sua cultura de cidade passiva, submissa, submissa aos políticos dominadores e tal, ninguém ousava reagir e essa reação surpreendeu. Eu acho que São João evoluiu politicamente, embora que a cidade, um tanto, não se pode dizer que está politizada, mais o MST contribuiu para a discussão das Políticas Públicas, ainda hoje cobra isso. Ele de certa forma quebrou com aquele clientelismo. Não é que acabou o clientelismo, é que só existia clientelismo, era só uma relação.²¹⁵

Como podemos ver, a luta por terra por reforma agrária abraçada por estes trabalhadores rurais, não se resumia apenas ao direito de ter um pedaço de terra. Era uma luta maior, mais ampla e que a cada dia crescia ainda mais. Tornava-se uma luta por dignidade, respeito e direito à vida. Não era apenas uma luta dos trabalhadores rurais, e aos poucos, a população de São João do Piauí percebeu isso. A chegada do MST causou um enorme reboiço na vida política social daquela cidade. Mas, os “forasteiros invasores” aos poucos foram conquistando o respeito, a amizade e a confiança de grande parte dos moradores daquela cidade, embora isso não tenha acontecido da noite pro dia. Foi difícil, doloroso, mais com muito esforço e principalmente, com muito trabalho os Sem Terra passaram a ser vistos e respeitados como cidadãos.

2.3 Produzir

²¹⁴ ENTREVISTA. Francisco Juliano de Carvalho. Ibidem.

²¹⁵ ENTREVISTA. José do Patrocínio. Ibidem

“Nossa terceira tarefa é produzir// No trabalho coletivo// colher muito e repartir”.²¹⁶ A idéia de uma produção partilhada e incorporada às palavras de ordem em 1989, não se constitui desde o início do Movimento como uma prioridade, pelo menos da forma como ela é hoje pensada pelo MST.

Para essa memória, a redefinição da idéia de produção é resultado de um processo de um amadurecimento gerado a partir de várias experiências e se mistura com as etapas de organização e maturamento do próprio Movimento Sem Terra. João Pedro Stédile divide este processo de aprendizagem e definição sobre o “modelo” de produção a ser utilizado pelos trabalhadores rurais em três etapas: a primeira se estende desde as primeiras ocupações de 1979 e vai até 1985; a segunda compreende o período que vai de 1990 a 1993 – “período de crise do Movimento”, e a terceira se estruturou a partir do III Congresso Nacional em 1995 “período de reabilitação de forças perante o Estado”. Vale lembrar que entre a primeira e a segunda etapa existe uma lacuna de cinco anos definida por Stédile como um “período de descoberta” de novas formas de produção.

A primeira etapa foi marcada, segundo Stédile, por uma “visão romântica da produção”. Este período é caracterizado, por ele, pela visão que os camponeses tinham com relação a terra quando o trabalho agrícola encontrava-se numa etapa anterior à modernização da agricultura: “A família foi expulsa pela máquina, mas o seu memorial técnico, vamos dizer assim, a base reagia da seguinte forma: se eu conquistar a terra, depois me viro”.

Branford e Rocha, também abordam a questão da produção em seu livro sobre o MST. As autoras lembram que, o “MST já passou por vários estágios na tentativa de construir um modo de vida alternativo para os excluídos”, e nos afirmam que o Movimento inicialmente, “deu pouca atenção ao uso da terra”, pois “a conquista da terra era o tema central”, ou seja, “Era uma luta por terra, não por reforma agrária”, onde a mais importante prática de colaboração entre as famílias de acampados era o “tradicional mutirão para limpar a terra, construir casas e fazer colheita”.

A partir deste diagnóstico, as jornalistas localizam um tempo na constituição do Movimento em que a questão do uso da terra começou a ser problematizado no MST. Segundo sua cronologia, em meados dos anos oitenta,

²¹⁶ Trecho da Música: “Só sai Reforma Agrária”. Ibidem.

O número de assentamentos aumentava, mas a fome e a miséria continuavam igual. Era evidente que, se os assentados não resolvessem os problemas da produção, corriam o risco de endividar-se e perder as terras conquistadas, como havia ocorrido a muitos no passado'. Os assentados passaram, então, a enfrentar formas mais organizadas de colaboração, geralmente encorajados pelos padres e pastores progressistas, ainda com muita influência sobre as famílias.²¹⁷

Assim, mesmo após a realização do I Congresso Nacional, realizado na cidade de Curitiba, em janeiro de 1985 – Congresso de Fundação -, os Sem Terra falavam pouco sobre estes problemas. Para Branford e Rocha isto ocorria porque “a preocupação preponderante do Movimento ainda era a conquista da terra”.

Realmente, ao analisarmos a memória do MST sobre este período, percebemos que os objetivos definidos nesse I Encontro concentraram-se na discussão de conjuntura política pós-ditadura militar e na preocupação com as ocupações de terras, daí a nova palavra de ordem: “Ocupação é a única solução”.²¹⁸

Como podemos observar, as dificuldades em realizar as discussões sobre como se deveria organizar a produção eram enormes, pois segundo João Pedro Stédile “não havia nenhuma disposição” em realizá-las. “A pessoa queria terra. E isso de certa forma, favoreceu o governo, porque o isentava das outras obrigações ligadas à produção”.²¹⁹

Neste momento a igreja desempenha, mais uma vez, um papel importante, e o MST potencializa a relação que esta possui com os trabalhadores rurais para abrir um diálogo sobre a questão da produção, ainda que temido: “O único debate que conseguimos, nessa época, era pelo viés idealista cristão: será que é melhor a gente trabalhar junto? Será que a gente não vai viver mais fraternalmente se fizer mutirão? Não era uma visão, vamos dizer, cientificamente elaborada”²²⁰

As dificuldades de associar a luta pela terra a uma luta mais ampla por melhores condições de trabalho e produção, passou também por uma reelaboração da concepção de política e de movimento social, como nos relatam Branford e Rocha:

Em maio de 1986, o MST realizou a Primeira Reunião Nacional dos Assentados. Compareceram representantes de 76 assentamentos, de 11

²¹⁷ BRANFORD, Sue e ROCHA, Jan. Ibidem.

²¹⁸ MORISSAWA, Mitsue. Op. cit. 141.

²¹⁹ STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. Ibidem.

²²⁰ Idem. Ibidem.

Estados. O tema principal em discussão era se os sem-terra, depois de assentados, deveriam continuar a fazer parte do MST. Um grupo bastante grande defendia a idéia de criar uma organização irmã, que seria chamada de *pé no chão*, para os com-terra, as famílias que já conquistaram a sua terra. Depois de muita discussão, os assentados votaram a favor de ficar no MST, decisão acolhida calorosamente pela liderança, que entendia que tanto os sem-terra como os com-terra eram parte da mesma luta.²²¹

Naquele momento, o MST passaria a olhar além do desejo da simples conquista da terra e almejava vãos mais altos, onde o projeto de reforma agrária, amplo e com participação dos trabalhadores, fosse incorporada como uma das principais bandeiras de luta do Movimento.

Ainda segundo João Pedro Stédile, a direção se preocupou em discutir, estudar e debater teoricamente com o intuito de “compreender a importância da cooperação agrícola”. E apesar de já terem formulado uma visão de que “ocupar e distribuir terras simplesmente não resolvia o problema”, ainda não havia conseguido ampliar o debate sobre a necessidade de se construir um projeto sobre a questão da produção agrícola:

De um lado, porque a grande preocupação, em termos gerais do movimento, era de se consolidar como movimento social; de outro porque a própria base achava que podia resolver o problema só com as próprias forças. Foi preciso então que a própria base do movimento – os assentados – começa a enfrentar os problemas reais: necessidade de mecanizar as lavouras, mudança de padrão técnico de seu trabalho, acesso ao crédito etc.²²²

Nos anos seguintes – 1987 e 1988 – as discussões dentro do movimento passaram a girar mais em torno da organização dos assentamentos e um dos pontos prioritários, seria a questão da produção. Os assentados desejavam “eliminar o intermediário – e agregar valor aos produtos no próprio assentamento”. Mas, para Branford e Rocha, a experiência que alguns militantes do MST haviam acabado de adquirir em Havana fez com que o Movimento almejasse propostas mais audaciosas:

Entusiasmado pela forma como Cuba, apesar do danoso embargo norte-americano, eliminara a desnutrição e introduzira excelentes serviços de saúde e educação, sugeriram que o movimento adotasse o modelo cubano de produção coletiva e de grandes unidades agroindustriais. Contagiados pelo entusiasmo desses militantes, os líderes concordaram, num primeiro passo,

²²¹ BRANFORD, Sue e ROCHA, Jan. Op. cit. 132.

²²² STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Maçano. Ibidem.

em estabelecer algumas cooperativas de pequeno porte, conhecidas como cooperativas de Produção Agropecuária (CPAs)²²³

O debate sobre a organização dos assentamentos se ampliava e naquele instante se impôs como prioritário. Após realizarem um amplo levantamento junto aos assentados ao longo do ano de 1989, foi organizado um encontro sobre cooperativas em junho de 1990, onde ficou definido a coletivização da produção. Mas o que levou o MST a adotar este modelo de organização espelhados nas experiências soviéticas mesmo com o colapso dos regimes comunistas? Novamente recorro a Branford e Rocha:

Mas houve um fator novo e decisivo para a decisão: a mudança repentina das condições políticas no Brasil, em marca de 1990, depois da vitória de Collor de Mello sobre Lula nas eleições presidenciais. Collor desencadeou violenta campanha contra o MST, que, privado de qualquer apoio oficial, decidiu contar exclusivamente com recursos próprios.²²⁴

Durante o período que ele nomeia de “descoberta”, Stédile ressalta que “o maior acerto, nessa etapa, foi que não nos prendemos a uma forma única de cooperação agrícola”, mas ressalta também que aqueles foram anos difíceis:

A partir de sua vitória eleitoral, Collor acabou com as Políticas Públicas pra a agricultura, com o crédito, com a EMATER, que poderia dar assistência técnica, e com a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa). No início do seu governo houve um desmantelamento geral. O Banco do Brasil quase foi à falência. Isso gerou uma crise ainda maior na agricultura, que já vinha numa crise de lascar. É lógico que essa crise afetou também os assentamentos e o próprio movimento como tal.²²⁵

Este período de “decepção”, inaugurado pela perda da candidatura de Luiz Inácio da Silva, se agrava com os ataques do, então, presidente Fernando Collor de Mello, e obriga o MST a se debruçar ainda mais intensamente sobre o problema da produção agrícola e sobre as suas formas de cooperação. Segundo Stédile “percebíamos que o desenvolvimento já conquistado pelo MST era insuficiente para fazer frente à ofensiva do governo Collor. Passamos dois anos 1990 e 1991 – discutindo isso”. Neste instante, fruto de toda esta reflexão, surge a idéias de se criar centrais de cooperativas gerais, e a partir destas, formar a Confederação Nacional das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB). A

²²³ BRANFORD, Sue e ROCHA, Jan. Op. cit. 132-133.

²²⁴ Idem. Ibidem.

²²⁵ STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. Ibidem.

partir daqui, o MST começava a resolver este problema mais ligado à produção e cooperação agrícola, e iniciava sua reação frente às dificuldades impostas pelo governo em questão. Pois ainda segundo Stédile, este governo,

(...) foi nosso batismo de fogo, porque poderíamos ter acabado ali. Se o governo dele durasse os cinco anos previstos e nos apertasse mais um pouquinho, poderia ter nos destruídos. Não os assentamentos em si, porque estes já estão consolidados, mas como movimento social.²²⁶

Na visão de Branford e Rocha, o modelo de coletivização proposto pelo MST como forma de enfrentar as difíceis condições políticas do período foi inadequado e insuficiente porque “não se estabelece obrigações formais e compromissos entre seus membros, o que significa tolerar ‘pequenos vícios’, como o ‘individualismo, oportunismo e auto-suficiência’”. E citam Horácio Martins de Carvalho – economista que por muito tempo apoiou e trabalhou com o MST – para reforçar seu argumento:

O movimento também cometeu um grande erro. Em vez de basear o novo programa nas ‘pessoas dos assentamentos, seu dia-a-dia, seu trabalho, sua experiência anterior em termos de cooperação, sua identidade social’, o movimento deixou-se dominar por influências externas. (...) O novo programa de coletivismo também falhou ao não levar em conta a degradação ecológica causada pelos modernos métodos agrícolas.²²⁷

E ainda sobre esta questão da crise de produção enfrentada pelo MST ao longo de toda a primeira década de organização do Movimento, as autoras, após discutirem exaustivamente as causas e os efeitos deste problema, encerram sua discussão com uma fala de Ademar Bogo, que resume e esclarece o ponto de vista da direção do movimento sobre esta questão: “O principal erro do MST no passado foi ter copiado um modelo ultrapassado e inviável de agricultura e não ter tido coragem de incentivar uma forma de agricultura adaptada a nosso modo de ser e às nossas condições, com novos métodos de organização”²²⁸.

Mas enquanto a nível nacional, essa discussão ganhava corpo, aqui no Piauí o MST engatinhava no seu processo de estruturação. Lembrem-se, a primeira ocupação de terras realizadas pelo movimento se deu em junho de 1989 na fazenda Marrecas. Aqui os trabalhadores rurais, como no restante do país, também concentravam seus esforços ano

²²⁶ Idem. Ibidem.

²²⁷ BRANFORD, Sue e ROCHA, Jan. Op. cit. 134.

²²⁸ Idem. Ibidem.

sonho e na luta por um pedaço de terra. Por isso, apesar do MST Nacional já está discutindo e implementando a questão da produção coletiva, no Piauí houve um descompasso em relação a conjuntura nacional, pois o movimento aproveitou os primeiros meses de ocupação – segundo semestre de 1989 – para procurar estruturar as condições de vida no acampamento. Isso não quer dizer que a tentativa de coletivizar a produção não tinha sido implementada aqui. Apesar da memória dos Sem Terra do Piauí não ressaltar sua participação neste amplo debate, ainda assim, alguns relembram como o Movimento procurou organizá-los, tendo como princípio a coletivização da produção. De alguma forma as “lições” do debate nacional eram experimentadas também aqui. Dona Antônia lembra que: “se juntou todo home e fizeram uma roçada bem grande, um mutirão, num sabe, coletivo. E as mulheres fizeram uma horta num tamanho bem grande, coletiva”. Domingos também recorda que “quando a gente chegou, a gente tinha um trabalho coletivo, né, tinha assim, só o trabalho coletivo”.

A experiência de organização do MST no Piauí já se insere neste momento de (re) definição do projeto político do MST como um todo. Mas apesar da tentativa de sistematização desta proposta, aqui – como no restante do país – não demorou para que esse modelo se mostrasse inviável para a realidade vivenciada pelos Sem Terra, e como argumentou, anteriormente, Ademar Bogo, o problema ocorreu devido ao fato de que o Movimento não procurou valorizar as experiências já acumuladas ao longo da vida destes sujeitos sociais. Por isso essa proposta de coletivização não logrou o êxito inicialmente imaginado pelos dirigentes, como nos confidencia Domingos:

Mudou por um motivo de muitas coisas, opinião não combinar, dava problema o trabalho. Um pai de família que trabalhava no coletivo com o jovem e o jovem no passado tinha o mesmo direito que um pai de família. As vezes ele trabalhava menos e ele tendo menos despesa, aí na hora da divisão, da distribuição da renda, então o jovem fica privilegiado e o pai de família fica na miséria.²²⁹

Estas famílias, como a de Domingos e a dos demais acampados, iniciaram, neste momento o seu longo processo de constituição enquanto militantes Sem Terra, preservavam em seu imaginário o sonho de muitos outros trabalhadores rurais do passado, qual seja: o desejo de conquistar um pedacinho de terra e nele vivenciar “antigas” práticas como o trabalho familiar coordenado pelo pai, chefe da família. Além disso, antes de iniciarem essa luta por reforma agrária, estes trabalhadores e trabalhadoras rurais não se preocupavam muito

²²⁹ ENTREVISTA. Domingos. Ibidem.

com a estruturação e escoamento da produção, afinal de contas, estas, quando existiam, eram fruto em sua grande maioria, de lavouras de subsistência. Não podemos esquecer que a imensa maioria destas famílias nunca haviam sido possuidoras de terras pois sempre estavam trabalhando nas “terras do patrão”, onde sistemas tradicionais de comercialização eram definidos no próprio contrato informal, de trabalho (meia, terça ou quarta parte) e nele a comercialização era feita a partir dos interesses do “patrão”. Para aquelas poucas famílias que possuíam algum “pedaço de terra”, este, além de ser pouco, não contavam com nenhuma infra-estrutura para viabilizar a produção. Como esquecer Dona Joana que “não tinha cavador, era mesmo futucando com o dedo, e cobria a terrinha para produzir. Quando a chuva batia, arrancava tudinho”. Provavelmente, por estes motivos, os militantes piauienses que participaram das primeiras ocupações, não tenham na memória, de forma mais detalhada, esta discussão sobre a produção, ponto tão fundamental para o desenvolvimento do MST como um todo.

Mas, volto a lembrar, como a primeira ocupação de terras no Piauí organizada pelo MST ocorreu já no ápice de toda esta discussão sobre produção e como todo processo de desapropriação de terras é sempre lento, o Movimento teve tempo para enfrentar os problemas surgidos aqui no Marrecas enquanto conquistavam definitivamente a posse da terra, o que demorou cerca de três anos.

Portanto, ao conciliar as experiências em torno da produção, já vivenciadas pelo Movimento, com as experiências de vida dos próprios acampados; assentados, o Movimento Sem Terra consegue superar não só os problemas com a produção no acampamento/assentamento Marrecas, como também vai, cada vez mais, se constituindo como o Novo, ou parte do Novo, no cenário político, tanto do Piauí, como do Brasil.

Passada esta fase, gostaria de comentar a terceira etapa, definida por Stédile como sendo o “período de reabilitação de forças perante o Estado”. Esta fase é marcada pelo III Congresso Nacional do MST, realizado em 1995, na capital federal, onde se iniciou o processo de consolidação do “Sistema Cooperativista dos Assentados” – (SCA), gerado na etapa anterior, a partir da formação da Concrab. Com isso, eles procuravam reestruturar a força do movimento frente ao governo, já que as necessidades, impostas pela organização de muitos assentamentos e pela demanda de uma maior produção, haviam se intensificado devido ao aumento do número de assentados.

É interessante ressaltar que o ano de 1995 é marcado por outros importantes acontecimentos que também contribuíram para impulsionar a luta por reforma agrária no país:

(...) além do 3º Congresso [do MST], outros fatos ocorridos no ano de 1995 puseram o foco sobre a questão agrária: o calote dos latifundiários no Banco do Brasil, a crise geral da agricultura provocada pelo projeto neoliberal e a reação da sociedade junto ao massacre de Corumbiara.

(...) [com isso] o MST ganhou maior reconhecimento da sociedade. Suas diversas ações fizeram a reforma agrária ter assento diário nas discussões da sociedade e nos meios de comunicação²³⁰

Vale lembrar que em 1995, o país era governado por Fernando Henrique Cardoso. Iniciava-se a “Era FHC”, período marcado pela adoção de uma política neoliberal, que entre outras medidas decidiu que “o único modelo viável para o campo era a agroindústria capitalista”. Neste período aumentou também a repressão aos Militantes Sociais e o MST foi o foco central desta repressão. Sobre a relação do MST com o governo Fernando Henrique e sobre a postura deste último frente as ações desse governo, Stédile avalia em 1999 que,

(...) a partir do governo FHC, tinha havido uma mudança na forma de violência contra os sem-terra e seus movimentos, passando da violência fora da lei (agressões, assassinatos e ameaças vindas de proprietários) para a violência legitimada, amparada pelo Estado, como os desejos judiciais, mandados de prisão, destruição de roças e criminalização do movimento²³¹

Esta postura do governo FHC é analisada por vários pesquisadores interessados no debate sobre reforma agrária e movimentos sociais durante este período. Destas análises surgiram vários trabalhos publicados e dentre esses, me aproprio aqui de uma belíssima pesquisa publicada em forma de reportagem num fascículo intitulado “Retratos do Brasil”. Nessa reportagem, os autores, ao avaliarem a postura deste governo em relação as manifestações do MST, nos informam que:

O governo passou a agir para restringir o campo de ação do movimento. Uma das atitudes do governo FHC nesse sentido foi a edição da Medida Provisória n.º. 2.027, de dezembro de 2001, que impedia a vistoria e desapropriação por dois anos das terras que tivessem sido ocupadas por militantes pela reforma agrária²³²

²³⁰ MORISSAWA, Mitsue. Op. cit. 153.

²³¹ Revista Reportagem, edição n.º. 72, Ano 5, outubro/ novembro de 2005, fascículo n.º. 3: Retrato do Brasil – “A Reforma Agrária no país”.

²³² Idem. Ibidem.

Mas, as implicações desta conjuntura nacional merecem ser analisadas em outro estudo – principalmente as suas conseqüências para o MST no Piauí – por isso retomo a discussão sobre a crise do processo de produção do Movimento Sem Terra - ou segunda etapa –, pois foi justamente neste momento que se inicia a luta por terra no Piauí.

No acampamento Marrecas, a questão da produção não foi vivida, apenas como uma necessidade para que eles pudessem dar seguimento a sua luta, mas também como uma estratégia de convencimento da sociedade de que os propósitos do Movimento eram coerentes com um projeto de desenvolvimento não apenas para os Sem Terra, mas para todo o país.

O sucesso na produção do acampamento/assentamento, portanto, passa a ser a principal arma do Movimento para reagir às críticas dos latifundiários, da imprensa e do governo de que os acampados não passavam de oportunista, baderneiros, quando não, criminosos. Portanto, foi desta forma que Dona Anísia, Socorro e todos os outros acampados do Marrecas convenceram a sociedade de São João do Piauí que eles – os Sem Terra – estavam ali apenas exigindo seus direitos, principalmente, o direito a uma vida digna, e com isso iam mostrando que eles não eram bandidos, como nos lembra Socorro:

De início foi muito difícil o mal trato, a intenção das pessoas, as autoridades, o pessoal do município em geral né. Mas aí com o tempo agente foi superando, foi convivendo, foi mostrando o que era mesmo que a gente queria e aí foram entendendo. (...) [A principal estratégia foi,] em primeiro lugar a produção, e no primeiro ano a gente não conhecia a terra, foi difícil a produção. Mas a gente produziu pouco. Mas do segundo ano por diante a gente já, a questão produtiva já foi a maior do município, né, e aí foi clareando, foi ajudando. A gente produziu milho, algodão, feijão e foi se adaptando na terra.²³³

Expedita, coordenadora da CPT na época da ocupação do Marrecas, também evidencia o que Socorro nos disse anteriormente ao relembrar os primeiros contatos dos Sem Terras com a população de São João do Piauí. Ela nos conta como foi tenso o início desta relação (Sem Terras x Sociedade de São João do Piauí), e como aos poucos, parte da sociedade sajoaonense vai cedendo e se convencendo de que aqueles “estranhos invasores”, eram, na verdade, apenas trabalhadores rurais em busca de dignidade. Perceberam, portanto, que não eram pessoas querendo apenas terra, ou mesmo “terra fácil” como inicialmente eles pensavam, e sim pais e mães de famílias querendo construir um futuro melhor para eles e para seus filhos. Nesta lenta caminhada, a produção – tão difícil de ser trabalhada inicialmente –

²³³ ENTREVISTA. Socorro. Ibidem.

ganha lugar de destaque como ferramenta de convencimento dos “outros” que até então os ignoravam:

Nessa época não tinha aquela entrada, aí eu lembro que, quando eles [Sem Terra] chegaram na feira acontecia aquilo, o receio da sociedade, né? (...) A sociedade chamava era de baderneiro, era de preguiçoso. Sem terra pra eles era isso – de modo geral, na sociedade brasileira ainda tem. O quê que acontece? Quando eles começaram a produzir de forma organizada, que no dia da feira eles iam trazendo os produtos deles: era a cumbuca cheia de ovos, eles vendiam pra comprar o café, o óleo, era macaxeira, era os produtos da horta, isso virou a sociedade, a cabeça a sociedade de São João.²³⁴

Com o passar do tempo, a desconfiança deu lugar a convicção de que os produtos produzidos no assentamento eram de melhor qualidade e mais acessíveis aos moradores da cidade de São João do Piauí:

Quando o pessoal chegava, eles já tinham um trator. O trator fazia duas viagens, e às vezes três, pegava produtos o quanto precisava. Eram duas, três viagens. Quando o trator chegava nas primeiras ruas o pessoal não esperava lá na feira não, já vinha encontrar naquelas primeiras ruas. Quando o trator chegava no estacionamento na porta da feira, já ia vazio, já tinham vendido os produtos. (...) Aí o pessoal começava a dizer: ‘oh!’. Mas é porque é um produto saudável, quem vai deixar de comprar os produtos dos sem-terra pra comprar da Bahia, não sei da onde?²³⁵

Com isso o MST foi rompendo o preconceito da sociedade de São João do Piauí. E também rompendo com o preconceito da sociedade piauiense. Ao exigir e obrigar o Estado a atender às suas necessidades, os Sem Terra foram, aos poucos, conquistando a simpatia e o respeito de grande parte da sociedade brasileira, e assim, foram de vagarinho derrubando mais uma cerca que os prendia: “Quando chegar na terra// Não está completa a tua liberdade// Este é o primeiro passo// Que damos na busca de outra sociedade// Só a terra não liberta// Este é o alerta da necessidade// Aumentar a produção// Para alimentação// Do campo e da cidade”.²³⁶

Portanto, o Movimento Sem Terra constitui-se enquanto movimento social ao longo de sua trajetória política, na ação direta de seus militantes, num *fazer-se* histórico, tal qual a definição de Thompson: “que se deve tanto a ação humana como aos

²³⁴ ENTREVISTA. Expedita Araújo. Ibidem.

²³⁵ Idem. Ibidem.

²³⁶ Trecho da Música “Quando chegar na terra”. Música 227. “Seguindo a canção”. p. 164-165.

condicionamentos”²³⁷. A tríade “Ocupar, Resistir e Produzir” resume bem este tortuoso caminho trilhado pelo Movimento e arquitetado a partir dos sonhos, sacrifícios, derrotas e, principalmente, das vitórias que estas milhares de famílias Sem Terras vivenciaram ao longo de todo este período.

Este *fazer-se*, nem sempre foi um caminho seguro, adequado às nossas diversas e distintas realidades de um país continental. Como vimos, muitas vezes, o Movimento seguiu por caminhos que ao invés de solucionar seus problemas, os agravaram ainda mais. O exemplo maior disto pôde ser visualizado na tentativa de solucionar a questão da produção. Observação que pode passar despercebida aos olhos dos mais desatentos, já que o MST não evidencia alguns dos seus “erros” ao constituir parte de sua memória.

Mas aos poucos os Sem Terra foram aprendendo – e ainda aprendem – com seus erros, e da análise e avaliação crítica destes é que surgem seus acertos. No entanto, não pretendo com isso, dizer que a construção de um Movimento Social, principalmente da estrutura que possui o MST, seja tarefa fácil. Muitos menos que, os “erros” possivelmente cometidos ao longo deste processo, pudessem ser “facilmente” evitados, ou ainda que, tenham sido simplesmente “forçados” no intuito de se implementarem determinado projeto. Não foi e nem é este o meu interesse aqui, pois sei muito bem o quanto deve ter sido – e ainda o é – difícil a caminhada destes verdadeiros “guerreiros do campo”. Pretendo apenas refletir sobre a constituição histórica destes sujeitos e, com isso, procurar contribuir positivamente com esta luta.

Ao longo deste capítulo, podemos perceber melhor, como se deu a chegada e a posterior trajetória de lutas do primeiro assentamento do MST no Piauí. Percebemos também, como o Movimento foi amadurecendo e, com isso, foi criando novos espaços de atuação para os seus militantes. Aos poucos a sociedade piauiense – se não toda, pelo menos uma parte significativa desta – foi compreendendo os “porquês” de suas reivindicações, modificando portanto, o seu olhar e sua avaliação sobre estes sujeitos sociais, assim como a cidade de São João do Piauí que foi a primeira a vivenciar estas experiências em nosso Estado.

Vejamos agora, no último capítulo, como a memória, de boa parte destes acontecimentos, foram significados pelos filhos destes trabalhadores e trabalhadoras rurais que também nos confiaram suas histórias de vida.

²³⁷ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**, v. 1 – a árvore da liberdade”. Tradução: Denise Bottman. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 09.



A luta pela terra: o começo de um acampamento
Fonte: Salgado, 1997.



Marcha Nacional pela Reforma Agrária
Fonte: Arquivo do MST, 2006.

CAPITULO III

A LUTA CONTINUA:

Pais e filhos sem terra enfrentando novos e velhos desafios

TERRA EM MOVIMENTO²³⁸

A mão que pega na enxada pega a foice e
no facão.

É a mesma mão que faz a cerca ruir no
chão

Abrindo novos caminhos feito rios de
razão.

São vozes que soam juntas e se
propagam no ar

É um brado que vem da terra e se
transforma em cantar.

A mão que pega no lápis e desenha o
pensamento

É a mesma mão que semeia um novo
assentamento unindo os filhos da terra

Na terra em movimento.

A mão que empunha a bandeira com as
cores do coração

É a mesma que faz a colheita no campo
da produção

E faz enfeite pra festa

E a massa que faz o pão.

Quem olha sempre pra vida

E a vida faz defender

Cuidando da existência

Valores novos valer

É sonho que nunca morre é novo
amanhecer.

Ao longo de todo este trabalho pudemos perceber como se deu a longa e difícil trajetória na qual se constitui o Movimento Sem Terra, em especial a sua caminhada no

²³⁸ MÚSICA. “TERRA EM MOVIMENTO”. Gilvan Santos. In: **Seguindo a canção**. Música 268. p. 188. Conheci Gilvan Santos nos anos em que trabalhei no PRONERA, e suas belas composições me ajudaram bastante na procura de compreender melhor o tema de minha pesquisa; ou seja, o MST.

Estado do Piauí. Este processo foi marcado, e ainda é, por distintos momentos, tristes, alegres, tensos e tranquilos de derrotas e, acima de tudo, vitórias. Mas de cada um destes instantes vivenciados pelos militantes sem terra, apesar de que várias destas experiências foram fruto da ignorância e truculência dos latifundiários, muitas vezes, com o total apoio do estado -, eles souberam retirar aprendizados que, por sua vez, os ajudaram a constituir o que eles são hoje. Dos momentos tristes, souberam procurar entender quais os motivos que causavam “aquelas dores”; dos momentos alegres aproveitaram para celebrar as vitórias e assim, renovar o “espírito de luta”, que desde os primeiros dias de vida se impõe ao camponês sem terra, principalmente num país, e num estado, onde ainda hoje as injustiças sociais podem ser percebidas sem que seja necessário qualquer esforço para tal tarefa.

O Movimento Sem Terra é hoje um dos principais Movimentos Sociais do Brasil e do Mundo, quiçá o mais importante – pelo menos no Brasil. Mas esta longa, apesar de breve, caminhada ter sido marcada por percalços que muitas vezes colocaram em xeque a construção do próprio MST, pelo menos enquanto Movimento Social, como nos relatou João Pedro Stédile ao se reportar as dificuldades enfrentadas no governo Collor.

Herdeiros de um período histórico *sui generis* para a redefinição política do país, como nos elucidou Eder Sader, o MST sabiamente, fez com que este período ficasse “marcado como momento decisivo na transição para uma nova forma de sistema político”. Nesta conjuntura de referência política o MST deu seus primeiros passos e aos poucos foi se inserindo neste embate, já analisado por Eder Sader ainda que em sua gestação:

A novidade eclodida em 1978 foi principalmente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análise referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reinventando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reinventar direitos. O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, oferecidos pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam como indicadores de emergência de novas identidades coletivas. Tratava-se de uma novidade no real e nas categorias de representação real.²³⁹

Partindo deste pressuposto e analisando a trajetória política percorrida por esses sujeitos sociais, é que podemos compreender melhor como o MST se institui enquanto

²³⁹ SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970 – 1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 26-27.

Movimento Social. Ao incorporar a idéia da produção, valorizando as experiências de vida dos próprios trabalhadores e trabalhadoras rurais, o Movimento Sem Terra se “reinventa” e, assim, renova a idéia de como esses trabalhadores rurais lidam com a terra. Aqui surge definitivamente um Novo sujeito, com novas práticas, novas formas de fazer política e com um novo projeto social tão abrangente quanto as dificuldades e necessidades que aquele momento lhes exigia. Sobre esta “constituição” Ademar Bogo nos diz que:

A simples ocupação e conquista da terra são um processo geralmente muito rápido, embora às vezes leve alguns anos para ser concluído pelo descaso das autoridades responsáveis. O mais difícil não é o processo de conquistar a terra, mas sim fazê-la produzir, organizar a cooperação, a comercialização, desenvolver novas tecnologias e forjar uma nova consciência nos assentamentos, para que se tornem verdadeiros camponeses de nosso tempo.²⁴⁰

Mas esta concepção apresentada em 1999 no livro “Lições da luta pela terra” só foi materializada com o passar dos anos a partir do aprendizado colhido durante este *fazer-se* enquanto sujeito social, enquanto militante sem terra. Por isso, do olhar para trás, Bogo conclui que esta experiência política só foi possível devido a “muita dedicação, estudo, intercâmbio de experiências e bastante maleabilidade nas formas organizativas. Este é um aprendizado que não se encontra nas universidades, leva-se muitos anos para adquiri-lo na prática concreta”.²⁴¹

Portanto, o Novo se reinventa a partir do velho, incorporando novas práticas, alargando a própria definição de Movimento Social ao passo que não resumiu apenas às reivindicações – apesar de que estas fossem e infelizmente, ainda hoje são, necessárias, diante de tão profundas desigualdades sociais – mas se institui a partir da articulação de um projeto político mais amplo, onde o desenvolvimento “do campo” passasse a ser articulado conjuntamente com o desenvolvimento “da cidade”: “Reforma Agrária vem com certeza / com aliança operária – camponesa”.

Neste projeto não caberia apenas a necessidade de um “pedaço de terra”, até porque esta conquista como puderam perceber com o tempo, não resolveria os problemas que se empunham àquelas famílias. Esta luta não cessaria com a conquista da terra, ela incorporaria outras necessidades e outros sujeitos. Passaria a não ser apenas uma luta “apenas

²⁴⁰ BOGO, Ademar. **Lições da luta pela Terra**. Salvador: Memorial das letras, 1999. p. 35.

²⁴¹ Idem, Ibidem.

deles”, ou “só pra eles”. A luta continuaria – como continua – eternamente, agora não mais só para eles assentados, mas também por causa dos outros que, como eles um dia necessitam de apoio para poderem se inserirem nesta batalha por terra, dignidade e um futuro melhor, mas o que propiciou a articulação deste projeto político? Teria sido apenas as condições conjunturais? Evidentemente que não, pois a família desempenha um papel fundamental para a viabilização deste projeto político. Não é a toa que Stédile ressalta sua importância desde o início da ocupação: “por isso é que não dá certo ocupação só com homem. Tem que ter a família, porque já está em processo o que vai ser a comunidade”.

Devido a estas particularidades o MST se diferencia dos demais Movimentos Sociais, tanto em relação aos seus contemporâneos, como também em relação a outros movimentos de outrora, pois devido a sua amplitude, o próprio Stédile chega a nos afirmar que ele se diferencia “(...) dos movimentos camponeses históricos, que apenas lutavam por terra”. Uma definição que pode ser definida por três características:

(...) A primeira foi a de ser um movimento popular, em que todo mundo pode entrar. Nesse caráter popular, teríamos ainda uma subdivisão. De um lado popular no sentido de que dentro da família camponesa vai todo mundo, participam o idoso, a mulher e as crianças. Nesse ponto, ele se diferencia do sindicato, porque tradicionalmente, somente o homem, adulto, participa das assembleias sindicais. Percebemos que aí residia a nossa força, pois o homem, além de ser machista, é conservador e individualista. O movimento, na medida em que inclui todos os membros da família, adquire uma potencialidade incrível. O adolescente, por exemplo, que antes era oprimido pelo pai, percebe que numa assembleia de sem terra ele vota igual ao pai. Ele decide igual, tem o mesmo poder, tem vez e voz e se sente valorizado.²⁴²

A partir desta “nova concepção” de Movimento Social, o Movimento Sem Terra projeta o seu futuro e possibilita ao jovem militante sem terra não ser apenas herdeiro desta tradição e desta luta travada por seus pais, mas também se constitui enquanto sujeito de sua própria história individual e coletiva. Como esquecer os relatos de Dona Antônia e de Dona Anísia onde a família apresenta-se sempre, desde o início, como centro das atenções onde seus filhos Arlindo e “Tico”, respectivamente, vão se inserindo na luta ao longo do processo? Como a memória destes jovens ressignificou estas experiências? Como estes jovens militantes lidam com “velhos” e novos desafios? Antes de partirmos para seus relatos, vejamos o outro motivo que o caracterizou, segundo Stédile, como sendo um movimento popular:

²⁴² STÉDILE, João Pedro e FERNANDES Bernardo Mançano. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil – 1 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1999. p. 32.

A outra subdivisão do caráter popular e que o torna mais popular ainda é que, desde o início, talvez até pelo trabalho da igreja, fomos pouco sectários. Ou seja: somos um movimento camponês que tem essa raiz da terra, essa ideologia em que entra todo mundo que queria lutar pela reforma agrária. Pode entrar o militante urbano, o técnico da Emater, o padre, etc. Ninguém ficava pedindo atestado de atuação. Isso também deu uma consistência maior para o MST. Ele soube se abrir ao que havia na sociedade. Simplesmente ele não fechava e não se fecha em um movimento camponês típico, no qual só entra quem pega na enxada.²⁴³

Portanto, esta compreensão de que a luta por reforma agrária só poderia ser enfrentada a partir da ampliação da participação dos sujeitos que vivenciaram o processo de constituição do Movimento, serviu não só para ampliar os apoios para além dos atores sociais tradicionais, mas também para incorporar atores sociais fora do meio rural. O MST só conseguiu superar a crise que se abateu no Movimento na década de 80 a partir da constituição deste novo projeto político articulado devido a sua re-definição enquanto sujeito social e enquanto projeto político. Sobre esta experiência, novamente recorro às palavras de Caldart para que melhor possamos compreender sua importância:

A referência a *novos* sujeitos quer afirmar, pois, que não se trata de uma simples recuperação da condição que essas pessoas já tiveram e que provisoriamente perderam pela circunstância de ficarem sem a terra, ou sem trabalhar nela. É algo bem mais profundo. Primeiro, porque entre os sem terra há trabalhadores rurais de uma ou até de duas gerações que não chegaram a ter essa relação mais tipicamente camponesa com a terra e a produção; segundo, porque mesmo para aqueles sem-terra que já foram camponeses a relação não é a mesma. Os sem-terra assentados podem até ser considerados uma nova forma de campesinato, como defende o pesquisador Bernardo Mançano Fernandes (1998, 1999), mas jamais serão os mesmos camponeses de antes. Por isso, continuam chamando-se e sendo chamados de *Sem Terra*, e participam do MST; porque essa é a nova identidade que enraizada nas suas próprias tradições culturais de trabalhador da terra, recriou sua identidade porque a vinculou com uma luta social, com uma classe e com um projeto de futuro.²⁴⁴

Desta forma, o MST foi se constituindo e, devido a estas experiências, ele pôde se redefinir diante de novos desafios que lhe foram impostos. Como evidenciamos anteriormente, a juventude sem Terra assume papel de destaque ao longo deste processo.

²⁴³ Idem. Ibidem.

²⁴⁴ CALDART, Roseli Salet. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 32-33.

Vejamos então como o MST articulou estes sujeitos sociais aqui no Piauí. Arlindo, filho de Dona Antônia e Seu De Deus; e “Tico”, filho de Dona Anísia e Seu Francisco Juliano socializaram suas vivências que permitem ao início do processo de ocupação do Assentamento Marrecas.

3.1 Re-nascer

Arlindo Gregório da Silva, hoje com 38 anos, trabalha e mora no Assentamento Marrecas desde o início, em junho de 1989, quando chegou no *primeiro dia de ocupação*. Este lugar de definição do militante que ele faz questão de ressaltar já no início da entrevista, nos informa como ele, Arlindo, vivenciou, e com o tempo, incorporou o papel que o MST lhe instigou a assumir: “E a gente feliz de fazer parte dessa organização que tem tido muita dificuldade, mas também muitas conquistas, muitas vitórias. É o meu ponto de origem né”.

Em seguida Arlindo, assim como Dona Antônia – sua mãe – nos relata um pouco de como era sua vida antes deste “seu ponto de origem”:

Eu nasci e me criei na cidade de Pio IX, comunidade Recreio, na região de Picos. Lá, eu trabalhava junto com o meu pai, em terras alheia. A gente trabalhava arrendado, de serviço, e também de meia. A gente vivia numa situação difícil, porque aquela região era uma região de minifúndios, né, uma região que não tem grandes propriedades, mais do sertão.²⁴⁵

É interessante ressaltar como Arlindo ao olhar para o seu passado assinala como uma ruptura o momento de “fundação” do MST em “latifúndios piauienses”. Essa experiência torna-se, profundamente marcante, não apenas por ser um momento fundante na vida de qualquer militante Sem Terra, mas principalmente, porque o coloca, conscientemente, enquanto sujeito de sua própria história.

Apesar de Arlindo ter tido outras experiências políticas anteriores à sua entrada no MST, é a partir daquela ocupação – sua primeira ação enquanto militante do Movimento que aqui surgia – que ele se inscreve enquanto sujeito social participante de um grupo que se organiza e se constrói, fundamentalmente pelo embate político. Suas lembranças, anteriores a este marco, são articuladas a partir de uma memória que reafirma a memória dos pais,

²⁴⁵ ENTREVISTA, Arlindo Gregório. São João do Piauí, Agosto de 2006.

articulada a partir de uma certa linha de continuidade histórica onde religiosidade e o papel libertador exercido pelos setores progressistas da igreja católica são também referenciais:

É ai, a gente começou estudar até a quarta série, e ai não tive condição de estudar mais pra frente, de ir pra cidade e ai entrei no grupo de jovens, comecei na catequese, depois no grupo de jovens, e logo depois de dois anos que tava um grupo de jovens com mais de 80 jovens, e ai eu fui escolhido como delegado sindical lá da região. Como mais de 70 sócios lá na comunidade. Logo no ano seguinte eu fiz parte da diretoria municipal, e ai foi o tempo, já em 1985, que se criou, em 1986, surgiu o Movimento Sem Terra. E já no estado do Piauí, começando pelas comissões municipais, era nove municípios lá em Picos, e cada município tinha uma comissão municipal. Eu já fiz parte então da primeira comissão municipal e no ano seguinte, já em 87, fui pra executiva estadual, com sede em Picos, a sede era lá em Picos, e começamos a organizar o trabalho pra conscientização das famílias, um trabalho de base.²⁴⁶

É importante perceber como o projeto político do Movimento Sem Terra, aos poucos vai sendo incorporado à sua memória e como este projeto vai se constituindo como ponto fundante do lutador social engajado num projeto político mais amplo, como integrante do qual ele é parte como promotor.

Este sentimento de “origem” incorporado por Arlindo não desconsidera suas vivências anteriores, mas ressignificam-nas. Ele desenha, por exemplo, uma ponte entre sua trajetória pessoal com aquela percorrida por sua mãe – igreja, sindicato e MST -, mas é sua entrada no MST que se transforma num marco para explicar o que ele é hoje e de que lugar social ele fala.

Arlindo, diferente de seus pais, teve o privilegio de ser um Sem-Terra no começo de sua juventude, e a experiência de se constituir militante na “luta coletiva” e diária do acampamento e depois do Assentamento Marrecas. Esta experiência, não só o diferencia, mas também lhe possibilita interferir na vida familiar e coletiva:

Primeiro, eu tomei uma decisão, de participar das organizações sociais, porque cuma meus pais não tiveram a condição de me dar uma escola boa né, e eu como um dos filhos, dos primeiros filhos tinha que trabalhar pra ajudar os outros irmãos. Nós somos nove irmãos né, então, além do trabalho da roça que eu tinha, eu participava das atividades pra buscar novas

²⁴⁶ Idem. Ibidem.

informações. E foi através dessa minha participação que a gente conseguiu, é chegar hoje aqui na terra né.²⁴⁷

Arlindo se coloca como parte decisiva da história de sua família, pois ao se informar sobre a luta por terra, reforma agrária e, conseqüentemente, sobre a possibilidade de ingressar e poder contribuir com a construção de um novo Movimento Social camponês, ele assumiu um papel fundamental como mediador e, esta sua ação, possibilitou sua família ingressar nessa luta. Aliás, o filho Arlindo que ainda hoje é visto por Dona Antônia como o “seu menino”, conseguiu vencer na vida por ter conquistado além de um pedaço de terra o direito de estudar e ir à escola, mas como num contrapondo, ele faz questão de ressaltar o papel decisivo da sua mãe nestas vitórias, feitas de difíceis batalhas:

Agradeço muito, também o grande incentivo, o grande apoio da minha mãe né, a “velha” Dona Antônia, que também é histórica na luta de reforma agrária, de ocupação. Ela foi a dirigente na comunidade lá, e ainda hoje é animado na comunidade né, então eu sempre tive apoio da família. Meu pai, ele achava que era muito difícil, né, ele recomendava muito, era muito perigoso, mas hoje ele adora, mora na comunidade e é muito divertido, e a família toda dele, toda está aqui né, tio, irmão, filhos. Então é uma opção boa a luta pela terra, além da gente conseguir a terra, a gente consegue também muita amizade né. Eu acho que a relação das famílias com a terra, com o assentamento, com o campo é uma conquista muito boa.²⁴⁸

Aos poucos, Arlindo, ao nos relatar a trajetória da família ao longo deste lento gradual processo, vai desvendando a relação de desigualdade nos “papéis” assumidos por Dona Antônia e Seu De Deus, que tinha bastante receio em entrar na luta por ser muito “perigoso”. Talvez por isso Dona Antônia assumiu até hoje a responsabilidade de ser a principal “guardiã da memória” de sua família. Uma memória, que nos revela, a todo instante, os novos desafios que surgiram com o tempo e com o desenrolar da luta. desafios estes que não caberiam a eles – os pais – solucionar. O que não implica dizer que eles – Dona Antônia e Seu De Deus, assim como o restante dos pais – abandonaram a luta. lembrem-se, a força do MST está na participação de todos os integrantes da família em cada um dos importantes momentos que forjam militantes Sem Terra. No entanto, algumas tarefas são atribuídas pelos mais jovens, que ao assumirem essa responsabilidade passam a lidar com os novos desafios, nem sempre fáceis de conciliar como relata Arlindo:

²⁴⁷ Idem. Ibidem.

²⁴⁸ Idem. Ibidem.

É muito difícil né, a gente militante e ter que trabalhar na roça, administrar um projeto, um investimento que a gente faz, é fazer trabalho de militância dentro do Movimento Sem Terra, e criar uma família, e dar assistência à família. E ainda estudar, porque eu estou estudando, estou fazendo o curso técnico, e isso ainda pesa muito pra mim. Como eu não tive oportunidade de estudar nas escolas tradicional no tempo que eu era muito o jovem, então adquiriu muitos conhecimentos políticos né, no Movimento Sem Terra, mas conhecimentos mais técnicos eu tenho que se apropriar da escola né.²⁴⁹

Portanto, para superar estes novos desafios, o jovem Arlindo necessitou estabelecer disciplina para superar as dificuldades em conciliar tantas obrigações: Assentado, militante, trabalhador rural, estudante e pai de família: “a gente acaba participando da organização, participando da vida do assentamento, e tem que ter um planejamento para que a gente possa dar conta de tantas tarefas, né”.

Uma outra dimensão se apresenta na constituição do Arlindo militante em relação a seus pais. Hoje, ele passa a experimentar as preocupações que todo pai e mãe têm ao desejar um futuro melhor para suas crianças. Embora as condições de hoje, sejam totalmente distintas das que foram enfrentadas por seus pais no passado, Arlindo se preocupa com o futuro e também com a memória da família como convém a um bom militante:

Eu tenho três filhos, e eu, a forma como eu fui criado, algumas questões eu quero meus filhos herdem né. Eu não quero que eles não chegam a trabalhar de meia pra os outros, trabalhar pro patrão ganhando diárias, né. Eu sempre incentivo eles muito, o estudo, incentivo eles muito, o estudo, incentivo ele muito a questão da escola da organização. Eu já começo a incentivar os meus meninos, que já a partir de criança pra adolescente, pra que eles comecem a participar de alguns eventos né, no meio da sociedade, pra eles ir aprendendo a se relacionar com as pessoas, e não perder nem um dia de aula. Já começo a me preocupar também qual seria a profissão deles, né, seria só trabalhar na roça ou, eles queria ir mais a frente, e eu começo a discutir com eles isso, né, é uma preocupação minha e uma das coisas que eu vou na comunidade, sempre trabalhar e estudar, pra que ele possa ser esse cidadão, ou cidadão, ou cidadã, que ganha a vida digna com o próprio trabalho.²⁵⁰

Arlindo, diferente de seus pais, tem a possibilidade de vislumbrar um futuro menos incerto e duvidoso para os seus filhos. Possibilidade esta, que foi construída devido a

²⁴⁹ Idem. Ibidem.

²⁵⁰ Idem. Ibidem.

sua militância política, mas também foi fruto da garra e persistência de Dona Antônia que, além de ter lhe apoiado a ingressar na luta e, conseqüente, no Movimento Sem Terra, também contribui diretamente, através de sua fé e de sua militância política. Para que seus netos possam hoje ter acesso à escola, à moradia própria, à suas próprias terras, enfim, para que seus netos – e filhos – pudessem levar uma vida diferente daquela que um dia representou para sua família: exploração, sofrimento e miséria. Por isso, hoje, Arlindo pode desejar outros sonhos para os seus filhos, e por causa dessa vitoriosa história de vida, de uma família inteira, ele pretende que seus filhos herdem apenas algumas coisas de seu passado difícil, outras não.

Nosso segundo personagem, “Tico”, vivenciou este processo de maneira distinta. Primeiro devido à idade, pois enquanto Arlindo se colocava desde o início como uma jovem liderança, “Tico”, ao chegar no acampamento em junho de 1989, tinha apenas dois anos. Apesar disso, o filho de Dona Anísia e Seu Francisco Juliano, “compartilhou” todos os momentos enfrentados por seus pais e demais companheiros Sem Terra. Claro que as suas responsabilidades não eram as mesmas de Arlindo, mas elas existiam, e mesmo para uma criança de apenas dois anos, elas eram de fundamental importância na construção do Movimento Sem Terra, lembrem-se do que Dona Antônia nos disse sobre a comissão de segurança: “(...) O primeiro pelotão era o das crianças (...) pra enfrentar a política (...), as crianças que era pra humilhar eles, humilhar as policcias”.

Mas, “Tico” por ter praticamente “nascido”, vivido e crescido dentro do acampamento/assentamento experimentou diferentes desafios não só em relação aos seus pais, mas também em relação a Arlindo. O universo de “Tico” foi muito mais amplo e isto se reflete nas várias atividades desempenhadas por ele no assentamento Marrecas:

Meu nome é Francisco Juliano – mais conhecido como ‘Tico’, eu moro no assentamento Marrecas. Faço parte do setor de Educação do Assentamento, como também contribuo no setor de cultura, da mística. E faço parte também do projeto Sabiá, que trabalha a questão da educação alimentar, do controle cidadão, através da música, através do coral, do teatro. E contribuo com outros setores do assentamento Marrecas, como no grupo de jovens, que a gente trabalha como coordenador do grupo de jovens do Assentamento Marrecas.²⁵¹

²⁵¹ ENTREVISTA, Francisco Juliano – “Tico”. São João do Piauí, Agosto de 2006.

Suas primeiras lembranças deste processo de ocupação, como ele mesmo as define “são poucas, no entanto, são muitas”, e apesar de fugidias nos mostram a importância que a memória possui na construção do Movimento Sem Terra:

Minhas primeiras lembranças, quando eu cheguei aqui no assentamento, eu tinha dois anos de idade. As lembranças são poucas, no entanto, são muitas. Porque eu lembro de quando eu, lembro de uma lembrança longe, de quando a gente tava no Assentamento, Acampamento, aqui no poço do Capim Grosso né, onde a gente ficava debaixo da barraca de lona. Era muito sofrimento, a questão de algumas repressões que aconteceu lá, pequenas repressões.²⁵²

É interessante notarmos a memória de “Tico”, a exemplo da memória de seus pais, evidencia as dificuldades e, principalmente, realça a resistência diante destas. Este importante exercício articulado pela memória coletiva, cria na linha de continuidade que forja uma identidade partilhada que faz com que “Tico” entrelace presente e passado, ou seja, sua história de militância no presente, com a história de militância no passado:

E eu me lembro também, que houve alguma repressão também, depois que a gente chegou na sede do assentamento, onde é o assentamento hoje que, repressão dos fazendeiros vizinhos ou dos moradores daqui mesmo, que estavam aqui em dez casas que existiam aqui na fazenda, e que moravam aqui em redor. Eles ficaram assustados quando viram é, a multidão de gente com foices, machado, facão, como é assim que a gente chega nas terras né, gritando palavras de ordem, cantando música, quando a gente alimenta nossas forças pra seguir na luta. Ai com isso, o pessoal nunca tinha visto daquele tanto de gente organizado, eles ficaram assustados né, como? Chamavam a gente de invasores que vieram pra tomar as terras deles. Terras que eles diziam que era deles, no entanto, era do fazendeiro chamado Fernando Brasileiro, o qual o exploravam.²⁵³

Aqui a importância da família, é evidenciado pela forma como esta trabalhou, e ainda hoje trabalha a memória da luta e resistência enfrentada pelos pais e que desde cedo é repassada a seus filhos, como nos informou Dona Anísia:

Acostumei meus fios, eu não tive dificuldade com eles, de trabalhar no Movimento Sem Terra não, tudo gosta né. A gente foi traçando a caminhada, ai a gente vai começando a dar uma injeção naquele, dizendo: ‘Nois tamo aqui, mas oia, nois tamo por causa do Movimento Sem Terra, se não fosse,

²⁵² Idem. Ibidem.

²⁵³ Idem. Ibidem.

nois não tava aqui. Nois não pudemo tirar da cabeça nunca. Porque aqui, ele foi quem trouxe nois, não foi outra pessoa não.²⁵⁴

Outro ponto importante que distingue a trajetória de “Tico” da experiência de Arlindo é o processo de educação que cada um teve acesso na juventude. Neste ponto “Tico” pode se considerar, assim como hoje os filhos de Arlindo, um privilegiado, pois teve a oportunidade de estudar no “tempo certo” e, principalmente, pôde desenvolver todo o seu processo educacional dentro do próprio assentamento:

Com relação ao meu processo de educação sempre se dava aqui no Assentamento né, ou seja, aqui no Acampamento, e no decorrer do processo, aqui no Assentamento eu nunca precisei, por exemplo, vamos dizer assim, sair pra estudar em São João ou em outra localidade vizinha, porque tinha aquela questão também de que, tinha de ajudar o pai na roça né. Tinha que ajudar na roça porque era aquela questão, tinha que estudar e trabalhar. Só que, claro que o pai ele sempre é, também, dava privilegio na educação dos filhos dele, ou seja, então resumido, meu processo de educação sempre aconteceu dentro do MST, dentro do Movimento, vamos dizer assim.²⁵⁵

Podemos perceber como a tradição também constitui a identidade dos jovens militantes Sem Terra. “Tico” continua sendo “roceiro” e o ofício herdado de seu pai permanece como um dos fatores constituintes de sua formação militante. Aqui “novos” e “velhos” desafios convergem em torno do projeto político maior, erguido pelo MST.

A igreja também desempenhou um importante papel na formação política de “Tico”, marcando outro ponto importante de continuidade em relação a história de vida de Arlindo e também de seus pais:

Eu comecei a me envolver com as atividades do movimento, assim de forma mais atuante, na participação do grupo de jovens, né. A gente participava, formou um grupo de jovem aqui, vamos dizer, mais ligado a questão da igreja, né. Da igreja, ai a gente se expandiu mais em trabalhar a questão política, aonde a gente formou esse grupo. Alguns dirigentes aqui do Assentamento, como do estado, do MST, vem trabalhar essa questão da cultura do MST em si, né, através do grupo de jovens. Com isso ai a gente como igreja, como muitos jovens hoje fazem curso do MST, através de projetos com parcerias com a Secretaria de Educação, que se dá esse processo de formação, que primeiro acontece, tem que acontecer dentro do Assentamento pra você trabalhar, vamo dizer, fazer um trabalho de base.²⁵⁶

²⁵⁴ ENTREVISTA. Dona Anísia. São João do Piauí, Agosto de 2006.

²⁵⁵ ENTREVISTA. Francisco Juliano – “Tico”. Ibidem.

²⁵⁶ Idem. Ibidem.

Portanto, ao escutarmos o relato de “Tico” sobre sua trajetória pessoal, podemos compreender e identificar a importância que a história familiar assume na constituição do sujeito militante. Mas também percebemos como esta mesma trajetória familiar contribuiu para a constituição do grupo social como um todo e, enfim, do próprio MST. E não é apenas o “Tico” e sua família à que passaram por este processo, mas todas as famílias de militantes Sem Terras desde a primeira ocupação até hoje:

Eu conheci melhor a história da Marrecas, através de meu pai e de minha mãe. Meu pai e minha mãe, eles sempre, contavam, e a gente perguntava: ‘Mãe, como era antes?’ Meu pai e minha mãe também foi fundamental nessa questão de eu entender porque que a gente saiu lá do nosso local de origem né, quase 300 km pra vir ocupar uma terra aqui. Que foi eles que falaram porque da importância, como foi que a gente veio. E a história do Assentamento Marrecas, você pode perguntar a qualquer desses jovens do Assentamento que moram aqui, qualquer um sabe falar. Porque? Porque a gente através dos núcleos de base, também a gente realiza estudos sobre a história do Assentamento Marrecas.²⁵⁷

Através das memórias de Arlindo e “Tico”, podemos perceber melhor, a importância do papel desempenhado pela família no processo de construção do Movimento Sem Terra. A família que sempre foi o lugar de enraizamento do trabalhador e da trabalhadora rural no Brasil, assume, dentro da proposta política do MST, um lugar de destaque. A família foi, e ainda é, o principal meio de articulação entre o Movimento e os trabalhadores rurais, mas para auxiliá-la nesta tarefa, o MST soube articular às experiências individuais, anteriormente acumuladas, com as experiências coletivas experimentadas no bojo da luta pela terra. Estas, segundo Caldart, são as duas dimensões fundamentais no processo de formação dos Sem Terra ligados ao MST:

A que vincula cada família Sem Terra à trajetória histórica do Movimento e da luta pela terra e pela Reforma Agrária no Brasil, tornando-a fruto e raiz (sujeito) dessa história; E a que faz de cada pessoa que integra o MST um ser humano em transformação permanente, à medida que sujeito (também condicionado a) de vivências coletivas que exigem ações, escolhas, tomadas de posição, superação de limites, e assim conformar seu sujeito de ser, sua humanidade em movimento.²⁵⁸

²⁵⁷ Idem. Ibidem.

²⁵⁸ CALDART, Roseli Salete. “O MST e a formação dos Sem-Terra: o movimento social como princípio educativo”. In: BOSI, Alfredo (editor). **Estudos avançados – Dossiê: Desenvolvimento Rural**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 212.

Como resultado deste processo, Caldart conclui que o Movimento Sem Terra se constitui no cotidiano de suas atividades a partir,

(...) do entrelaçamento das vivências coletivas, que envolvem e se produzem desde cada família, cada grupo, cada pessoa, com o caráter da luta social que representam, se forma então a coletividade Sem Terra, com uma identidade que não se enxerga olhando para cada pessoa, família ou grupo de Sem-Terra em si mesmos, mas que sente ou se vive participando das ações ou do cotidiano do MST.²⁵⁹

Neste, e através deste, *fazer-se* histórico o MST conseguiu superar a maioria das dificuldades impostas ao longo dos anos. Por conta dele – segundo Bernardo Mançano Fernandes – “O MST tornou-se conhecido pela sua forma de organização sócioespacial e por sua territorialização”. Ou seja,

A forma de organização do MST constitui-se da construção de um espaço de socialização política que possibilita a formação de grupos de famílias e a conscientização da conquista de um assentamento, que é uma fração do território, gerando as condições sociopolíticas que tornam possível a formação de um grupo de famílias que continuaram as lutas pela terra e pela Reforma Agrária, e assim consecutivamente. Esse processo de conquistas produz a territorialização do MST, que significa uma sucessão de conquistas de frações do território. Por causa desse processo diferenciamos o MST, como movimento socioespacial, dos outros movimentos sociais que denominamos localizados. Os movimentos sociais localizados fundam na conquista da terra. O processo de territorialização transformou o MST em um movimento nacional.²⁶⁰

Hoje o movimento Sem Terra continua seu incessante projeto político, e como antes, milhares de trabalhadores e trabalhadoras rurais ingressam em suas fileiras e passam também a contribuir, e a constituir, este, que hoje apresenta-se como o principal Movimento Social da luta por Terra, Reforma Agrária e Cidadania. No Brasil os tempos são outros, outros desafios se impõem, mas o sentimento de militante Sem Terra desses trabalhadores rurais que pudemos conhecer melhor ao longo deste trabalho permanece intacto, ou melhor, cada vez mais forte devido a este projeto holístico que pensa o homem e a mulher em sua abrangência cultural. Sentimento este relatado por cada um dos Sem Terra, ao final de suas entrevistas, e

²⁵⁹ Idem. Ibidem.

²⁶⁰ FERNANDES, Bernardo Mançano. “O papel do MST na construção da cidadania”. In: MOLINA, Mônica Castagna; SOUSA JÚNIOR, José Geraldo de e TOURINHO NETO, Fernando da Costa. **Introdução crítica ao direito agrário**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 341-347.

que podemos representar aqui a partir da fala que para mim em poucas palavras tudo o que representa o MST para ele, sua família, sua comunidade, e para todo o país:

O MST representa na minha vida é um momento de aprendizado, e essa mensagem eu vou repassar ela pra muita gente. O MST também representa muita oportunidade de vida, representa também muitos momentos de dificuldades, sacrifícios, de momentos difíceis que tem passado. Mas também representa uma esperança né, uma esperança de uma conquista, e representa pra mim e pra sociedade brasileira uma oportunidade de mudança. É um Movimento que pensa não só em si ou em pequenas coisas, mas um Movimento que sonha e é uma esperança da sociedade. É um Movimento que tem conseguido recuperar muitas vidas e dá oportunidade a muitas pessoas, e que precisa ser um Movimento que continue lutando sem se torcer diante das dificuldades.²⁶¹

²⁶¹ ENTREVISTA. Arlindo Gregório. Ibidem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ao longo dos últimos vinte anos, tornou-se cada vez mais, parte importante da vida política em nosso país. Ao longo desta caminhada, seus militantes tiveram que enfrentar muitos percalços. Mas com bastante persistência, o que, aliás, nunca lhes faltou – nem há de faltar às famílias de trabalhadores rurais de nosso país – conseguiram obrigar os governos – mesmo que a contragosto – a realizar ainda que de forma precária, a Reforma Agrária em vários latifúndios improdutivos do Brasil. Mas não apenas obrigaram e “brigaram”. Venceram, mesmo que ainda não de forma definitiva, uma outra batalha mais árdua, pois ganharam o respeito e o reconhecimento da necessidade de sua luta de grande parte da população brasileira, e da necessidade de Reforma Agrária mesmo quando esta discorda de suas práticas reivindicatórias.

Aqui no Piauí, onde analisamos mais de perto o desenrolar destes acontecimentos, o MST também adquiriu, ao longo dos últimos dezessete anos, este respeito de vários setores da sociedade piauiense. Este reconhecimento é ainda maior nas cidades onde o Movimento conseguiu se estabelecer, como é o caso de São João do Piauí, onde os Sem Terra se constituem como parte importantíssima para o desenvolvimento da sociedade local.

À família coube um lugar central dentro da estrutura e do projeto político do MST. Ela foi responsável pela permanência de muitos Sem Terras quando estes enfrentavam, talvez, os momentos mais difíceis de suas vidas; foi também responsável pela união de seus membros, mas acima de tudo, a família se apresentou como o grande alicerce do próprio Movimento que, ao se espelhar nela, conseguiu a resposta para muitos de seus problemas.

Ao lado destes desafios foram surgindo outros como os da produção, mecanização da lavoura, ecologia, saúde alimentar, ampliação do acesso à saúde, educação – inclusive com um projeto pedagógico próprio, onde a principal bandeira de luta é a *educação do campo*²⁶², entre outros. Em praticamente todos eles os Sem Terra conseguiram ótimos resultados, claro que ainda se tem muito o que fazer, mas se considerarmos a realidade de nosso país, os Sem Terras já conseguiram uma verdadeira revolução.

²⁶² Ver obra de Roseli Salete Caldart: **Pedagogia no Movimento Sem Terra**; e Mônica Castangna Molina (org.): **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**.

Mas os tempos continuam mudando, pois a história não há de cessar, muito menos de findar-se como alarmaram alguns ignóbeis. O movimento Sem Terra até hoje têm conseguido superar os desafios que lhes são impostos, mas precisa estar mais atento à conjuntura política que hoje os procura prender. Internamente, o Movimento convive com alguns problemas sérios, que inclusive já foram objetos de outros estudos. O principal talvez seja a visível desmobilização e, até certo ponto, “individualização” de alguns de seus assentados.

Já em relação à conjuntura política vivida desde 2003 com a posse do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Movimento Sem Terra atravessa um momento de incertezas e redefinições frente à “inesperada” guinada à direita do Presidente e de seu partido, que além de não promover uma Reforma Agrária séria, ampla e com participação dos próprios trabalhadores rurais – como defende o próprio Movimento Sem Terra – ainda por cima continua implementando uma política neoliberal, e que inclusive, ainda vem sendo aprofundada por este mesmo um governo que se diz de “frente popular”.

No Estado do Piauí, como relatamos no início deste trabalho, o Partido dos trabalhadores também conseguiu se eleger ao governo estadual e para isso, contou com o apoio de vários setores e movimentos sociais, e o próprio MST não fugiu a regra. Claro que é perfeitamente compreensível a postura do Movimento Sem Terra, ao longo do primeiro mandato, em querer dialogar, e mesmo apoiar, tanto governo federal, quanto o estadual, pois como relatamos, o MST ajudou a construir o PT, portanto é parte constituinte de sua história e o mínimo que o Movimento poderia esperar deste, seria a implementação de bandeiras de lutas históricas que hoje são esquecidas, e mesmo, substituídas por outras que se chocam profundamente em relação ao projeto político do MST para o país, como no caso da liberação, autorizada pelo governo Lula, da produção dos organismos geneticamente modificados – transgênicos.

Mas o movimento Sem Terra saberá compreender estes novos desafios se não quiser enfraquecer e perder forças perante a própria sociedade. No entanto, não pretendo, a partir destas indicações, sugerir que o MST tenha perdido importância política em nossa sociedade, muito pelo contrário, e se acaso despertar a tempo poderá contribuir decisivamente para impulsionar as lutas sociais que os governos estão tentando controlar.

Arlindo, ao avaliar toda esta conjuntura sinaliza que o Movimento está atento, apesar de que a meu ver ainda se encontra preso à esperança de que “o governo estaria em disputa”, e que uma mudança em relação à postura política do MST diante dos governos petistas não tardarão a acontecer:

Mas a gente acha que o governo é o nosso aliado estratégico entendeu, nós não tamos aqui pra defender partido, pra defender o governo, mas a gente tá também. Tivemos um comportamento durante esses praticamente quatro anos de mandato [2003-2006], fizemos poucas lutas, mas 2007 em diante nós estamos preparados pra cobrar e reivindicar muito mais.²⁶³

Ao escutar Arlindo acredito que “novos tempos virão”, pois se tem uma lição que os Sem Terras aprenderam em sua caminhada foi que “Só a luta muda a vida” e que, só através dela, poderemos continuar tentando mudar uma sociedade tão injusta e desigual quanto a nossa.

Mas não me sinto no direito de concluir este trabalho com minhas próprias palavras, pois acredito ser eu, apenas um vetor que procurou contar um pouco da história destes verdadeiros “guerreiros piauienses”. Recorro então às palavras, ou melhor, aos versos cantados na voz de Dona Antônia que encerrou sua entrevista recitando o Hino do MST, e que enquanto cantava um de seus filhos entrou na sala carregando nos braços um dos seus netos, que deveria ter pouco mais de um ano, e que ao escutar o refrão do Hino, ergueu o braço esquerdo e imitou sua avó no gesto característico dos Sem Terra e que para eles representa a luta e a garra dos militantes:

***Vem teçamos a nossa Liberdade,
Braço forte que rasga o chão,
Sob a sombra de nossa valentia,
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nessa terra como irmão!***

***Vem, lutemos punho erguido,
Nossa força nos leve a edificar,
Nossa pátria livre e forte,
Construída pelo poder popular.***

***Braço erguido ditemos nossa história,
Sufocando com força os opressores,
Hasteemos a bandeira colorida,
Despertemos esta pátria adormecida,
O amanhã pertence a nós trabalhadores!***

***Nossa força resgatada pela chama
Da esperança no triunfo que virá,
Forjaremos desta luta com certeza,
Pátria livre, operária, camponesa,
Nossa estrela enfim triunfará!²⁶⁴***

²⁶³ ENTREVISTA. Arlindo Gregório. São João do Piauí, agosto de 2006.

²⁶⁴ ENTREVISTA. Dona Antônia. São João do Piauí, agosto de 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Sonia E. DAGNINO, Evelina e ARTURO, Escolar. “O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos”. In: **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. – autores e organizadores – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 15-50.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA e a pesquisa. São Paulo. ANCA, 2002. 70p.

BARROS, José de D’Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. In: **Estudos históricos**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1983. p. 29-42.

BASTOS, Elide Rugai. “150 anos de um debate sobre Reforma Agrária”. In: **Cadernos AEL – Conflitos no campo – 7. conflitos no campo**. Campinas, 1997. Semestral. P. 131-145.

BAUDUÍNO, Dom Tomás. “Depoimento: a ação da igreja católica e o desenvolvimento rural”. In: Revista – **Estudos Avançados** – nº. 43 (vol. 01 nº. 1) – **Dossiê: Desenvolvimento rural**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 09-22.

BERGAMASCO, Sonia P. Pereira; D’AQUINO, Terezinha e FERRANTE, Vera Lúcia S. Botta. “Assentamentos de Trabalhadores Rurais em São Paulo: A Roda-viva de seu passado/presente. In: **Revista – ciências sociais hoje**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990. p. 253-280.

BOGO, Ademar. Caderno de formação nº. 34. **O MST e a cultura**. 2.ed. São Paulo. Peres LTDA, 2001. 93p.

_____. **Lições da luta pela terra**. Salvador: memorial das letras, 1999. 160p.

BORGES, Geraldo Almeida. **Secas no Piauí – ontem e hoje**. Teresina: Fundação CEPRO. 1980. p. 45-51.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003. 219p.

BRANFORD, Sue e ROCHA, San. **Rompendo a cerca: a história do MST**; [tradução Rubens Galves Merino]. 1.ed. São Paulo: Casa Amarela, 2004. 400p.

Caderno do educando. Pra soletrar a liberdade nº. 02: Somos Sem Terra. ITERRA, 2001, p. 72.

CALDART, Roseli Salete. “O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como principio educativo”. In: Revista – Estudos Avançados n°. 43 – **Dossiê: Desenvolvimento rural**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 207-24.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 440.

Calendário Histórico dos Trabalhadores. Publicação do MST. São Paulo, 1997, p. 84.

CARBONI, Florence e MAESTRI, Mário. **A Linguagem Escravizada**: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003. 96 p.

CARTILHA: CPT; 25 anos na luta por terra, água e direitos. Teresina: CPT, 2004. 31p.

CASADÁLIGA, D. Pedro. Terra nossa, liberdade. In: **Com palmos medidos: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 398-400.

CEPATEC e Instituto Nacional de Direitos Humanos “17 de abril”. **Eldorado dos Carajás 10 anos depois**: Violência e impunidade no campo. Maxprint. São Paulo, 2006, p. 69.

CERTAU, Michel de. “A operação historiográfica”. In: **A escrita da história**. – Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-109.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA/MST; FRENTE DE MÚSICA. **Seguindo a canção**. São Paulo. ANCA. 208p.

COLLING, Ana Maria. Mulheres militantes: “nós, as deusas”. In: **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosas dos Tempos, 1997. p. 47-75.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo: Expressão popular, 2003. 237p.

CORREIA, Wilson. **Da liberdade ao Extermínio**. Monografia defendida no curso de História da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Julho de 2001. 42 p.

D’ARAÚJO, Maria Celina. “Como a história oral chegou ao Brasil: Entrevista com Aspásia Camargo”. In: GOMES, Ângela de Castro. **História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral**. Rio de Janeiro: ABHO, 1999. p. 167 – 179.

DOMINGOS NETO, Manoel e BORGES, G. Almeida. **Seca Seculorum**: flagelo e mito na economia rural. Teresina, Fundação CEPRO, 1987. 105p.

DOMINGOS NETO, Manoel. **É preciso rediscutir a seca piauiense**. Teresina: Fundação CEPRO, 1981. p. 5-27.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001. 120p.

FERNANDES, Bernardo Mançano e RAMALHO, Cristiane Barbosa. “Luta pela terra e desenvolvimento rural no pontal do Paranapanema (SP)”. In: Revista – **Estudos Avançados** nº. 43 – **Dossiê: Desenvolvimento rural**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 239-254.

FERREIRA, Elizabeth Fernandes Xavier. O objeto. In: **Mulheres, militância e memória**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 48-77.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. p. 1-13.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **Os anos de chumbo no Brasil**. In: História. Série: Novo Ensino Médio – volume único. São Paulo: Ática, 2003. p. 384-393.

FRANÇOIS, Etienne. “A fecundidade da história oral”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 03 – 14.

FRANK, André G. e FUENTES, Marta. **Dez teses a cerca dos movimentos sociais**. Cópia de arquivo particular sem catalogação. p. 19-48.

GARCIA, Marco Aurélio. “O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política”. In: **Caderno PAGU** (8/9). Campinas. 1997. p. 319-342.

_____. **Eder Sader – O futuro sem este homem**. Texto publicado no site: www.fpa.org.br/portal link da revista teoria e debate/artigos.

_____. Tradição memória e historia dos trabalhadores. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 169-174.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Os Sem Terra, ONG's e Cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 172.

_____. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo. Loyola, 2002. p. 273-344.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990. p.

HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. In: **O direito à memória: patrimônio histórico**. São Paulo: 1992. p. 157-168.

HOBBSAWM, Eric. O século: visto aérea. In: **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 7-26.

_____. O presente como história. In: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 19987. p. 243-255.

_____. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 482p.

_____. O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea? In: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 19987. p. 36-48.

IGLESIAS, Esther. Reflexões sobre o QUE FAZER da história oral no mundo rural. Dados – **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 27, nº. 1, 1984, p.p. 59-70.

JOUTARD, Philippe. “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 43 – 64.

KOFES, Suely e PISCITELLI, Adriana. “Memória de histórias femininas, memórias e experiências”. In: **Cadernos PAGU**. Campinas. Editora da UNICAMPI, 1997. p; 343-354.

LENZ, Matias Martinho (card.). **A igreja e a propriedade da terra no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1980. 50p.

LIMA, Marcos Fernandes. Notas Sobre a História do Presente. In: PINHEIRO, Áurea da Paz e NASCIMENTO, Francisco Alcides (org.). **Cidade (história e Memória) Piauí**. Gráfica da UFPI, 2004. p. 480-492.

MARTINS, José de Sousa. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 185.

MATHEUS, Delweck. Os desafios da reforma agrária no Brasil. In: **Revista Marxismo Vivo** nº. 2. Dossiê: O mundo do trabalho. São Paulo. 2001. p. 43-46.

MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares”. In: **Projeto história**: revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento da PUC – SP: EDUC, 1981.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **Reforma agrária no Brasil**: História e atualidade da luta pela terra. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 103.

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais**. Cópia de arquivo particular sem catalogação.. Pp. 49-64.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teorias, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 80p.

MITSUE, Morissawa. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 256.

MOURA, Clóvis. **Sociologia Política da Guerra camponesa de canudos**: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. São Paulo: Expressão Popular, 2000, p. 129.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Levantamento Bibliográfico. Cadernos do / TERRA ano II. Nº. 4 – março de 2002. 39p.

NOGUEIRA, Merlong Solano. Reforma Agrária na nova República: um desafio à democracia. In: EUGÊNIO, João Kennedy. **Histórias de vários feitio e circunstâncias**. Piauí. Dom Barreto. 2001. p. 284-301.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares: tradução: Yara Aun Khoury. In: **Projeto História: Revista do programa e estudos pós-graduados em história e do Departamento de História da PUC – São Paulo**, 1985. p. 7-28.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. “A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária”. In: Revista – **Estudos Avançados** n°. 43 – **Dossiê: Desenvolvimento rural**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 185-206.

OLIVEIRA, Bernadete Castro. “Tempo de Travessia, tempo de recriação: os camponeses na caminhada”. In: Revista – **Estudos Avançados** n°. 43 – **Dossiê: Desenvolvimento rural**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 255-65.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. Recife: bagaço, 2003, p. 174.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1989. p. 3-15.

Princípios de educação do MST. In: caderno de educação n°. 8 publicação MST.

RANGEL, Maria do Socorro. Elizabeth Teixeira. **Trajetórias, escolhas e práticas**. Trabalho apresentado na disciplina: tópicos especiais em história no curso e pós-graduação em História Social do Trabalho. Campinas, 2002. 40p.

_____. **Medo da morte; esperança de vida: A história das ligas camponesas na Paraíba**. Dissertação de Mestrado apresentada ap departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000, p. 372.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970 – 1980. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 1995.

SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 143 p.

SANTANA, Marco Aurélio. **Militância, repressão e silêncio**: relato de uma experiência com a memória operária. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral. Num. 3, Junho de 2000. p. 35-48.

SECRETARIA NACIONAL DO MST. **Construindo o caminho**. São Paulo, 2001. 248p.

SILVA, Deonísio da. **Os guerreiros do campo**. São Paulo: A girafa, 2005, p. 170.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra**: experiência e memória. São Paulo: UNESP, 2004, p. 136.

SOUZA, Eduardo Ferreira de. **Do Silêncio à satanização: o discurso de Veja e o MST**. São Paulo: ANNABLUME, 2004, p. 154.

STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 167.

STÉDILE, João Pedro (org.). **História e Natureza das Ligas Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002. 192 p.

STEIN, Leila de Menezes. “Perfil do dirigente sindical rural paulista: representações, conflitos e direitos”. In: **Cadernos AEL – Conflitos no campo – 7**. Campinas, 1997. Semestral. P. 51-81.

TAVARES, Zózimo. **100 fatos do Piauí no século XX**. 3. ed. PIAUÍ: HALLEY S.A. 2000. p. 65-72.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária**: tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 204p.

TIERRA, Pedro. **Poemas**. São Paulo. Dia, 1990, p. 81.

TOLENTINO, Célia A. Ferreira. “Os fios da história de um assentamento “desaparecido”. In: **cadernos AEL – Conflitos no campo – 7**. Campinas, 1997. Semestral. P. 105-129.

WINTZ, Sidney W. Encontrando Taso, me Descobrimo. In: **Revista Dados**. Vol. 27, nº. 01, 1998. p. 45-58.

FONTES DOCUMENTAIS

A luta pela terra na história do Brasil. Arquivo da Comissão Pastoral da Terra – sem data.

Ata da XIII Assembléia da CPT – eletiva – Arquivo da Comissão Pastoral da Terra – Outubro de 1987.

Construindo a Historia da CPT Piauí – Arquivo da Comissão Pastoral.

CPT – Piauí: Prioridades nos anos 90. Arquivo da Comissão Pastoral da Terra – Abril de 1995.

Jornal O Dia – Pesquisa realizada no período de janeiro de 1988 à julho de 1996.

Jornal O Lavrador. Nº. 66, Arquivo da Comissão Pastoral da Terra – Julho/Agosto de 1990.

Relatório do 3º Encontro de Lavradores e Agentes de Pastoral do Piauí. Teresina. Comissão Pastoral da Terra. (Arquivo sem catalogo) – Março de 1979.

REVISTAS

Revista Caros Amigos. Edição especial. Nº. 6, outubro 2000. 38p.

Revista Caros Amigos. Edição especial. Nº. 12, abril 2002. 30p.

Revista Caros Amigos. Edição especial. Nº. 18, setembro 2003. 30p.

Revista Caros Amigos. Ano IV, nº. 39, Junho 2000. p. 30-37.

Revista Caros Amigos. Ano VIII, nº. 86. maio 2004. p. 16-18.

Revista Discutindo Geografia. Ano 1. nº. 6 p. 46-53.

Revista Reportagem. Ed.nº. 72, ano 5, outubro/novembro de 2005. Fascículo nº. 3, Retrato do Brasil – “A Reforma Agrária no País”.

Revista Sociologia: ciência e vida. Ano 1, nº. 3. p. 52-59.

ENTREVISTAS

ANTONIA MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA. São João do Piauí. Agosto de 2006

ANÍSIA DE CARVALHO. São João do Piauí. Agosto de 2006

ARLINDO GREGÓRIO DA SILVA. São João do Piauí. Agosto de 2006

ANTÔNIO DE DEUS – “De Deus” – Marido de Dona Antônia Maria da Conceição Silva. São João do Piauí. Agosto de 2006

DOMINGOS ARAÚJO. São João do Piauí. Agosto de 2006

JOANA ARAÚJO. São João do Piauí. Agosto de 2006

SOCORRO ARAÚJO. São João do Piauí. Agosto de 2006

JULIANO ANTONINO DE CARVALHO. São João do Piauí. Agosto de 2006

FRANCISCO JULIANO DE CARVALHO – “TICO”. São João do Piauí. Agosto de 2006

EXPEDITA DE SOUSA ARAÚJO. Teresina, Junho de 2006

INÁCIO JOSÉ DOS SANTOS, São João do Piauí. Agosto de 2006

JOSÉ DO PATROCÍNIO REIS CRONNEMBERG. São João do Piauí. Agosto de 2006

SITES

www.cebs11.org.br

www.cpt.org.br

www.ibase.gov.br – SOUSA, Maria Gorete. **Luta pela Terra:** além de ocupar as terras, precisamos ocupar as letras. Edição Especial. In: MATTAR, Flavia. “Especial-luta pela terra”. São Paulo: IbaseNet, 2005. Maria Gorete Sousa é pedagoga do MST na Escola Florestan Fernandes em Goiânia. Entrevista concedida aos editores dessa revista eletrônica. Disponível em: <[http://: www.ibase.gov.br](http://www.ibase.gov.br)

www.midiaindependente.org

www.mst.org.br

www.p.php.uol.com.br/tropico/html/textos

Música de Geraldo Vandré: pra não dizer que não falei das flores.
www.tvebrasil.com.br/pranaodizer/textos.htm